

RELATÓRIO FINAL



O PAPEL SÓCIO-ECONÔMICO DAS MULHERES CHEFES-DE-FAMÍLIA

Pesquisa de campo realizada no povoado de pesca de
Arembepe, Estrada do Côco, Município de Camaçari ,
Litoral norte do Estado da Bahia/BRASIL

Mariza de Athayde Figueiredo
Rua Desemb. Amorim Lima, 415
CEP- 05613 - São Paulo / SP
Telefone: 212.0859

AGRADECIMENTOS

A autôra gostaria de patentear seus agradecimentos ao Ministério da Educação e Cultura, através da Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAF, cuja contribuição financeira permitiu a realização - deste estudo, resultado da pesquisa de campo sobre "O papel sócio-econômico das mulheres chefes-de-família numa comunidade de pesca".

Queria ainda exprimir todo meu apreço ao Dr. Ézio Fundão por seu estímulo e apóio e em particular, à orientação e compreensão do Dr. Paulo de Góes Filho, e de toda sua equipe, sem os quais nós não - teríamos conseguido levar à bom termo este trabalho.

ÍNDICE

A - Introdução		pg. 1
B - Marco Teórico		pg. 7
C - Hipóteses de trabalho		pg. 8
D - Metodologia		pg. 9
E - Objeto do estudo: O papel sócio-econômico da mulher chefe-de-família num povoado de pesca		
Capítulo I-		
Quem é mulher chefe-de-família		pg.12
Capítulo II-		
Modo de vida comparativo entre as mulheres e os homens chefes-de-família da localidade		pg.22
Capítulo III-		
A produção doméstica não remunerada das mulheres chefes-de-família		pg.42
Capítulo IV-		
A produção remunerada das mulheres chefes-de-fa- mília		pg. 57
F - Conclusões		pg.80
G - Recomendações	→ falta ←	pg 86
H - Anexos		A a B
I - Bibliografia	→ faltam ←	

[16]

A) Introdução

O objetivo desta pesquisa limitou-se à busca de novos indicadores qualitativos sobre o papel sócio-econômico desempenhado pelas mulheres chefes-de-família* visando assim, contribuir dentro do universo comparativo ao conhecimento da realidade vivida pelas mulheres do continente Latino Americano.

Até data recente, bem pouco se conhecia sobre a problemática da mulher chefe-de-família principalmente no Brasil. Estudando essa população desde 1975, encontramos reduzido material bibliográfico específico sobre nosso país.

Se as fontes oficiais de dados estatísticos não tem se preocupado com o número e as características das famílias sustentadas por mulheres, isso não implica obrigatoriamente que tal fato não tenha um significado determinante dentro de uma sociedade capitalista e patriarcal como é o Brasil.

Foderíamos perguntar, e à justo título, quais as razões da ausência até bem recente de qualquer interesse científico e acadêmico por pesquisas e estudos relativos às mulheres chefes-de-família, pois também são raros os trabalhos sociológicos ou mesmo econômicos voltados para essa problemática.

Em fins de 74, alguns de nossos interlocutores universitários assim como certos organismos perguntavam qual o interesse em conhecer a realidade das mulheres chefes-de-família pois segundo eles, tais mulheres não eram numericamente representativas para constituírem uma categoria à parte.

É possível, que a própria inexistência de estatísticas e análises relativas a tal categoria fôsse o resultado de tais reticências.

Portanto, entre nossas primeiras referências, situam-se os trabalhos de FUKUI (1), no qual encontramos somente para a cidade de Salvador, 19% de mulheres chefes-de-família e o de VASCONCELOS(2) com uma porcentagem aproximativa de 20% de mulheres chefes-de-família sobre um total de 60 famílias entrevistadas no subúrbio de Queimados, no Estado do Rio.

Também outros estudos mais antigos mencionam a mulher chefe-de-família, ainda que indiretamente, como LANDES (3) e HUTCKINSON (4) que há vinte anos atrás encontrara 32% de mulheres chefes-de-família em Vila Recôncavo, Estado da Bahia.

*cuja definição encontra-se no primeiro relatório

(1) FUKUI L. - "Família e transformação social no Brasil: breve análise de dados censitários" - Comunicação p/"Research Comittee on sex roles on society" - julho/76/México.

(2) VASCONCELOS N. "Corpo, casa e sexo" - Pesquisa Multidisciplinar (mimeo) 76/Rio de Janeiro.

(3) LANDES R. "A cidade das Mulheres", Ed. Civilização Brasileira 1967/Rio de Janeiro

(4) HUTCKINSON H. "Village and Plantation Life in Northeastern Brasil" Univ. Press, 1957/Seattle, Washington.

Se nossa finalidade fôsse limitada à análise de dados secundários, poderíamos citar ainda outros trabalhos, muito mais recentes sôbre a mulher chefe-de-família, tal como o estudo comparativo de dados censitários de vários países, feito por BUVINIC e YOUSSEF(5) e o de BARROSO C(6) aonde ela analisa os dados da PNAD/76.

Mas se só atualmente a problemática das mulheres chefes-de-família começa a ser descoberta e aprofundada nos países em desenvolvimento, TINKER (7) já afirmava em 74 que tal categoria correspondia à 1/3 do total de chefes-de-família do globo.

A falta de informações objetivas sôbre a participação das mulheres em geral na economia e, em particular sôbre as mulheres de áreas rurais, deve-se à insuficiência dos dados estatísticos e aos vieses ideológicos que tornam inoperantes as informações; seja pela insuficiência de indicadores que permitam medir a interação entre a situação da mulher e o processo de desenvolvimento, seja pela exclusão de grande número de mulheres da População Economicamente Ativa, pelo fato de se dedicarem à produção doméstica, não contabilizada no Produto Nacional Bruto.

Segundo MADEIRA (8), utiliza-se valores tradicionais, reforçando-os ao considerarem as atividades domésticas, (tarefas usualmente atribuídas às mulheres), como a principal ocupação de qualquer mulher que não tenha uma atividade econômica claramente definida.

Essa ideologia está presente tanto na orientação seguida pelas agências censitárias quanto entre os próprios recenseadores e ainda, entre as próprias mulheres ao fornecerem as informações sôbre as atividades exercidas.

Tudo isso aumenta as dificuldades de conceituação e análise no que se refere à distinção entre as atividades econômicas e as atividades ditas "não-econômicas", visto que a maioria dos critérios empregados para sua diferenciação são geralmente arbitrários.

A classificação errônea das mulheres que exercem atividades em quanto autônomas: sejam elas artesanais ou de indústria caseira e mesmo no setôr de subsistência, faz com que todas elas sejam consideradas como dedicadas às atividades domésticas e, portanto, inativas. Isto se dá porque a realidade em que elas vivem não é estudada em profundidade, através do cotidiano.

(5) BUVINIC M e YOUSSEF N. - "Female Heads of Households: The ignored Factor in Development Planning" in International Center for Research on Women, Vol 1 n.2 Julho, 78/Washington

(6) BARROSO C - "Sózinhas ou mal acompanhadas- Situação da mulher chefe-de-família" (mimeo) Seminário "A mulher na força de trabalho na América Latina", Novembro; 78/Rio de Janeiro.

(7) TINKER I "The adverse impact of development on women", in "Women and World Development" Ed. by Tinker e Bransen B. 1975 O.D.C./Washington.

(8) MADEIRA F. "O trabalho da mulher em Fortaleza" - Primeiro - Simpósio Mexicano do Centro Americano de Investigación sobre la Mujer (mimeo), 1977/México.

A inexatidão das informações concernentes às mulheres chefes-de-família são ainda maiores e, quase sempre, falseadas por preconceitos, na medida em que se presume que a mulher só pode assumir tal papel na ausência de um homem. Por isso, embora muitas vezes, fale-se em mulher chefe-de-família, significa somente aquela que é separada ou viúva, excluindo-se a casada ou em união livre, ou a solteira, enfim, todas que incluem entre seus dependentes o homem com quem vivem.

A ideologia dominante nos países sub-desenvolvidos como em outros, é uma ideologia patriarcal e capitalista na qual conjugam-se duplos interesses em mantêr exclusivamente o homem, como chefe-de-família. Tal ideologia é veiculada através das leis, como da religião, do ensino e dos mass-media.

Apesar disso tudo, a categoria de mulheres chefes-de-família existe e escapa, seja pela força das circunstâncias, seja por vontade própria, aos esquemas e estereótipos estabelecidos social e culturalmente.

Elas constituem um tipo de família jamais considerado como tal mas que existe concretamente e que poderíamos, como ROBIN (9) chamar de família "natural"* ou monoparental.

Na realidade essa família tem uma situação jurídica, social e econômica que difere da célula familiar tradicional constituída em torno do casal, porque as leis familiares só foram concebidas em função da família formada basicamente à partir do casal. A mulher chefe-de-família tem um status à parte, pois ela não é jamais considerada enquanto tal, mesmo se ela o é de facto.

As reticências em considerar as mulheres chefes-de-família como uma categoria social, jurídica e econômica só podem ser explicadas à partir de tabús morais.

Foi preciso que as Nações Unidas, através de seus múltiplos organismos, fizesse emergir tal questão, para que o mundo acadêmico começasse a admitir a validade das pesquisas relativas às mulheres chefes-de-família.

Quando em 1977 se deu a Conferência Regional sobre a Integração da Mulher no Desenvolvimento Econômico e Social da América Latina, em Cuba, convocada pela CEPAL, de acordo com a decisão do XVII Período de Sessões da Comissão; logo em seguida a CEPAL lançou um texto(10), que trás na íntegra o Plano de Ação Regional bem como as resoluções aprovadas em Havana, em cuja Conferência o Brasil esteve presente.

*Para este autor a família natural é composta exclusivamente da mãe e dos filhos, enquanto que para outros autores, a família monoparental pode ser composta pela mãe e filhos ou pelo pai e filhos.

(9) ROBIN F. "Kingships and Marriage", Penguin Books Inc, 67 Middlesex.

(10) CEPAL- "Notas-Integração da Mulher ao Desenvolvimento da América Latina", n.249, julho/77 /Santiago do Chile.

4

Gostaríamos de retomar aqui alguns dos itens desse Plano e de suas resoluções no que concerne diretamente o objetivo desta pesquisa:

Família: (Resoluções)

37. A divisão do trabalho de acôrdo com os sexos, apoiada na tradição e nos costumes sob o pretexto de determinismo biológico, designa ao homem o papel de mantenedor do lar e relega a mulher a um papel secundário e passivo, restringindo-a aos estreitos limites do lar e às finalidades básicas do casamento e da reprodução;

43. Em relação à promoção da família, aparece como uma necessidade, melhorar a situação das mulheres não só das que vivem em uniões estáveis como também daquelas que não constituem ou deixaram de constituir uma família, como também das mulheres que são chefes-de-família;

Família: (Ações)

05. Proporcionar informação sobre a legalização da família - com ênfase especial na mulher chefe-de-família, cujo conceito ainda não está suficientemente definido, para doadjuvar no fortalecimento e bem-estar da família e na situação dos filhos extra-matrimoniais;

Criação de comissões nacionais de pesquisas interdisciplinares e multisetoriais: (Ações)

15. Melhorar os critérios de captação estatística sobre as mulheres chefes-de-família;

19. Identificar os grupos de mulheres que obtêm menos benefícios do desenvolvimento econômico e social e analisar as inter-relações dos distintos indicadores relativos à êsses grupos;

Para finalizar, gostaríamos ainda de acrescentar a ênfase dada pelo Programa de Ciências Sociais da UNESCO, aos estudos relativos às mulheres, a saber:

Família: 3. Salientar análises das famílias "one parent", incluindo a mulher das famílias matrifocais, a família da "América das Plantações", comportamentos de separação, ilegitimidade, múltiplas uniões, o poder das viúvas e o efeito de todos êsses aspectos nas diversas categorias de mulheres.

Segundo TINKER (11), durante o último quarto de século, o "desenvolvimento" tem sido visto como a panacéia para tôdas as patologias econômicas dos países em desenvolvimento, traduzido pela criação de infra-estruturas modernas que seriam condição suficiente para desenvolver a economia local, propiciando a todos, melhor nível de vida.

(11) TINKER I. Op. cit.

No entanto, diz a autôra, em todos os países e em tôdas as classes sociais, graças aos planos de "desenvolvimento", as mulheres perderam terreno em relação aos homens: o desenvolvimento aumentou a defasagem entre os rendimentos masculinos e femininos, não tendo contribuído para melhorar o nível de vida das mulheres e suas famílias, mas ao contrário, tendo tido um efeito adverso sobre as mesmas.

Como as estatísticas não refletem o trabalho das mulheres, os planejadores tampouco as incluem em seus projetos de desenvolvimento. Ao contrário e com frequência, tais projetos interferem nas atividades até então exercidas tradicionalmente pelas mulheres mas, ao invés de fornecer-lhes treinamento e formação adequada, tais possibilidades serão oferecidas aos homens que recebem não só treinamentos como reciclagem, sementes, financiamentos, e créditos, graças aos preconceitos que se refletem sobre a adequação dos papéis sexuais e assim, aumenta ainda mais a defasagem já existente entre o nível de vida dos homens e das mulheres.

Segundo BOSERUP(12), e no caso do trabalho feminino nos países em desenvolvimento deveria ser dado um destaque especial à análise do modo de produção doméstica; ao modo de produção de simples mercadorias e a permuta, produções nas quais parecem estar incluída a maioria das atividades das mulheres das zonas rurais e semi-rurais como é o caso de Arembepe.

O enfoque do primeiro relatório visava principalmente situar o povoado de Arembepe escolhido como nosso universo de estudo, dentro de um contexto geo-histórico, dentro de um cenário mais amplo, além do objeto próprio da pesquisa.

Visávamos também desenvolver os aspectos econômicos determinantes para a vida da população local ou seja, a pesca artesanal e um comércio incipiente diante de um turismo em desenvolvimento que estende-se por toda a região

A pesca artesanal, produção econômica que predominou desde a criação do povoado, está vivendo atualmente um período de transição em virtude de uma série de conjunturas já analisadas no primeiro relatório.

Arembepe é portanto um povoado em transição lenta; mas generalizada, transição esta que faz parte de um movimento de transformação mais amplo que estende-se e compromete toda a região do Município de Camaçari, seguindo o princípio de "modernização".

Em Arembepe esta transição se dá ao mesmo tempo em três diferentes direções:

* A modernização seria a conjugação de planos internacionais e projetos nacionais visando o desenvolvimento da produção, através de melhores técnicas e maior eficiência trazendo por consequência a elevação do nível de vida das famílias dos países em desenvolvimento. As aspas são nossas, pois a realidade é mais ambígua do que os planos teóricos.

(12) BOSERUP E. - "Woman's role in Economic Development", St. Martin Press, 1970/New York.

*Resumo de Arembepe
33 bincam...
O... este...
1º relatório?*

1) A transformação das relações de produção, dos conhecimentos técnicos, dos meios instrumentais e às vezes financeiros no - que se refere à pesca artesanal e à população masculina local;

2) A transformação das relações de produção no que se refere à passagem do trabalho autônomo à proletarização industrial gradativa e também no que se refere à população masculina local, graças à instalação da Tibrás* e de algumas fábricas e emprêsas de canalização e construção em toda a região, além da presença do Polo Petro-Químico de Camaçari, localizado na capital do Município.

Essas modificações, como fazemos questão de reiterar só atingiram até agora a população masculina, pois são raros senão inexistentes ^{os} emprêgos para as mulheres, assim como qualquer - possibilidade de formação profissional.

Como exemplo, podemos citar a Tibrás, aonde até mesmo os cozinheiros são homens. Existe aí um quadro de mulheres funcionárias de laboratório e secretárias, cargos bastante superiores à limitada formação das mulheres de Arembepe.

3) A aparição de um turismo ainda incipiente, quase "selvagem" pois no que se refere a projetos e recursos visando a instalação de uma infra-estrutura adequada e a formação profissional correspondente dos habitantes do povoado, nós nada pudemos - constatar.

Tudo que existe são iniciativas individuais e precárias.

A estrada de rodagem que liga atualmente a capital de Salvador até uma parte asfaltada da Estrada do Côco (uns 70 kms), permitiu o surgimento de uma grande especulação imobiliária, ao longo de toda essa costa do litoral norte da Bahia, ocasionando inclusive o exôdo de populações inteiras de pescadores para o interior das terras circunvizinhas.

Portanto em Arembepe (povoado que atrai muitos turistas graças ao seu caráter típico) não existe nenhuma previsão visando fixar e desenvolver o turismo local. E é assim que à maneira própria e improvisada, com seus limitados recursos, o povo procura rentabilizar a numerosa afluência dos fins-de-semana e das férias de verão, alugando quartos, casas, prestando serviços, realizando uma açanhada comercialização de pratos caseiros, doces e salgados típicos.

O que acabamos de descrever, leva ainda a uma quarta transformação: a da consciência coletiva do povoado, graças à soma das experiências individuais.

*Sobre a qual já nos referimos longamente no primeiro relatório

Com isto queremos dizer que a população ativa masculina, pescadores por tradição, mas aos poucos informados sobre as leis e garantias sociais aplicadas aos assalariados começam a questionar a validade do próprio "métier" e as relações de trabalho entre as diversas categorias de pescadores*.

As mulheres recebem não só o reflexo desta conscientização geral e gradativa como também, graças à presença cada vez mais assídua da classe média, começam a assimilar novos valores - criando novas expectativas para si próprias mas principalmente para os filhos no que se refere ao padrão de vida e status.

No primeiro relatório tentamos analisar em parte a composição demográfica do povoado; a divisão sexual do trabalho e em consequência as diferentes possibilidades de trabalho; assim como os diferentes tipos de família.

Nêste relatório final vamos destacar a situação das mulheres chefes-de-família que constituem a população escolhida como principal objeto deste estudo.

Vamos portanto, tentar aprofundar o conhecimento sobre seu papel sócio-econômico e seu status em relação à própria família (companheiro, filhos, ascendentes) e ao conjunto do povoado; bem como sua realidade quotidiana com seus limites e perspectivas.

*Um observatório
no trabalho*

Assim num primeiro capítulo retomaremos a questão da composição demográfica, bem como a constituição variada das famílias para no segundo capítulo apresentar cada um dos principais aspectos que envolvem a vida das mulheres chefes-de-família bem como de todos habitantes do povoado, para finalmente, nos dois últimos capítulos centralizar nossa análise e nossos dados sobre a produção, a remuneração, e todas as "artimanhas" às quais recorrem as mulheres para poderem sustentar famílias cuja média é de 5 pessoas, sem terem diante de si nenhuma perspectiva de formação profissional, emprêgo estável e em consequência de melhoria de nível de vida.

B) Marco Teórico

MICHEL(13) analisa cinco marcos teóricos, distinguidos por Hill e Hausen. Entre eles, escolhemos dois, prioritariamente, para orientação desta pesquisa:

a) Marco teórico estruturo-funcional para o qual a família é - um sub-sistema social e um dos múltiplos componentes do sistema social global, cumprindo certas funções para a sociedade.

* - cf. explicação desenvolvida no primeiro relatório
(13) MICHEL A. - "Sociologie de la famille et du mariage" Collection SUP, P.U.F., 1972/Paris.

*capitulos
marco teorico
apresentados
com o 1º m/m
deu de sub-titulos*

2

Estudando o papel da mulher enquanto chefe-de-família e a função que esta cumpre através desse papel junto à família, poderemos chegar à conclusão sobre a funcionalidade ou disfunção da mesma dentro dos limites do povoado. E verificar também em que medida tal papel corresponde à certas estruturas de produção pré-industrial ou à fase de transição que todo o povoado está vivendo, bem como verificar se a categoria de mulher chefe-de-família está aumentando ou diminuindo e em função de que fatores.

b) Marco teórico institucional para o qual a família é uma das múltiplas partes que compõem e mantêm o sistema considerado como um organismo.

Nesse sentido interessam-nos sobremaneira as relações entre a família e as outras instituições sociais; sua interação ou ausência da mesma.

Conscientes de estarmos realizando uma pesquisa sociológica, gostaríamos ainda de considerar a análise "situationnelle" como a denominou o antropólogo Balandier, análise que destaca os fenômenos de dinâmica social e mudanças.

Sendo um dos nossos objetivos realizar um estudo crítico de uma realidade social determinada, esperamos poder pôr em evidência a realidade das mulheres chefes-de-família, através da apresentação de suas vidas quotidianas e através dos dinamismos contraditórios ou conformes ao modelo dominante.

C) Hipóteses de trabalho

As famílias denominadas "incompletas"* e geralmente matrifocais não seriam símbolo de uma "desorganização familiar", salvo se admitirmos que o único modelo familiar válido é a família patriarcal e nuclear. Ao contrário, essas famílias seriam organizações funcionais dentro de um contexto determinado, sobretudo nos meios pobres e rurais ou entre o sub-proletariado urbano**.

O número de mulheres chefes-de-família deverá continuar aumentando por várias razões:

- 1) Até bem pouco, mesmo as pesquisas empíricas ou as estatísticas oficiais consideravam a família como o elemento de referência e a figura masculina adulta do grupo familiar como o chefe-de-família, ou seja, seu provedor econômico;
- 2) A mulher só era considerada chefe-de-família circunstancialmente, quando viúvas ou separadas (sem ter voltado à viver com outro homem ou para a casa dos pais ou parentes).

* Quando constituídas por um só dos membros do casal e os filhos.

** Cf. REICHEL-DOLMATOFF I./74, RODMAN H./71, MEJÍA P./72, PEREIRA DE QUEIRÓZ M.I./74, FRIEDMANN N./75.

9

Hoje em dia começa-se à admitir que existem famílias nas quais, embora exista uma figura masculina adulta ou mais, (pai, marido, sogro, filho,) é a mulher quem contribue com a maior parte, se não com a totalidade da renda necessária à subsistência do grupo familiar.

Isso pode se dar seja porque o homem é enfêrmo, aloólatra, inválido físico ou mental, prisioneiro, seja porque tem várias mulheres e/ou famílias, etc.

Nas famílias ditas "incompletas", o nível de vida seria inferior ao das famílias "completas", não somente por contarem as primeiras com uma pessoa a menos para trabalhar mas também porque a maioria das mulheres dos meios pobres e rurais, tendo recebido apenas uma formação escolar relativa e raramente alguma formação profissional, não teriam acesso às mesmas atividades que os homens. Mas justamente as atividades ditas "masculinas" é que são geralmente melhor remuneradas. Assim, as atividades que as mulheres assumiriam hoje em dia, não seriam nada mais que a simples extensão das atividades ditas "domésticas" e oferecidas à terceiros em troca de pouca ou má-remuneração, já que o trabalho doméstico não é reconhecido um valôr de mercadoria.

Existiria portanto uma profunda contradição entre a produção concreta de riquezas (bens) pelas mulheres e o empobrecimento sistemático dos lares aonde elas são as chefes-de-família.

Desde os primeiros anos de vida, a mulher é condicionada e preparada para assumir o papel de dona-de-casa, em vista de uma união e da consequente reprodução. Esse condicionamento incluiria a expectativa do papel de chefe-de-família do marido, ou seja, do provedor econômico, daquele que iria sustentá-la bem como os filhos.

Porém, se por um lado a mulher responderia à expectativa masculina, assumindo inteiramente as responsabilidades familiares esperadas de uma esposa e mãe, por outro lado o homem nem sempre responderia à expectativa de responsável econômico do grupo familiar, cabendo então à mulher, assumir ambos os papéis familiares, portanto sexualmente divididos pela ideologia patriarcal e capitalista.

D) Metodologia

Queremos apresentar uma pequena introdução à metodologia, que ajudará à esclarecer nossa postura neste estudo bem como a escôlha dos métodos utilizados.

Queremos pôr em evidência uma certa ótica no tratamento das ciências sociais e dos objetivos de estudos científicos assumidos através dela, que se refere à sociologia radical, desenvolvida por volta dos anos 60, em Columbia Univ., pela qual optamos neste trabalho.

"É entre os militantes da liberação que se deve buscar as primeiras formas desta sociologia. Ao invés do sociólogo tornar-se militante, é o militante que torna-se sociólogo. Para o militante, o engajamento político é uma questão à qual se responde eventualmente em têrmos de análises e enquetes. Para o negro nacionalista, a opressão da qual são objeto seus irmãos de raça, é uma evidência quotidiana e não cabe sequer provar. Da mesma maneira, para as militantes do Movimento de Liberação das Mulheres, é uma

evidência concreta que as mulheres são, dentro da sociedade ocidental (e patriarcal*), tratadas como uma humanidade de segunda categoria.

O que fazer para mudar esta situação de fato? Toda luta engajada implica na crítica das experiências passadas e na popularização do Movimento junto àquelas que não são militantes. É sob a forma de análises críticas que se desenvolve um novo tipo de conhecimento sociológico" (14).

Procuramos assim, escolhêr os métodos mais adaptáveis ao tipo de enfoque que desejamos dar ao papel sócio-econômico da mulher chefe-de-família: um enfoque em profundidade.

Nossa pesquisa empírica se situa dentro da microsociologia - o papel da mulher chefe-de-família e a relação da função dessa família, no povoado.

Examinaremos o contexto sócio-econômico no qual ela está inserida assim como o processo evolutivo desse tipo de organização familiar.

D.1) Métodos utilizados: escolha, dificuldades, descobertas e críticas

Considerando que já apresentamos a metodologia utilizada no primeiro relatório, vamos apresentar neste ítem apenas certos aspectos que foram inicialmente omitidos.

Escolha: Antes de optarmos por uma enquete geral do povoado, recorreremos à pesquisa de dados secundários, baseando-nos nos dados do I.B.G.E. (recenseamento de 1970), bem como nos dados da O.I.T (15)

Tal pesquisa levou-nos à múltiplas conclusões, como já tinha sido assinalado por BOUDON (16) "o fato de dispôr de dados que não foram obtidos por nós mesmos, apresenta um inconveniente evidente: nós não encontraremos forçosamente as informações que buscamos" Pois é exatamente desse problema que se trata, quando o estudo - implica num objeto tão continuamente esquecido e mesmo ignorado: as mulheres.

Mesmo quando se trata de uma pesquisa cuja problemática inclui as mulheres, estas são citadas somente de passagem ou incluídas abstratamente no plural (eternamente) masculino: Os homens (no sentido de: seres humanos...)

Segundo TINKER (17) "enquanto as estatísticas não mostrarem as mulheres trabalhando, os planejadores não poderão planejar novas ocupações para elas".

*acrescentado pela autora.

(15) Organização Internacional do Trabalho "Labour Force Estimates 1950/70 and Projections 1975/2000"; Vol. III Latin America,

(14) HERPIN N. "Les sociologues américains et le siècle" Col. SUP/P.U.F. 73/ Paris.

(16) BOUDON R. "Les méthodes de la Sociologie" P.U.F, 1970/Paris.

(17) TINKER I. Op. cit.

11

Por isso começamos a pesquisa de campo por um levantamento geral do povoado para obter o número real de habitantes, de unidades domésticas, das famílias e das mulheres chefes-de-família

A escôlha da observação-participante teve também por objetivo, preencher outra lacuna e desta vez nossa: o desconhecimento e a inarticulação de uma terminologia local, bem como de certos usos e costumes, antes de podermos estabelecer um contato mais direto com as mulheres chefes-de-família.

Esse método nos permitiu a familiarização progressiva com as pessoas e o estabelecimento dos contatos seguintes foi de confiança recíproca o que ampliou as possibilidades de resolvermos as dificuldades que poderiam surgir durante a etapa de entrevistas semi-dirigidas.

Cumpre ainda mencionar que nossa primeira escôlha tinha sido a de realizar entrevistas não-dirigidas porque buscávamos não somente dados concretos e objetivos, capazes de nos serem fornecidos por qualquer informante feminina do povoado mas principalmente dados sôbre a existência quotidiana das mulheres em geral e das chefes-de-família em particular.

Como MICHELAT (18) pensamos que: "a informação obtida pela entrevista não-dirigida é considerada como correspondente aos níveis mais profundos. Isto porque parece existir uma relação entre o grau de liberdade deixado ao entrevistado e o nível de profundidade das informações que êste pode fornecer. A liberdade oferecida ao entrevistado facilita a produção de informações sintomáticas que arriscam ser consuradas num outro tipo de entrevista. Considera-se que a entrevista não-dirigida permite, melhor que outros métodos, a emergência de um conteúdo sócio-afetivo profundo, facilitando ao entrevistador o acesso à essas informações que nao se pode obter diretamente". Se nos limitamos às entrevistas semi-dirigidas foi pelas razões já apontadas no relatório anterior.

Dificuldades e descobertas: Foi muito difícil fazer compreender as mulheres que as diferentes atividades que elas exerciam (embora fôssem as mesmas, objetivamente), eram diversas na medida em que realizadas dentro do contexto da produção doméstica ou dentro de um contexto de prestação de serviços à terceiros. Para elas, já que a realização de tôdas as atividades quotidianas tem por objetivo único, a subsistência e o bem-estar da família, elas não distinguem umas das outras.

Descobrimos à seguir, que a noção de tempo para elas não é função das horas do dia, cronometradas por um relógio, mas função de períodos. Assim: pela manhã antes do sol nascer; quando o sol já está forte; ao meio-dia; logo depois do almoço; quando o sol já está fraco; de tardezinha ou quando os barcos já vem voltando; quando escurece; etc.... *

(18) MICHELAT G. "Sur l'utilisation de l'entretien non-directif en sociologie" in Revue Française de Sociologie, XVI n.2, 75/Paris
* O estudo do budget-temps (orçamento do tempo), permite uma análise mais aprofundada das atividades realizadas pela mulher em casa e no exterior, contribuindo inclusive para o aprimoramento de noções e conceitos a serem utilizados pelos censos e outras fontes de informação estatística.

Críticas: Consiste numa auto-crítica pois optamos por aplicar o "budget-temps" logo depois da entrevista semi-dirigida e na realidade, foi um erro tático. Constatamos que as mulheres se cansavam com a entrevista que exigia um duplo esforço de concentração, pois implicava em recordações ao mesmo tempo que suportavam as interferências externas*

Auxiliar-nos com as informações necessárias para que pudessemos preencher as fôlhas de "budget-temps", exigiu delas um novo esforço e maior disponibilidade de tempo e tudo isso de uma só vez

E) O objeto de estudo: O PAPEL SÓCIO-ECONÔMICO DAS MULHERES CHEFES-DE-FAMÍLIA

Capítulo I - Quem é mulher chefe-de-família

Queremos primeiramente retomar a definição já apresentada no relatório anterior sobre CHEFE-DE-FAMÍLIA: pessoa economicamente responsável de um ou mais dependentes a ela ligados por laços de consanguinidade, conjugalidade e outros. Ou simplesmente: a pessoa que sustenta um grupo familiar ou uma unidade doméstica.

I.1 - Diferentes categorias de mulheres chefes-de-família

- a) Solteiras;**
- b) Casadas ou em união-livre;***
- c) Separadas;
- d) Viúvas;

QUADRO N. 1

Total das mulheres do povoado e porcentagem das mulheres chefes-de-família.

FAIXA ETÁRIA SIT. CONJUGAL	15-30		31-45		46-60		61 e +		TOTALS		%	
	♀	♀ ^{oo}	♀	♀ ^c	♀	♀ ^c	♀	♀ ^c	♀	♀ ^c	♀	♀ ^c
SOLTEIRA	61	4	5	1	—	—	1	1	67	6	50,37	4,51
CASADA UNIONIZADA	87	4	67	9	26	6	6	—	186	19	90,73	9,26
SEPARADA	4	11	7	10	15	4	9	—	35	25	58,33	41,66
VIÚVA	—	1	1	2	5	1	8	5	14	9	60,86	39,13
SUB-TOTAL	152	20	80	22	46	11	24	6	302	59	83,65	16,34
%	88,37	11,62	78,43	21,56	80,70	19,29	80,2	20,8	83,65	16,34	99,99	20
TOTAL ABSOLUTO	172		102		57		30		361		361	

*Procuramos sempre evita-las propondo a entrevista com antecedência e à sós e nos adaptando sempre aos horários e locais escolhidos pelos próprios entrevistados.

** P/efeito deste estudo foram consideradas como solteiras, as mulheres que embora tendo filhos nunca viveram com um homem sob o mesmo teto e aquelas que não tendo nem filhos nem marido, sustentam pais, irmãos, parentes ou terceiros.

*** As mulheres que vivem em união-livre e mesmo as separadas, embora possam também nunca terem se casado no civil ou religioso, não podemos considerá-las solteiras, porque vivem ou viveram com um homem sob o mesmo teto, numa relação conjugal.

♀ Símbolo que usaremos para designar a mulher

♀^{oo} Símbolo que usaremos para designar a mulher chefe-de-família

Analisando o quadro n. 1 vemos que a maior porcentagem de mulheres chefes-de-família concentra-se na faixa de 31 a 45 anos; 21,56% sobre um total de 102 mulheres. Quanto à situação conjugal, destacam-se as chefes-de-família separadas; 41,66% sobre um total de 60 mulheres.

Entre as 361 mulheres do povoado de Arembepe, com 15 anos de idade e mais, encontramos 59 mulheres chefes-de-família, que representam 16,34% desse total.

1.2- Diferentes tipos de estrutura familiar encontrados em Arembepe.

- a) Família conjugal (composta pelo homem e a mulher)
- b) Família nuclear (composta pelo homem, mulher e filhos)
- c) Família "incompleta" (mulher e filhos ou homem e filhos)
- d) Família matrifocal extensa *
- e) Família patrifocal extensa

A definição de FAMÍLIA, de SOROKIN (19), apesar de antiga (1947), pareceu-nos a mais objetiva entre vários autores. Para Sorokin, a família é "um grupo multifuncional de relações múltiplas, condicionado por laços biológicos existentes entre vários indivíduos".

O autor argumenta: "Todos os grupos sociais possuem unidades compactas que estabelecem os laços entre a sociedade global e os indivíduos que a compõe. Os laços de base biológica entre diversos indivíduos (seja a relação de um casal ou a deste com os filhos, ou a relação entre estes últimos), tôdas essas relações são concebidas sob diversas formas, segundo a sociedade à qual pertence o indivíduo.

A História da Humanidade nos mostra as diferentes formas pelas quais evoluíram as famílias, assim como os estudos antropológicos sobre culturas distantes, nos demonstraram a diversidade de concepções do significado social dos laços estabelecidos entre os indivíduos de uma sociedade determinada".

Para Sorokin portanto, a família é um fenômeno social mais do que um simples fenômeno puramente biológico e por isso as diversas estruturas ou modalidades familiares são função de um contexto global no qual estão inseridas

Quanto à origem das famílias matrifocais e sua sobrevivência - até hoje, estudamos múltiplas teorias, tão numerosas quanto con- traditórias. Ao estudá-las, nossa finalidade não era a de chegar a uma conclusão definitiva pois as causas de seu aparecimen- to já se perderam através da História, mas somente de enrique- cer nossa pesquisa de algumas reflexões relativas à êsse tipo - de estrutura familiar.

HERSKOVITS (20) sustenta que a família matrifocal extensa é uma - sobrevivência da família africana a qual se caracterizaria pela

* Núcleo familiar pelo lado materno ou paterno.

(19) SOROKIN P. "Society, culture and personality; a system of ge- neral sociology, 1947/New York

(20) HERSKOVITS M.J. "Trinidad village" Ed. Knopf, 1947/USA.

troca objetiva, entre as vantagens econômicas oferecidas pelos homens e os serviços sexuais (e domésticos) prestados pelas mulheres, além de conferir aos homens o direito sobre a progeneratura.

Outros, como HENRIQUES, FREILICH e FRAZIER(21), sustentam que a família negra matrifocal seria o resultado de três fatores - conjugados:

- a escravidão: que teria separado homens e mulheres (pois de acordo com os contratos do tráfico negreiro, era proibido trazer mais de 1/3 de mulheres em cada lote de escravos);
- a exploração sexual: exercida pelos donos de escravos sobre as escravas e, finalmente;
- a apropriação pelos donos de escravos, da progeneratura das mulheres escravas;

Ainda segundo os autores supra-citados, os escravos livres, não possuindo trabalho estável, dirigiam-se para os centros urbanos, deixando suas famílias no campo e constituindo novas famílias nas cidades aonde se instalavam.

SMITH(22) por ex., afirma que as uniões livres visavam apenas uma tentativa entre os casais no início da relação e, para este autor, a matrifocalidade corresponderia a períodos temporários do ciclo de vida, sobretudo entre os jovens e os velhos.

Nesse sentido nossa pesquisa de campo vem a confirmar tal teoria, pois constatamos que as jovens que têm uma primeira relação, fixa ou temporária, não chegam às vezes nem sequer à sair da casa da mãe (ou dos pais). Outras, tendo fracassado a tentativa de viver com o homem, e encontrando-se diante da responsabilidade de criar um filho sózinha, voltam à casa da mãe (ou dos pais), encontrando aí uma infra-estrutura material, de serviços e afetiva, que lhes permitirá ausentar-se e exercer atividades remuneradas para poder sustentar a criança.

Já as mulheres separadas, na faixa etária de 31 a 45 anos, vivem com seus filhos e às vezes netos, só mantendo relações temporárias ou ocasionais.

Pudemos constatar também que mesmo os homens jovens ou adultos quando se separam, voltam à viver com a família de origem por razões de ordem econômica e de conforto até voltarem à constituir outra família.

A mulher mais idosa, viúva ou separada, voltará à morar com alguma de suas filhas ou estas virão morar com ela, trazendo por sua vez seus próprios filhos, se também forem separadas ou viúvas.

Retomando alguns dados do primeiro relatório queremos aqui lembrar que encontramos em Arambepe, um total de 292 famílias, das quais, 200, ou seja: 68,49% possuem um chefe-de-família, as

(21) HENRIQUES, FREILICH, FRAZIER, in BASTIDE R. "Les Amériques Noires" Ed. Fayot, 1967/Paris.

(22) SMITH R, in BASTIDE R. Op. cit.

sim divididas: 141 famílias (70,5%) possuem um homem chefe-de-família e 59 famílias (29,5%) possuem uma mulher chefe-de-família.

As 57 Comunidades Econômicas* englobam as 92 famílias restantes, cuja característica principal está justamente na ausência de um provedor econômico principal ou único.

A tese oficial de certos sociólogos como GOODE w. (23) e WINCH (24) estabelece que a estrutura familiar nuclear ou conjugal, sempre foi e continua sendo a norma em todos os países do mundo.

No entanto, outros estudos bem mais recentes, como os de FUKUI L/74(25), MICHEL A/75(26), AS B/75(27), LUVINIC e YOUSSEF/78 - (28), nos mostram um número cada vez maior de outros tipos de estrutura familiar.

QUADRO N. 2

Chefes-de-família e diferentes tipos de estrutura familiar em Arembene

ESTRUTURA FAMILIAR	♂ %	♀ %	TOTAL
FAM. CONJUGAL	3	11	14
FAM. NUCLEAR	14	103	123
FAM. "INCOMPLETA"	22	5	27
FAM. PATRIFOCAL EXT.	2	5	7
FAM. MATRIFOCAL EXT.	18	11	29
TOTAL	59	141	200
20	29,5	70,5	100%

♂ Símbolo que usaremos para designar o homem chefe-de-família.

*E o conjunto de pessoas que vivem sob o mesmo teto, ligados por laços de consanguinidade, conjugalidade ou outros e que contribuem em proporções quase equivalentes para o orçamento mínimo familiar, imprescindível à subsistência do grupo.

(23) GOODE w. "Illegitimacy in the Caribbean Social Structure", in American Sociological Review n.25, 1960/USA.

(24) WINCH - idem

(25) FUKUI L. Op. cit.

(26) MICHEL A. Op. cit.

(27) AS B. "On female culture", in Acta Sociológica 18 n.2/3, 1975 Copenhagen.

(28) LUVINIC W. e YOUSSEF N. Op. cit.

Para simplificar a tipologia familiar, reduzimos a mesma aos cinco tipos mencionados no quadro n.2, embora nesses cinco - tipos de base, encontramos variações que incluem adotivos, - afilhados, hóspedes e outros agregados, parentes ou não.

Vimos no quadro n. 2 que as mulheres vivendo conjugalmente, representam apenas 21,42% do total de famílias conjugais enquanto que paralelamente, elas representam 81,48% das famílias ditas "incompletas".

A família patrifocal extensa representa apenas 3,5% do total das famílias enquanto que a família matrifocal extensa representa 14,5% das 200 famílias.

A grande maioria dos homens chefes-de-família vive em famílias nucleares (77,3%) enquanto apenas 23,72% das famílias chefiadas por mulheres também são nucleares.

Se por um lado há uma grande defasagem entre as porcentagens de mulheres e homens chefes-de-família nos tipos de famílias: conjugal, nuclear e incompleta, predominando a chefia masculina nos dois primeiros tipos e a feminina no terceiro; por outro lado a estrutura de família extensa também prevalece entre as mulheres chefes-de-família: 33,89% do total das famílias chefiadas por elas, e apenas 18% do total das famílias chefiadas pelos homens.

Isso confirma em certa medida, o que outros autores como REICHEL-DOLMATOFF I. (29), HUTCKINSON (30), WOORTMAN K. (31), já tinham assinalado em estudos relativos a pequenas comunidades - de predominância étnica negra e mestiça de negra, onde a família matrifocal extensa se caracteriza pela solidariedade material e afetiva entre seus membros (femininos e masculinos) da linha materna.

1.3- Características dos maridos ou companheiros das mulheres chefes-de-família

Entre as 59 mulheres chefes-de-família, 19 ou seja: 32,2% possuem um marido ou companheiro, ou dito de outra forma, estão casadas legalmente ou vivem atualmente em união livre.

O fenômeno da união livre (vida conjugal sob o mesmo teto, sem contrato legal ou religioso), é bastante generalizado em toda América Latina, como já foi demonstrado por RODMAN H. (32), ZUNIGA (33), GUTIERREZ DE PINEDA V. (34), para citar apenas alguns autores.

Faixa de Idade

15 a 30 = 4/21, 05%

31 a 45 = 7/36, 84%

46 a 60 = 6/31, 57%

61 e + = 2/10, 52%

Nível de instrução

Analfabeto = 2/10, 52%

Assina nome = 7/36, 84%

Prim. Incompl. = 6/3, 57%

Prim. Compl. = 1/5, 26%

Secund. Incompl. = 1/5, 26%

Acima Secund. = 1/5, 26%

(29) REICHEL-DOLMATOFF I. "Aspects de la vie de la femme noire dans le passé et de nos jours en CO", in BASTIDE R. "La femme de - couleur en AL" Ed. Anthropos, 1974/Paris

(30) HUTCKINSON. Op. cit.

(31) WOORTMAN K. "Marginal man and dominant women: kingship and sex roles in the Bahian poor" (mimeo) Univ. Fed. Brasília, 77/Brasil

(32) RODMAN H. "Lower class families: Trinidad" Oxford Univ. Press, 71

(33) ZUNIGA L. "La familia campesina en Honduras" in CIDAL, 40/México

(34) GUTIERREZ DE P.V. "Familia y cultura en CO", Tercer Mundo y Departamento de Sociología da Univ. Nac. de CO, 1958/Bogotá.

Número de relações fixas que tiveram, incluindo a atual

1 relação = 5/26,31%
 2 relações = 9/47,36%
 3 relações = 4/21,05%
 4 relações = 1/5,26%
 5 e + " = nenhum

Contribuição econômica ao orçamento familiar (regular)

nenhuma = 3/15,78%
 1 a 500,00/M = 6/31,57%
 501 à 1000/M = 7/36,84%
 1001 a 1500/M = 2/10,52%
 1501 à 2000/M = nenhum
 2001 à 2.500/M = 1/5,26%
 mais de 2500/M = nenhum

QUADRO N. 3

Limites da participação no orçamento familiar

FAIXA ETÁRIA	DOENTE ATUAL/			INVÁLIDO			NÃO ENCONTRA TRAB.			GANHA POUCO	GANHA MAS EN POUCA EM CASA
	TGM	+1 ANO	+5 ANOS	ALTO	MODER.	BAIXO	TGM	+1 ANO	+5 ANOS		
15 a 30	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2
31 a 45	-	1	-	-	1	-	10	-	-	1	3
46 a 60	-	-	-	-	-	-	-	1	-	2	4
61 e mais	-	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-
TOTAL	-	1	1	-	1	1	1	1	-	5	8

○ Embora êle não consiga um trabalho fixo, faz biscates ocasionais.

Os 3 homens que não participam nunca ao orçamento familiar, são os dois enfeermos e aquêle que não encontra trabalho há mais de um ano, isto porque, sendo pescador-marinheiro, criou inimizade entre os mestres por beber muito e negar à cumprir ordens uma vez embarcados, o que é inadmissível dentro da hierarquia nesse meio profissional.

Quanto ao que é inválido mental, êle tem problemas ligados à epilepsia e quando está bom ajuda a mulher que possui um negócio. Entretanto o aspecto mais importante deste quadro é que sobre o total de 19, 42,10% ganha o suficiente mas dá muito pouco dinheiro em casa.

Vendo-nos na impossibilidade de perguntar-lhes diretamente uma vez que públicamente negam, obtivemos, através de vários informantes, as seguintes respostas:

"Gastam muito e consigo próprio mesmo e nas rodadas de cerveja para os amigos. Vão também pras festas de todos os povoados por aqui e lá gastam tudo que tem."

Ou ainda: "Não sabem controlá seus negócios, gastam mais do que podem e é a família que sofre. Se num tem outras famílias por aí, tem outras mulheres".

O outro homem que agora não encontrar trabalho há mais de seis meses também é pescador-marinheiro. Êle sofre de caimbras e não consegue passar mais de um dia "embarcado". Daí fazer biscates ocasionais em outras áreas de ocupação.

Cumpra notar que é muito frequente em Areembepe um pescador-marineiro alegar que não encontrou trabalho naquela semana ou durante alguns dias. Entretanto, atualmente dois barcos estão parados por falta de equipe. Os donos de barco, cada vez mais, mandam chamar ou buscar pescadores de outros povoados mais distantes e bem menores porque assim eles tem certeza de que seu barco estará continuamente no mar.

Para as mulheres, a presença do homem na família representa antes de tudo uma auto-afirmação e uma garantia social de respeito mais do que a possibilidade, eventual, de melhorar o orçamento familiar.

No entanto elas possuem por outro lado, autonomia individual para "trocá-los" quando são "maus" o que significa: que bebem demais, batem nelas ou mantêm múltiplas relações paralelas, conhecidas publicamente e que muitas vezes ainda exigem dinheiro da própria mulher.

Nesses casos elas passam a ser consideradas "vítimas" pelo consenso geral e se sentem reforçadas socialmente para "despedí-los". Na maioria das vezes, é o homem que terá que sair da casa: seja porque esta pertence à mulher (graças às suas economias, por herança, etc), seja porque ainda dentro do consenso geral, cabe àquêle que não agiu como um "verdadeiro homem", deixar a casa, como uma espécie de "indenização" ou "compensação", no caso em que haja filhos resultantes dessa ligação.

Citação de trechos de entrevistas com mulheres chefes-de-família

"Meu pai morreu em seu poder, êle bebe muito, é brigão, quase num faz mais nada, mas é só por isso que eu deixo êle aí".

"Meu primeiro marido era só na cachaca que êle gastava. Dava besteira de dinheiro. A gente vivia em Itapôa. Viemos prá Areembepe, aqui tenho tôda minha família, mas aqui também êle continuou a beber. Depois, só aparecia cada 7 dias ou de mês em mês. Então eu larguei dêle" (Entrev. n.2)

"O dinheiro dêle era exclusivamente para a bebida. Êle não se preocupava com a casa. Então o dinheiro que eu ganhava, era naquela época, o salário. Meu dinheiro eu metia todinho nas despêsas da casa. Pagava aluguel, comida, tudo. Era eu que arcava com a responsabilidade dêle" (Entrev. n.5)

"Eu saia 5.30 hs. da manhã. Ia trabalhá. E êle? na rua, de sunga, bebendo... Criá filho mais homem adulto? Isso não! Então um dia eu disse prá êle: se manda!" (Entrev. n. 18)

1.4 - Algumas características das mulheres chefes-de-família

Há quanto tempo são chefes-de-família

1 dia a 6 meses = nenhuma
<u>6/M e um dia à 2 anos = 10/16, 94%</u>
2,1/A à 3 anos = 5/8, 47%
3,1/A à 5 anos = 4/6, 77%
5,1/A à 7 anos = 7/11, 85%
7,1/A à 10 anos = 4/6, 77%
10,1/A à 15 anos = 11/18, 64%
15,1/A à 20 anos = 8/13, 55%
<u>20,1/A e mais = 10/16, 94%</u>

Como podemos verificar na tabela anterior, há uma concentração de chefia-familiar feminina nas relações recentes (6 meses a 2 anos) e depois uma grande concentração entre aquelas que são chefes-de-família há 10 anos e mais (49,13%)

Tal resultado confirma uma relação entre o ciclo de vida, aonde as mais jovens e as mais velhas aparecem como chefes-de-família e será juntamente entre as mulheres chefes-de-família há mais de dez anos que se formarão os núcleos matrifocais.

Número de relações fixas que tiveram* incluindo a atual (se houver)

Nenhuma = 6/10, 17%
 1 relação = 30/50, 84%
 2 relações = 21/35, 59%
 3 " " = 2/3, 38%
 4 e + " = nenhuma

Embora a metade das mulheres chefes-de-família tenham tido uma só união, 35,59% tiveram pelo menos duas uniões. Essa segunda união é sempre uma nova tentativa, sobretudo quando ainda são muito jovens, que, mesmo sem sucesso em termos econômicos, servirá para preencher dentro do quadro familiar a referência social masculina. E, para a mulher, face ao grupo masculino da comunidade, ter um homem em casa significa não estar disponível para todos os outros pois dentro da mentalidade dominante local, uma mulher só é, em princípio uma mulher que precisa de um homem (Embora o sentido que eles atribuem ao verbo precisar seja múltiplo e ambíguo nesse caso)

QUADRO N. 4

Situação conjugal na época em que se tornaram chefes-de-família

FAIXA ETÁRIA	SOLT.	1ª UNIÃO	2ª UNIÃO	3ª UNIÃO	SEPARADA	VIÚVAS	TOTAL	%
15 a 30	9	28	3	—	3	2	45	76,27%
31 a 45	3	1	4	—	2	1	11	18,64%
46 a 60	—	1	1	—	1	—	3	5,08%
61 e mais	—	—	—	—	—	—	—	—
TOTAL	12	30	8	—	6	3	59	100%
%	20,33	50,84	13,55	—	8,47	6,77		

*Não encontramos hesitação nem reticência por parte de nossos entrevistados em nos informar sobre o número de relações fixas que tiveram. Quanto às relações ocasionais ou paralelas, percebemos que os homens quando à sós conosco, queriam contar "vantagens" e que as mulheres negavam a pergunta com risos e desconfiança. Por isso achamos que não convinha insistir nesse aspecto.

O quadro n. 4 nos mostra, ao contrário do que é comumente citado por diversos autores que afirmam que as mulheres só se tornam chefes-de-família, em consequência de separações ou viuvez, que pelo menos no que se refere à Areembepe, a realidade é outra: 50% das mulheres tornaram-se chefes durante a primeira união, enquanto que apenas 15,24% o fizeram em consequência de separações ou viuvez.

É preciso notar-se ainda, que a separação em muitos casos, é a consequência de uniões onde a mulher já vinha assumindo uma dupla responsabilidade familiar: dentro de casa e como provedora econômica da família.

QUADRO N. 5

Origem geográfica das mulheres chefes-de-família

FAIXA ETÁRIA	LOCAL	RURAL	URBANA	TOTAL	%
15 a 30	12	3	5	20	33,89
31 a 45	13	6	3	22	37,28
46 a 60	5	5	1	11	18,64
61 e mais	5	1	—	6	10,16
TOTAL	35	15	9	59	99,97
%	59,32	25,42	15,25	"	99,97

Por êste quadro constatamos que a migração da zona rural para Areembepe, entre as mulheres chefes-de-família foi mais intensa que da zona urbana para a mesma localidade. O movimento maior de deslocamento se deu entre as idades de 15 à 45 anos, sendo que as mais jovens procediam da zona urbana enquanto as mais velhas, vinham da zona rural.

Creemos que a explicação está na própria informação de nossas entrevistadas: trazidas da cidade por patroas, durante as férias de verão, aí estabeleciam uma primeira relação e ficavam. Às vezes, mesmo depois da relação terminada aí continuaram porque "é muito difícil ir morá na cidade com filho pequeno", ou porque já tinham uma casa.

Quanto às mulheres que vieram de zona rural, vieram - na maioria das vezes já com marido e filhos, procurando ambos melhores condições de vida, seja fazendo de Areembepe uma etapa intermediária antes de alcançar Salvador, objetivo final, seja numa tentativa de melhores condições de trabalho (construção, Tibrás, etc.)

Número de mulheres chefes-de-família que trabalharam em centros urbanos.

Situação conjugal na época

Solteiras = 23/38,98%

Casadas/U. I. = 17/10,14%

Separadas = 7/11,86%

Viúvas = nenhuma

TOTAL = 36/61,01% (sobre o total das 59 mulheres chefes-de-família)

Podemos notar que a maioria das mulheres chefes-de-família, viveu e trabalhou durante um certo período da vida, sobretudo quando solteiras, num centro urbano (Salvador e 2 no Rio de Janeiro) Portanto, se houve uma migração grande, ela foi apenas temporária.

As razões apontadas pelas próprias mulheres são as seguintes: Falta de perspectiva de trabalho além do trabalho de domésticas em casas de família;

Não encontraram marido ou tiveram apenas relações temporárias;

Não tinham "padrinhos" nem "pistolão" para conseguir empregos no Serviço Público;

Não conseguiram sua finalidade que era conjugar trabalho e estudos; (por falta de tempo, de dinheiro, permissão patrões);

Total* de filhos das mulheres chefes-de-família e das mulheres casadas com homens chefes-de-família**

	♀c	♀
Não tiveram nenhum filho	3/5,08%	9/6,92%
Entre todos os filhos que tiveram, nenhum morreu.	30/50,85%	58/44,61%
Total de filhos	310	764
Vivos	221/71,29%	551/72,12%
Mortos	89/28,7%	213/27,87%
Média de filhos***	5,53	5,87

A diferença maior na comparação entre as mulheres chefes e as mulheres vivendo com um homem chefe-de-família, no que se refere à progeneritura está na média de filhos por mulher, mas esse dado não é satisfatório se consideramos que as 130 mulheres vivem até hoje com um homem enquanto entre as mulheres chefes-de-família, a maioria encontra-se atualmente sem um companheiro (fixo pelo menos) O mesmo comentário pode ser feito diante do fato de que, aparentemente, maior porcentagem de mulheres chefes-de-família não perdeu nenhum filho que teve. Mas, ao contrário, enquanto as mulheres não-chefes tem 72,12% do total de filhos, vivos, as mulheres chefes apresentam uma porcentagem ligeiramente menor: 71,29%.

De acordo com o último censo nacional**** temos para a zona rural de todo o Estado da Bahia, os seguintes dados que gostaríamos de comparar com aqueles obtidos em Areipebe:

Média de filhos tidos por mulher =	5,77	5,53	5,87
" " " vivos atualmente =	4,56	3,94	4,23
" " " mortos " =	1,20	1,58	1,63

Se a quantidade de filhos tidos pode ser equiparada, notamos que as mulheres chefes-de-família tem menos filhos vivos e que a mais alta média de filhos mortos, corresponde à das mulheres que vivem com homens chefes-de-família. Mas de modo geral, as médias encontradas para todo o Estado (zona rural) e as do povoado são bastante próximas.

* Na data em que realizamos a enquete (Set/78)

** Entre os 141 homens chefes, só consideramos os que vivem atualmente com uma mulher ou companheira.

*** Só consideramos 56 mulheres chefes, já que 3 não tiveram nenhum filho e 121 entre as outras mulheres.

**** Censo demográfico da BA, IBGE - Op. cit.

Capítulo II - Modo de vida comparativo entre as mulheres e os homens chefes-de-família

Vamos salientar neste capítulo alguns aspectos dominantes da vida num povoado, como moradia, saúde, alimentação, etc. tentando pôr em evidência as semelhanças ou diferenças que existem tanto na prática quanto na mentalidade do grupo masculino e do grupo feminino.

II-A Necessidades fundamentais:

A.1) Moradia

"Quando eu vim do Aquí da Torre pro Arembepe, eu só tinha 4 anos. Já faz 20 anos. As casas aqui era assim: uma aqui, outra lá adiante. Casa tôdinha de palha. Era tudo espalhado. - Aqui onde hoje é a Praça dos Coqueiros, as casas de palha ficavam aí mesmo. Minha casa também era tôda de palha. Mais tarde, quando voltei de Salvador*, minha casa já era de taipa e coberta de palha(Entrev.n.30/2)

Há poucos anos (uns 8 talvez), começou a "grande reforma" de Arembepe.

Os atuais donos da terra, herdeiros da Sra. X., perceberam - que, graças à estrada de rodagem; ao afluxo e à propaganda - feita pela presença dos hippies, o lugar acabaria por atrair os veranistas.

Êles propuseram então aos habitantes, a compra de loteamentos que fizeram, (em terrenos afastados da praia,) atualmente os bairros da Caraúna e Volta do Robalo - dando-lhes uma escritura definitiva de propriedade por um preço irrisório, em troca das antigas casas que os pescadores possuíam frente ou próximo ao mar.

Essa medida permitiu que as novas casas já fôssem construídas com taipa rebocada ou mesmo de alvenaria e telhas.

A casa-tipo atual de Arembepe contém uma peça comum, entre 1 e 3 quartos, todos com dimensão suficiente para abrigar apenas 1 cama e mais nada. Uma cozinha atrás da peça principal. As vezes uma varanda na frente ou atrás. Na maioria das casas, ainda a divisão entre as peças é só de meia-parêde.

Entretanto o problema de moradia em Arembepe está cada vez mais grave para o habitante local, sobretudo para as famílias - que tem menos condições econômicas como é o caso das mulheres chefes-de-família. Os aluguéis são muito altos (por causa da possibilidade de alugar para veranistas e fins-de-semana), e a permissão para construir da Prefeitura custa 6.000,00.

Essa é mais uma razão que reforça a existência de núcleos multifocais e famílias extensas.

"Vivo nêsse "puxado" que mãe fêz prá mim faz dois anos (Uma peça exígua de taipa, ligada à casa principal, coberta de zinco, aonde há uma cama de casal colada à parêde da janela e entre a cama e a porta há justo o espaço necessário para abrir a mesma) "Durmo aqui com um tanto de menino" (Ela, uma filha de 19 anos e o filho desta recém-nascido, mais um irmão de 9 anos) (Entrev. n.2/2)

* Foi com 7 e voltou com 19 anos.

Mulheres e homens chefes-de-família (entrevistados) que possuem casa de aluel

♀ (30)	♂ (15)
Possuem = 3/10%	6/40%
Não possuem = 27/90%	9/60%
Moram casa própria = 21/70%	13/86,66%
Moram casa familiares = 8/26,66%	1/6,66%
Moram casa alugada = 1/3,33%	1/6,66%

Como vemos poucas mulheres chefes-de-família possuem casas de aluel comparativamente aos homens chefes-de-família/ Quanto à morar em casa própria a desproporção é bem menor, mas como já mencionamos anteriormente, a tendência em caso de separação é que a mulher fique com a casa. Si também parte das famílias formadas por mulheres chefes-de-família são matrifocais, isto vem a reforçar o número de casas próprias entre elas. A mulher chefe-de-família que mora em casa alugada, está há pouco tempo no povoado, e veio de Salvador. Constitue também um núcleo matrifocal. Nota-se também que êle predomina entre as mulheres chefes-de-família ao comparar quantas delas vivem na casa de familiares (26,66%), para apenas (6,66%) dos homens chefes-de-família.

Citação de trecho de entrevistas

"Então viemos prá casa de mãe porque a situação nossa lá tava muito ruim. Êle foi piorando também" (Entrev. n.28/♀)

"Vim de Itapôa prá cá porque lá os recursos eram poucos e minha mãe vivia aqui. Depois ela me faltou e eu fiquei com o terreno dela. A casa eu é que reconstruí. Já fui viúva. Agora vivo há 5 anos com um rapaz. Mas êle é fraco. É pescador. Tempo ganha, tempo não." (Entrev. n.27/♀)

"Aqui é a casa de yó. Ela tá com 84 anos. Eu vivo aqui mais meus filhos e mais mãe que trabalha também. Ela lava de ganho. Eu também lavo de ganho e boto água. Marisco prá vender camarão - torrado. Faz 3 anos que meu companheiro foi embora. Aí eu vim - morar com mãe" (Entrev. n.25/♀)

"Até hoje eu não entendo como consegui comprar os terrenos e - construir as 3 casas, incluindo a que eu moro. Hoje eu vejo o - preço dos terrenos... Eu não entendo mais como consegui! Essas 2 casas que alugo é minha segurança. Construí com o dinheiro da pescaria. Primeiro comprei os terrenos. Foi duro" (Entrev. n.3/♂)

"Prá mim, trabalhando aí na Tibrás e morando aqui é uma vantagem grande. O transporte é de graça, é da fábrica mesmo. A água de - beber eu trago de lá. Se precisar de algum dinheiro vou a firma. A casa aqui alugo por 600,00. Tá barato porque é de um cumpadre" (Entrev. n.10/♂)

"Êle é muito mais moderno que eu, mas procurou família muito cedo. Eu em solteiro, tudo que fazia ajuntava prá fazer minha casa. Quando procurei família já tinha 2 casas. Aí construí a terceira" (Entrev. n.14/♂)

A.2) Alimentação

Sobre esse aspecto nos limitaremos à transcrever algumas citações de entrevistas salientando a diferença de mentalidade entre as mulheres e os homens chefes-de-família, pois êle já foi desenvolvido no primeiro relatório.

"Janto quando quero. Às vêzes até um pedaço só de pão eu como. As crianças gosta de café com bolacha. Êles num são muito chegado à come de noite" (Entrev. n. 1/4)

"Só almoço. Num tenho costume de jantá: só café com pão. Mas - aqui eu num deixo faltá o cuscús de Milharina prá criança" - (Entrev. n.3/4)

"Eu me preocupo com uma alimentação razoável para as meninas: cardápio variado e equilibrado. Eu tenho que dar verduras, mudar de carne e dar peixe. Eu não vou só ficar encharcando de farinha. Sempre estou dando vitamina e cálcio. Tem pessoas, como o Sr. X: êle tem 5 casas de aluguel e na casa onde mora não tem sanitário e a comida... é a pior. Eu não sei, fico até com pena dos filhos dêle. Pela cara das crianças a gente nota..." (Entrev. n.5/4)

Enquanto a preocupação das mulheres concentra-se sobretudo em torno da qualidade e da repartição dos alimentos, particularmente em relação às crianças, os homens limitam-se à exigência em encontrar sempre algum alimento preparado para si ao voltar do trabalho e em comer bem, pessoalmente.

"Eu mesmo num faço nada. Só quero chegá e dizê: tem café? Gosto de encontrá tudo pronto. Ela é quem resolve tudo. Eu não quero nem saber. Eu só quero chegá e encontrá minha comida pronta. Vou pro meu trabalho. Num quero nem saber..." (Entrev. n.3/5)

"Geralmente todos pescador é casado porque é uma classe que num dá pro cara ser solteiro porque é muito cansado. Pro sujeito chegá e ter que ir fazê comida! A gente casa prá ter conforto, ter um lar prá podê descansá e podê comê bem quando chegá. A pessoa passa 3 ou 4 noites sem dormir, mal alimentado, se deita no molhado. Si é prá chegá em casa e num ter assim um ambiente que êle possa descansá, acho que êle vai à pique muito cedo" (Entrev. n.6/5)

"A gente toma fiado de Dona X. Quando tenho, compro à dinheiro senão é fiado. Quando tou em casa, gasto 300 por semana. Quando fico pescando, êles gasta 100 por semana (mulher, filho de 3 anos e um bebê) Quando estou no "sêco", gasto bem mais. Quando eu chego, quero comer bastante" (Entrev. n.15/5)

A.3) Saúde e Higiêne

Embora exista um Pôsto Médico em Arembape, dependente da Prefeitura de Camaçari, em caso de urgência é a Tibrás que fornece um carro. A própria Prefeitura não fornece ambulância e o Pôsto de Saúde não dá os remédios, nem vende. Apenas diagnostica e receita.

25

A pessoa, em caso de urgência é encaminhada para o Pronto Socorro de Itapôa que é o mais próximo visto que a estrada que liga Camaçari aos povoados da costa é praticamente intransitável (de terra e sem nenhuma conservação)

O atendimento no Pronto Socorro bem como nos serviços do INPS além de exigirem da pessoa, horas de espera, humilhação sistemática no trato por parte dos médicos como dos subalternos*, visitas repetidas, receita remédios custosos, obriga a muitas viagens à Salvador e mantém a pessoa na ignorância total de um diagnóstico.

Daí proliferar Mães e Pais-de-Santo no povoado e nas vizinhanças cuja finalidade principal nos parece, a explicação do mal estar, e a cura através de rezas, "trabalhos", chás de folhas, dietas, enfim, uma realidade ao alcance do nível econômico e da mentalidade local. Portanto ao recorrer à Mãe ou ao Pai-de-Santo é todo o oposto que se dá... mas os habitantes não gostam muito de conversar sobre esse assunto com "os brancos".

Para aqueles que trabalham na Tibrás, existe um convênio com uma cadeia de farmácias de Salvador. A pessoa paga também mas se precisar a firma concede um adiantamento de salário. Se isso beneficia as famílias que tem um homem chefe-de-família não beneficia à nenhuma das famílias com mulher chefe-de-família.

Para os pescadores afiliados à colônia da Sudepe, pode-se conseguir, através do Presidente da referida colônia, um internamento hospitalar e/ou uma cirurgia. É o Funrural quem assume o doente, seja ele próprio, mulher ou filhos menores.

Citação de trecho de entrevistas

"Se a criança ficá doente e precisá de remédio tem que ir prá Itapôa correndo. Não dão remédio de graça. Eu faço chá de folha senão, se eu comprá os remédio o dinheiro não dá prá comprar da semana. Se ela fôr aguentando e eu arranjà um dinheirinho, aí dá prá compra..." (Entrev. n.4/♀)

"Em janeiro fiquei muito doente. Nervoso. Insônia. Eles disseram que era pressão alta. Tomei chá de maracujá, suco de maracujá e fiz chá das folhas do maracujá mesmo. Cadê dinheiro prá comprar os remédios? Mas boh, boa mesmo, num tô. Tenho umas vertige, vejo tudo rodá e num consigo dormi. Mas o doutô diz que já to boa" (Entrev. n.10/♀)

"Eu estava com o menino bem ruim. Saí daqui, fui no Funrural de Camaçari, no Pronto Socorro X. Eu pago a Colônia. Me atenderam muito bem pelo Funrural. O menino estava muito doente, com uns carôcos. Eu já tinha levado várias vezes no Posto daqui. Atenderam muito bem também, mas não curaram o menino. Ele tava com 3 meses. Fui mais minha espôsa. Tomei dois ônibus, lá mandaram comprar uma pomada que custou 130,00. Mas ele se deu bem e agora está muito melhor" (Entrev. n.5/♂)

"Não dá prá economizá. Se precisa recorro à firma. Remédio mesmo eles tem convênio com as farmácias X. A assistente social de lá dá um papel prá gente comprar e às vezes empresta o dinheiro também mas eles não dão os remédios não" (Entrev. n.10/♂)

* Segundo nossos informantes.

Quanto à higiene, a lagôa "resolve" todos os problemas: aí lava-se a roupa, toma-se banho, usa-se como sanitário. Também mariscam, peicam e nos fins-de-semana os turistas se distraem lavando seus carros.

Aos poucos, em virtude da presença cada vez maior de veranistas, as casas construídas para serem alugadas, passam a ter fossa séptica e bomba elétrica para água e também chuveiro. Isso por exigência e reclamação dos veranistas o que ajuda de certa forma aos habitantes locais, adquirirẽem certa consciẽncia das vantagens higiênicas de tais aquisições.

Mas, se a maioria das casas já tem luz, fogão à gaz, televisão e geladeira, dificilmente possuem sanitário ou chuveiro. A ordem de prioridades do chamado conforto ou consumo moderno, é a seguinte: Luz, fogão à gaz, televisão, geladeira, bomba elétrica ou vitrola, fossa séptica.

Citação de trechos de entrevistas:

"Eu já tenho fossa séptica mas num tenho sanitário nem bomba elétrica. Tá custando mais de mil cruzeiros e eu num tenho. -- É prá quando Deus ajudá..." (Entrev.n.1/?)

"Eu só tenho bomba d'água pro gasto. Água de beber tenho que comprar. Agora tô levantando uma parêde lá trás porque quero alugar um quartinho no verão e eles reclama si num tem sanitário e chuveiro. (Entrev. n.12/?)

"A casa da peixaria é minha. Agora me mudei para o andar de cima da peixaria. A outra eu aluguei mas eu não botei água nem -- prá mim e êle (o locatário), queria que eu pusesse prá êle! (Entrev.n.7/?)

A.4) Escolaridade: nível e tipo de instrução *

Ela é bastante elevada para o povoado. A grande maioria das crianças em idade escolar (5 à 18 anos), frequentam seja o primário municipal local, seja o secundário em Vila de Abrantes (único para tãda a região da Estrada do Côco incluída no Município de Camaçari).

Em Arembepe há uma preocupação generalizada atualmente para que os filhos completem seus estudos, pelo menos até o fim do secundário. No primário os pais não agem com critério de discriminação sexual, mas sim em função do rendimento escolar. (Está claro que um julgamento pode esconder o outro, visto que, de volta à casa, os meninos só precisarão fazer os deveres escolares e poderão ir brincar enquanto que a grande maioria das meninas, des de 5 ou 6 anos de idade já começa a ajudar a mãe ou as irmãs maiores nas múltiplas tarefas domésticas e portanto lhes sombra muito menos tempo para dedicar aos estudos.)

Percebe-se e isto é confirmado pelas próprias famílias, que a maioria faz sacrifícios econômicos para comprar os uniformes, e todo material escolar. Mas para os pais há uma dupla significação dos filhos na escola: imediate - status para os pais e medida de nível cultural. Como eles mesmo dizem: "Eu não sou ignorante, sei que a escola é bom prá meus filhos". A longo prazo: melhor perspectiva de trabalho, emprego fixo, garantias sociais. Ou, como disse uma entrevistada que já citamos: "prá poder trabalhará sentado depois".

* Os quadros sobre instrução dos enetes-de-família (homens e mulheres) estão no primeiro relatório.

QUADRO N. 6

Grau de escolaridade* dos filhos dos homens e mulheres chefes-de-família**, que vivem atualmente na casa dos pais.

GRAU DE ESCOLARIDADE	NÃO ESTÃO NA ESCOLA		PRIMÁRIO INCOMPL.		PRIMÁRIO COMPLETO		SECUND. INCOMPL.		SECUND. COMPLETO		TÉCNICO INCOMPL./COMPL.		MORAL.	
	♀	♂	♀	♂	♀	♂	♀	♂	♀	♂	♀	♂	♀	♂
4 a 6	6	3	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
7 a 9	2	1	4	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
10 a 12	-	-	1	3	-	1	-	-	-	-	-	-	1	-
13 a 15	-	1	6	1	2	1	1	1	1	-	1	-	-	1
16 a 18	-	-	2	2	1	-	1	1	3	-	1	-	-	1
19 a 21	1	-	1	-	1	3	-	1	-	-	-	-	-	-
21 e MAIS	-	-	-	-	2	1	-	-	1	1	-	-	-	-
TOTAL	8	4	5	10	2	2	1	2	2	1	-	-	1	3
o/o	14,54	7,27	9,09	18,18	3,63	3,63	1,81	3,63	3,63	1,81	-	-	1,81	5,45
	10,56	7,27	7,27	13,16	4,38	3,52	1,75	4,37	6,97	1,76	-	-	0,87	2,63

♀ Símbolo para designar as meninas

♂ Símbolo para designar os meninos

o Resultados relativos aos filhos de homens chefes-de-família

oo Resultados relativos aos filhos de mulheres chefes-de-família

Os homens chefes-de-família entrevistados tem um total de 55 filhos, dos quais 20 são crianças com idade inferior à 4 anos.

As mulheres chefes-de-família entrevistadas tem um total de 114 filhos, dos quais 23 são crianças com idade inferior à 4 anos.

Foram incluídos os filhos adotivos. Enquanto as mulheres chefes-de-família possuem 20, encontramos apenas 1 adotivo entre os homens chefes-de-família

Os homens chefes-de-família demoram mais para enviar os filhos à escola do que as mulheres chefes-de-família, sendo que enquanto estas retêm em casa mais tarde 10,5% de meninas já em idade escolar, eles retêm mais meninos 17,26%.

40,35% dos filhos das mulheres chefes estão cursando o primário ou pararam seus estudos no primário incompleto. Nessa frequência temos maior quantidade de meninas.

27,27% dos filhos dos homens chefes também estão cursando o primário sendo que a maioria são meninos.

7,4% dos filhos das mulheres chefes tem primário completo para apenas 7,27% dos filhos dos homens chefes. No primeiro caso predominam

*Estão incluídos os filhos que estão estudando ou terminaram e em que grau pararam.

** 15 homens e 30 mulheres.

21
e no segundo caso, a porcentagem é igual para ambos os sexos, 6,14% dos filhos das mulheres chefes estão cursando o secundário ou interromperam-no sem terminá-lo, mas no caso a maioria são meninos.

5,45% dos filhos dos homens chefes também estão cursando o secundário e também nesse caso a maioria é de meninos.

2,63% dos filhos das mulheres chefes tem secundário completo e apenas 1,81% dos filhos dos homens chefes também tem, sendo que no primeiro caso a maioria é de meninos e no segundo caso, só as meninas concluíram o secundário e nenhum menino o fez. Nesta amostra, somente os filhos das mulheres chefes-de-família frequentam o Colégio, provavelmente porque anteriormente a mãe não teve condições de enviá-los à escola.

Ainda nesta amostra não constatamos nenhum filho, menino ou menina, dos chefes-de-família todos, que estivessem frequentando algum curso técnico ou curso superior.

Sabemos, porque encontramos em várias famílias (com homens chefes-de-família que há vários rapazes fazendo cursos técnicos - em Salvador ou se preparando para ingressar nos mesmos como também para ingressar em universidades. Quanto às moças, encontramos apenas uma, em todo o povoado que está fazendo um curso técnico de Administração de Empresas e conta ingressar na faculdade posteriormente, filha de uma sra. que é chefe-de-família. Neste quadro portanto os resultados que se destacam são: que entre 4 e 6 anos as mulheres chefes enviam menos meninas à escola provavelmente fazendo assim uma economia de uniformes, e material escolar. Mas porque nas famílias aonde o homem é chefe, são os meninos os que menos frequentam a escola nessa idade? - No primário incompleto ou completo temos uma porcentagem maior de meninas filhas de chefes-de-família mulheres que frequentam - mas no secundário, teremos bem mais meninos. Isso confirma que a visão tradicional ainda predomina de que é mais importante para o menino o estudo do que para a menina, uma vez que não se tem condições econômicas para mandar todos à escola. Os meninos também são privilegiados não só em função da mentalidade tradicional mas provavelmente porque necessitando a mãe trabalhar e estando fora de casa ou ocupada em atividades remunerativas, ela recorrerá às filhas maiores para cuidar da casa e dos irmãos menores e estas se verão assim impossibilitadas de continuar os estudos.

Quanto aos filhos dos homens chefes, embora haja o dobro de meninos no primário incompleto, vamos encontrar uma porcentagem - idêntica entre os sexos no primário completo. Já no secundário também entre os homens chefes-de-família há uma quantidade maior de meninos no secundário incompleto e novamente no secundário completo vamos encontrar 1,81% de meninas para nenhum menino. Isso significa que, uma vez dada à menina a possibilidade de fazer seu curso e poder estudar, ela chegará a completá-lo, seja primário ou ginásio, mais do que os meninos.

Citação de trechos de entrevistas:

"Meu filho mais velho vai fazer o básico depois da 8a. série. Ele queris pará de estudar mas eu disse: depois mais tarde você vai vê X, vai podê ganhá sentado! Então agora êle tá achando que vai fazê química" (Entrev. n.1/?)

"X está no ginásio. É filho-de-família. Ele está com 19 anos. Só estuda, não faz mais nada. Eu quero deixar meu filho empregado antes de morrer, é só o que eu quero: qualquer trabalho fixo" (Entrev. n.10/?)

"A minha filha de 17 anos termina o ginásio êste ano. Vai e trabalha em Salvador numa loja. Depois, em 1980 ela vai trabalhar e estudá, porque aí já vai tá acostumada com a cidade. Ela vai vivê na casa de um irmão que mora lá" (Entrev.n.13/2)

"Eu não posso dizer o que eu quero que êles sejam. Às vêzes a gente quer um médico, um professor, mas depende da vontade dêles e a gente não pode dizer nada" (Entrev.n.11/5)

"Prefiro que não fôssem pescador. Me refiro na parte dos meninos. Preferia que estudassem, que fôssem professor, mecânico co... Prá elas? nem sei, por aqui é difícil...(Entrev.n.12/5)

"Trabalho para que meus filhos estudem muito. Quero que mais tarde tenham melhor emprêgo. Pescaria é muito arriscado. Tô com vontade que tirem documento. Um dêles quer ser motorista e já acertei com um colega para ir ensinando e eu vou comprar um carro para êle. As filhas arranjando empêgo é negócio muito bom, mas casamento... quando dá um elemento ruim, é a derradeira coisa." (Entrev. n.14/5)

Quanto à instrução para os adultos, existe curso do Mobral mas as tarefas domésticas, quotidianas e intensas deixam muito pouco tempo disponível às mulheres (cf. veremos na análise do budget-temps), para que possam frequentar o curso de alfabetização para adultos ou participar de qualquer outro curso paralelo que poderia contribuir à melhorar suas condições de vida. Além disso, sendo o curso do Mobral ministrado à noite e mixto, a maioria dos homens que o frequenta não querem a presença das mulheres, em particular da própria companheira, sob o pretexto, muitas vêzes real, de que esta não tem com quem deixar os filhos. Outras vêzes, e sob diversos outros pretextos, êles estão na realidade encobrendo sentimentos de respeito humano, por não saberem lê e escrever ou por saberem ainda menos que a própria ou as outras mulheres. Também têm medo que estas se apresentem com melhores resultados que êles.* Acontece também que quando algum não se opõe a própria mulher não vê a utilidade do curso, dentro da realidade imediata e preferirá ficar em casa, do que sobrecarregar-se com uma atividade à mais.

Quanto aos cursos paralelos, realizados por convênio Setrabes, Ematerba e outras entidades, ou através das Irmãs Missionárias de Jesús Crucificado, são cursos geralmente frequentados por adolescentes e jovens, sem nenhuma aplicação imediata rentável, "apenas um passa-tempo" como dizem elas mesmas, ou como dizem os orientadores "para aperfeiçoá-las nas artes domésticas": cozinha, bordado, costura...

A escola só pode levar ao aprendizado da leitura e da escrita, além da aquisição de conhecimentos gerais mas nunca à um "savoir-faire" diretamente útil ao exercício de uma profissão ou atividade remunerada.

Pelo próprio conteúdo dos currículos e programas e da ideologia que os anima, a escola trás, junto com um certo grau de conhecimento, novas perspectivas de auto-realização que visam o sucesso social.

* Cf. entrevista com professores do Mobral local.

O diploma, associado à perspectiva de riqueza e poder, tem tendência à substituir ideologicamente, o papel que representavam as profissões autônomas no sistema de produção da pesca e as outras atividades também autônomas e decorrentes da mesma produção.

A escola tem assim, tendência à promover aspirações e condutas que entrarão em conflito com as normas tradicionais e locais e que portanto só encontrarão realização na grande cidade.

O tipo de mobilidade social autorizado pelo nível de instrução, acaba favorecendo a migração (sobretudo por parte da juventude feminina) já que na própria localidade não há nenhuma perspectiva de formação profissional nem de mercado de trabalho, capazes de compensar, em termos econômicos e de status, todos os sacrifícios feitos pela família e pelos próprios jovens visando obter um diploma secundário.

Nós encontramos em Arembepé uma grande defasagem entre a importância acentuada pela escola em relação à mobilidade social e as possibilidades objetivas oferecidas pela própria localidade e que serão analisadas mais detalhadamente no final deste estudo.

II-E) Autoridade, poder e/ou prestígio das mulheres chefes-de-família junto ao companheiro, aos filhos, a família extensa e a comunidade.

A figura masculina é sempre "a imagem de marca" ditada pelo próprio condicionamento social, familiar, escolar. É o modelo veiculado pela sociedade patriarcal, seja ela um pequeno povoado de pesca de um país em desenvolvimento ou um grande centro urbano dos países desenvolvidos. Dela decorrem todos os privilégios sociais e individuais mesmo se em particular, um homem pode ser objetivamente incapaz, segundo os valores de uma sociedade utilitária. Todo homem tem, em princípio, valor e prestígio. Por ser um homem, por ter essa "imagem de marca" que o distingue dos outros seres humanos: as mulheres.

Assim por ex., um homem só será desprezado quando trair outro homem: no trabalho, por dinheiro ou com mulheres.

Numa família tradicionalmente sustentada e "dirigida" por um homem, seu poder, autoridade e mesmo preponderância ou despotismo são aceitos como consequência de seu papel de chefe-da-família.

Nas famílias, aonde é a mulher que sustenta os filhos, jovens e crianças, bem como netos, adotivos, outros agregados e às vezes até o próprio marido ou companheiro, a situação nem sempre é a mesma.

Assim uma mulher adulta, separada ou viúva terá o prestígio e o respeito decorrentes do dinheiro que trás para casa e do qual depende o resto da família para viver. Esse prestígio lhe confere o direito de exigir ajuda e participação dos demais membros, de acordo com as atividades "próprias" à cada sexo e em função das idades também.

No entanto qualquer preponderância ou despotismo poderá ser questionado pelos filhos homens adolescentes ou adultos, que já terão interiorizado o valor "natural" do próprio sexo.

Se o papel de "chefe" é visto de forma precária ou ele é até deslocado pela mulher que sustenta a família mas tem em casa um companheiro, esse poderão os filhos e os demais respeitá-la ou prestigiá-la dentro de um papel que ela mes

ma parece não admitir?

Citação de trechos de entrevistas:

"Ele vive da pescaria, nem sempre dá. As vezes leva mais de dois meses que não tem dinheiro, nem prá comprá os cigarros, mas Deus me ajuda. Se não fôsse o acarajé... As meninas me ajudam também. Ele vai pros arrecifes e probrejo com as meninas, pega peixinho, abobó... prá gente comer. Pescaria é assim... Se eu tivesse melhor condição ele não tava nem pescando. Ele vive doente, mas me ajuda a toma conta dos netos que to criando" (Entrev. n.8/?)

"Eu num vivo doente é nada. Eu já to velho. Naufraguei muitas vezes mas eu num quero tirá minha aposentadoria, porque se eu ganhasse uma aposentadoria eu bebia tudo em cachaça" (Entrev. do companheiro da Entrev. acima)

"Aqui vivi com X que era pescador-marinheiro. Vinte anos. Eu não fazia nada. Só as coisas da casa e trabalhá em casa de branco. As vezes por aqui mesmo, as vezes em Salvador. Eu vinha só de mês em mês. O que ele ganhava num dava. Eu ia trabalhá prá ajuda. No verão era um pouco melho. Eu trava - lhava 3 meses e mandava o dinheiro prá ele. Quando não dava prá eu vim, ele ia tirando fiado na venda. Eu mesma num gasta - tava quase nada. Só no transporte. Comia e morava na casa do patrão. Sempre com a menina junto, uma filha de criação que eu tinha. Eu num podia deixá ela sózinha. Ele ia pescá" (Entrev. n.9/?)

"Ele tem bronquite. Há mais de 12 anos que não pesca. Eu botei minha quitandinha em casa e eu é que dou o duro aqui. - Ele não trabalha em mais nada. Ele vai 2 ou 3 vezes à Salvador porque eu mando ele ir comprar uns temperinhos prá quitanda. Em Salvador eu trabalhava em salão de cabelereiro. Aqui a gente vende muito fiado. Eu também preparo almoço de encomenda nos fins-de-semana. Não dá prá botá pensão porque sózinha eu não aguento.

Eu sou a cabeça, eu sou a mulher, eu sou o homem da casa. Aqui eu sou tudo.

Quando eu digo prá ele procurá algum trabalho, ele começa à respirá errado. Se eu morrer primeiro, ele tá mal" (Entrev. n.15/?)

"Eu só vendo meu acarajézinho que é prá dá comida aos meus filhos. Prá dá o que eles necessitá. Também vendo peixe frito e outros tira-gôsto. Fui viúva, agora vivo com um rapaz faz 5 anos. Mas ele é fraco, é pescador. Tempo ganha, tempo não... e eu tenho 8 filhos que moram comigo. Também vou fazendo meus docinhos que as crianças vão todo dia vender" (Entrev. n.27/?)

As atitudes da própria mulher chefe-de-família, se ela tiver um companheiro, são ambíguas. Essa ambigüidade traduz a contradição na qual ela vive, diante de uma sociedade que "promete" um homem para sustentar o lar enquanto ela cuidará da casa e dos filhos e na realidade essa divisão de responsabilidades não se produz entre o casal. Ela tem uma dependência formal em relação à ele. Os filhos, mesmo adultos à respeito e seu reconhecimento e afeição é voltado para ela.

Entretanto muitas vezes quando a mulher já é idosa e chefe-de-família de um núcleo matrifocal, acontece que filhos adultos, homens, expropriam-se de suas pertencas, como móveis,

ou mesmo a própria casa, exigindo dela trabalhos caseiros e uma procuração com a qual se apropriam da aposentadoria dela, dando-lhe em troca um teto e comida, quando na realidade ela poderia gozar de perfeita autonomia econômica e - mesmo sustentar a família do filho e os netos. Esse caso não é exceção e ouvimos a mesma narrativa por parte de várias senhoras idosas e nas vizinhanças.

Citação de entrevista com um padre que atua na região:

"Eu já tinha trabalhado 4 anos aqui, mas 80% dos velhos mesmo, eu não conhecia. No entanto visitei muitas casas. Entrei até no mato e não os conhecia. Eles viviam como bichos. Pior do que qualquer cachorro. A família? Ninguém se preocupava. Quando eles ainda podiam trabalhar um pouquinho, tinham alguma coisa. Quando em 72 entrou em vigor a lei que atribuía aos velhos uma aposentadoria pelo Funrural, aí eles começaram a aparecer. Todas famílias tinham pelo menos um velho..."

Já as filhas mulheres ajudam a família ou a mãe com dinheiro quando tem um trabalho e mesmo nas atividades domésticas enquanto que o filho homem, uma vez adolescente e adulto, mesmo que comece a ganhar algum dinheiro com biscates, guarda-o inteiramente para si.

Casado e depois separada, frequentemente voltará à casa da mãe, para aí buscar uma infra-estrutura material (teto, comida, conforto, afeição) mas só contribuirá ocasionalmente e com muito pouco, até conseguir nova mulher e formar outra família *

As mulheres chefes-de-família separadas ou solteiras, não hesitam em reconhecer sua própria autonomia financeira e seu papel de chefe-de-família, bem como manifestam desprezo pelos homens que não são capazes de assumir as responsabilidades econômicas de uma família.

Citação de trechos de entrevistas:

"O pai das crianças era de Candelas. Ele trabalhava na Polícia e nós vivíamos juntos mas o que ele ganhava não dava para as despesas. Eu já vendia na Feira de São Joaquim. Larguei dele e arranjei outro que trabalhava na lavoura mas não dava para viver também: eu vendia frutas e um balaio por dia é pouco. Mais o transporte... dava mal. Mas eu mantinha meus 5 filhos. Era eu que comprava tudo: roupa, remédio e a casa era também minha própria que a tia que me criou é quem me deu"
(Entrev. n. 8/?)

Toda essa contradição confirma uma de nossas hipóteses segundo a qual haveria uma profunda defasagem entre as expectativas dos mútuos papéis sexuais, preconizados pela sociedade, dentro de uma relação conjugal.

Na realidade, entre o papel ideal da mulher (aquele que o homem é condicionado a esperar dela, uma vez sua esposa e mãe de seus filhos) e o papel real (ou seja, a vida quotidiana da dona-de-casa, mãe e esposa) existe uma profunda identidade. No entanto, entre a imagem que as mulheres tem do futuro marido e o papel real que cada um deles exerce, existe pouca coincidência senão profunda defasagem.

Na prática podemos traduzir assim: quando o homem estabelece uma relação fixa com uma mulher e vão viver sob um mesmo teto, ele espera que ela realize todos os trabalhos domésticos

que cuide dele e dos filhos, pessoalmente.

Esta expectativa do homem deverá ser correspondida pelo comportamento conforme da mulher sob pena de sanções que irão desde as discussões até os maus tratos físicos. O homem se concebe pois como "o chefe" da família e quer ser tratado e reconhecido como tal. Ele goza de um poder social conferido pelos usos e costumes da sociedade patriarcal e goza também do direito à autoridade decorrente do papel de chefe-da-família. Essa autoridade ele exerce sobre todos os membros da família que, em princípio, dependem dele economicamente. Mas, quanto às obrigações correspondentes ao papel de chefe-de-família, ele poderá ou não corresponder à expectativa. Tudo dependerá de cada caso individual.

Por múltiplas razões: umas de caráter objetivo, como o problema da instabilidade da renda na produção pesqueira; ou outras de caráter subjetivo, como as consequências da chamada "virilidade e/ou machismo? múltiplas relações, jogos, bebedeiras, farão com que o homem contribua de maneira insuficiente ao sustento da família.

E assim as mulheres se vêem desamparadas, tendo que fazer face à qualquer tipo de biscate ou trabalho ocasional para completar, senão para assegurar integralmente o orçamento familiar.

Mas num caso ou em outro, o homem jamais se perguntará se não há contradição entre seus "direitos" que emanam do papel de chefe-de-família e as obrigações decorrentes deste mesmo papel. Ele continuará agindo com a mesma autoridade como se seu papel fosse cumprido de forma coerente: a comida deverá estar sempre pronta e ser copiosa. Suas roupas bem lavadas, e quanto aos seus gastos extravagantes e a pouca contribuição ao orçamento familiar, ele não precisará dar satisfações a ninguém.

O papel do homem "chefe" da família é portanto muitas vezes apenas ideal. A noção de responsabilidade econômica diante da mulher e dos filhos é relativa e individual. No entanto, isso é, bem ou mal, aceito por todos. Daí a ausência de possibilidades de pressão da mulher sobre o mesmo para exigir dele que cumpra seu papel.

Elas começam por camuflar à si próprias a realidade, dizem-se que é passageira. Uma vez admitido o definitivo da situação, elas tentarão encontrar outro, admitindo que tiveram pouca ou "má-sorte". Depois de uma ou 2 experiências, elas terminarão optando por formar núcleos familiares matrilineares e passarão a ter apenas relações ocasionais com os homens.

Citação de trechos de entrevistas

"Casaram, não deram sorte com os marido, então desistiram né?" (Entrev. n. 3/4)

"Apesar de tudo, ainda fiquei com ele 7 anos, porque eu ainda estava naquela de que ele era o chefe-da-família e que nós tínhamos que criar juntos as meninas. Quando eu vi que só ia jogando barro na parede e aquele barro nunca segurava, eu ficava velha, as meninas crescendo... e nós não tínhamos nada!" (Entrev. n. 5/4)

No entanto, toda a experiência e a multiplicidade dela, vivida pelas mulheres por nós entrevistadas, não parece contribuir à uma visão ou consciência mais genérica do problema que se repete. Elas mesmas educam e favorecem um mesmo tipo de comportamento nos próprios filhos homens, começando por aceitar que em casa eles não participem às tarefas domésticas; que embora mais fortes fisicamente, deixem o encargo de buscar água ou lenha à própria mãe, avó ou irmãs menores, além de remunerá-los quando ainda crianças eles saem para vender doces nas ruas, remuneração esta que jamais será paga à filha que exerça qualquer ajuda ou também essa mesma atividade.

Citação de trechos de entrevistas

"Minha filha tá em Salvador trabalhando e ela me dá dinheiro. Ela tem 19 anos e trabalha na casa de parentes. Não pagam bem não. Ela tem que dá conta de tudo. Já faz dois anos. Ela vem todo mês, me dá 100, 200 ou mais. Num tem carteira assinada. Meu filho vai servi o Exército o ano que vem. Ele tá com 18 anos e trabalha na pensão aí da frente: recebe os freguês, descarrega bebida, mas eu dou dinheiro prá êle quando num tem. Êle pede, eu tenho que dá né? Depois, êle já vai prá festa e procurá mulhe. Tem direito" (Entrev. n.12/?)

"Criei meu filho em casa, mãe me ajudando. Com o dinheiro que ganho, compro roupa, remédio, leite pro menino. Não dou nada prá mãe, mas ajudo ela em tudo em casa" (Entrev. n. 16/?)

II-C) Rede ou circuito de ajuda-mútua, e sistemas de empréstimo e poupança.

Essa rede de ajuda-mútua funciona de certo modo, para todos, num pequeno povoado de pesca como Arembepe, pois, no dizer de um pescador: "Arembepe é uma aldeia. Aqui quem não é padrinho é compadre, que não é compadre é amigo, quem não é amigo é primo e quem não é primo é filho. É assim".

Mas a rede de ajuda-mútua é marcadamente dividida por sexo. Como no nosso estudo nos interessa a mulher chefe-de-família procuramos aprofundar o conhecimento dessa rede dentro do grupo feminino local.

A figura principal é a mãe. Seja em relação aos próprios filhos, como em relação aos ascendentes e mesmo à agregados e outros parentes. Basta lembrarmos-nos que entre os homens chefes-de-família entrevistados havia somente uma criança adotiva, embora a situação econômica deles seja nitidamente superior à das mulheres chefes-de-família *e que entre as mulheres chefes-de-família êsses adotivos são em número de 20. Se dentro de um núcleo matrifocal a mulher idosa é tratada com o maior respeito e até uma certa veneração, uma vez dentro de um núcleo patriarcal, ela será tratada praticamente como uma empregada ou "um péso à ser carregado", conforme já mencionamos anteriormente.

As mulheres do povoado chefes-de-família que são "filhas-de-Santo", tem grande importância social, moral e econômica pois estão diretamente ligadas à madrinha, uma mãe-de-Santo que aos olhos da população local, possui grande poder místico (e econômico). Assim, nos instantes mais difíceis elas podem receber as influências de todo tipo da madrinha, prestando-lhe posteriormente serviços e outros favores em troca.

* Cf. primeiro relatório.

Esse circuito ou rede de ajuda-mútua feminina se acentua - principalmente nos momentos difíceis, quando por ex., uma - mulher fica viúva, ou o marido a abandona. Em caso de hospitalização ou morte na família. As comadres, amigas, vizinhas e parentes da família extensa, assumem imediatamente as responsabilidades da casa: garantindo hospedagem, cuidado, zê - lo, refeição para as crianças.

Quando uma mulher está grávida, as outras a auxiliam nas tarefas mais árduas como carregar água, buscar lenha, lavar - roupa. Sempre haverá alguém que trará um caldo de galinha e virá preparar as refeições na casa dela enquanto a mesma se - encontrar de "resguardo".

As próprias curiosas ou parteiras locais, não cobram nada pela intervenção na hora do parto e se sentem responsáveis tanto da mãe quanto da criança, até "cair o umbigo" da mesma. - Elas atuam como verdadeiras enfermeiras durante os primeiros dias após o parto. - "Às vezes as pessoas dão um "agradado": um corte de pano, uns doces. Dinheiro é mais raro. Outros me convidam para madrinha do bebê" (Entrev. c/1 curiosa local)

A solidariedade também se manifesta de forma muito concreta em todos os momentos do cotidiano, seja entre as mulheres de uma família como exteriores à ela, tanto no auxílio nas tarefas domésticas como nas atividades remuneradas.

Se alguém procura comprar um côco molê numa "bibóca" e lá não encontra, a dona mandará a filha buscar em outra bibóca, conservando assim o freguês e quem tiver o produto em questão - não se negará à trocar ou "emprestar" o mesmo.

Tampouco uma mulher que se encontre doente perderá sua freguesa para quem lava e passa a roupa. Ela dará sua encomenda a uma vizinha ou conhecida que assumirá o compromisso até que a outra esteja curada.

Queríamos ainda citar o caso das mulheres que mariscam mas - que não tendo dinheiro suficiente para o transporte, ou por exercerem outras atividades, tampouco dispõem de tempo para ir até Portão vender os camarões torrados. Nesses casos, uma ou outra mulher que irá até esse povoado pela mesma razão, venderá também os da colega, partilhando com esta os lucros ou perdas sem jamais descontar parte do transporte, o que, - diante da nossa pergunta nos foi assim respondido: "Mais olha dona, eu vou prá mim num vou? si eu vou de qual - quer modo, a passagem custa a mesma coisa" (Entrev.n.7/2)

A concorrência só existe num caso bem preciso: entre as baianas do tabuleiro ou do acarajé e por razões objetivas. Essas baianas trabalham sempre num lugar fixo: "o ponto". Aí formam sua freguesia, num lugar quase sempre próximo a um bar - ou qualquer outro canto estratégico de venda.

À medida que o turismo foi se desenvolvendo em Areamepe nos últimos anos, as baianas dos subúrbios e outros povoados mais afastados, foram chegando nos fins-de-semana para também venderem aí sua mercadoria.

Porém a quantidade delas atingiu um grau de saturação tal - que atualmente caberá aquelas que chegarem primeiro e partirem mais tarde, às que venderem mais barato e em maior quantidade, a melhor margem de lucro.

Melhor que nossa explicação sobre o problema, citamos o seguinte comentário formulado por uma das vendedoras da própria localidade e aqui sintetizado:

27

"Quando eu fui tirá minha carteira de baiana lá na Secretaria do Turismo, falaram prá nós que quem vendia em Aracaju só era as mulheres daqui mesmo e eu não tou vendo só daqui não ! Tem mulher de Itapóa, de São Cristóvão, do Jacuípe ... de tôdas partes da redondeza. É cada uma faz o preço que quer. Não tem combinação. Eu, na minha teoria, todo mundo tinha que se combiná prá ter vendagem. Mas umas vende de um preço e outras de outro. Elas num gosta de reuni. Só eu e a vizinha estamos reunidas. Vendemos à 10,00 com camarão. Só aqui no povoado tem mais de 12 baianas. Onde eu fico, lá no meu ponto, tem mais uma de frente. Ela vem de Salvador. Trás muita massa. "Queima" acarajé de 5,00 com camarão. Acha que dá prá tirá alguma coisa assim? Só se ela põe mais farinha - que outra coisa e olha que ainda pega transporte. Às vêzes - vem no carro do marido. E aqui a gente num pode dizer nada - pro delegado porque ninguém quer reuni... Dizem que o mundo é prá todo mundo-né? Então o que tivé que ser nosso é, né?" (Entrev. n.6/4)

Quanto aos pescadores, eles são muito francos ao afirmar que entre pescadores "não há união", ou ainda que "somos uma classe muito desunida", disputando lugar nos barcos e dentro da hierarquia limitada da escala de pescadores.

Sistemas de empréstimo e poupança

QUADRO N. 7

Fontes de empréstimo das mulheres e homens chefes-de-família *

FONTES	MULHERES				HOMENS				
	FAIXA ETÁRIA	15/30	31/45	46/60	61 et +	15/30	31/45	46/60	61 et +
ASCENDENTES (M)	—	—	—	—	—	—	—	—	—
(F)	7	3	1	—	—	1	—	—	—
FILHOS MÃES (M)	—	—	1	—	—	—	—	—	—
(F)	—	4	—	—	—	—	—	—	—
PATRÃO	1	1	—	—	5	1	1	—	—
PADRINHOS	—	—	—	—	—	1	—	—	—
AMIGOS	—	—	2	—	—	—	1	—	—
MÃE/PDI-DE-SANTO	—	3	2	—	—	—	—	—	—
OUTROS PARENTES	—	2	—	—	1	—	—	—	1
VERANISTIAs	—	—	1	—	—	1	—	—	—
DANDO ALGO EM GARANTIA	—	—	—	—	—	1	—	—	—
NÃO-DECLARADO	—	2	—	—	—	1	—	—	—

Enquanto a maioria das mulheres (36,66%) recorrem em caso de necessidade econômica às mães e/ou avós, os homens chefes-de-família recorrem também na maioria, (46,66%) ao patrão. O recurso ao patrão, mostra de certa forma a importância do papel da Tibrás dentro da vida prática dos habitantes locais bem como o peso de sua atuação na mentalidade dos mesmos.

*15 homens entrevistados e 30 mulheres chefes-de-família.

Em segundo lugar as mulheres recorrerão às mães-de-santo, - (16,66%) o que pode ser explicado pelo fato de que muitas de las, por ex., quase todas, serão todas as vendedoras de acarajé, serem filhas-de-santo e portanto afilhadas de uma mãe-de-santo, que é alguém que tem sempre um poder econômico além dos poderes místicos.

Quanto aos homens chefes-de-família, eles se repartem em proporções mais ou menos equivalentes entre as outras fontes de empréstimo citadas.

Enquanto algumas mulheres recorrerão aos filhos, sobretudo do sexo feminino, nenhum homem entre nossos entrevistados o fará, preferindo antes disso recorrer aos padrinhos, amigos e até - aos veranistas.

No caso do recurso às filhas maiores, este aspecto vem reforçar a idéia de apoio e solidariedade marcantes dentro dos núcleos matrifocais.

QUADRO N. 8

Sistemas de Poupança
dos homens e mulheres chefes-de-família

SISTEMAS POUP.	MULHERES				HOMENS			
	15/30	31/45	46/60	61 et	15/30	31/45	46/60	61 et
BANCO	—	—	—	—	2	1	—	—
CAS. POUP.	—	—	1	—	—	—	—	—
"MÃO PATRÃO"	—	—	—	—	—	—	—	—
C/CONDOSAS	—	—	—	—	1	—	1	—
PARC. TERRENO	1	—	1	—	—	—	—	—
COMPRA DE MAT. CONSTRUC.	—	2	1	—	1	—	—	—
CASA	1	3	—	—	1	1	—	—
ALUGUCL/CASAS	—	1	—	—	—	1	—	—
CRUZAR AVES	—	1	—	—	—	—	—	—
NÃO POUPIADA	6	7	5	—	1	3	—	1
NÃO RECLAMAC	—	—	—	—	—	—	1	—

*- Embora não pareça neste quadro ninguém que economize assim, nós o incluímos porque faz parte dos sistemas de poupança que nos foram mencionados durante a pesquisa de campo.

Também no sistema de poupança há nítidas diferenças entre o procedimento de homens e mulheres chefes-de-família.

Salientamos a grande quantidade de mulheres chefes-de-família que não conseguem economizar nada do orçamento familiar: 60% delas e apenas 26,66% dos homens.

Enquanto nenhuma mulher coloca suas economias num Banco, por estimarem que as quantias são irregulares e de pouca monta, além de considerarem que abrir uma conta implica em pagar transporte até o balcão ou mesmo por afirmarem desconhecer a burocracia bancária. Já entre os homens 20% utiliza o sistema bancário.

Se 6,66% dos homens consideram que confiar suas economias ao banco representa um meio seguro, nenhuma mulher chefe-de-família procede da mesma maneira, justamente por considerarem que é o meio mais inseguro.

Outro dado que salienta nitidamente a diferença de atitude entre homens e mulheres chefes-de-família é que enquanto estas compram material de construção ou pagam prestações de terreno como uma forma de

poupança(16,66%), apenas 6,66% dos homens fazem o mesmo. Este quadro demonstra principalmente que a situação econômica das mulheres chefes-de-família é bastante precária comparando-a com a dos homens chefes. Isso viria a confirmar uma das nossas hipóteses segundo a qual, a família chefiada por uma mulher viveria em condições materiais mais limitadas e submetida à uma maior penúria econômica, resultado de falta de formação para assumir este papel, como também falta de capacitação profissional e de possibilidade local de melhores empregos e remuneração, aspectos esses que serão desenvolvidos nos próximos capítulos.

Embora possa aparecer como um detalhe dentro do quadro global, o sistema de crediário "selvagem", e à domicílio que se desenvolveu em toda a Estrada do Côco graças à estrada de rodagem, contribui particularmente para "arruinar" os projetos de poupança de quase toda a população local. Particulares vem de Sergipe de carro, uma vez por semana, trazendo tecidos, jogos de cama e mesa, relógios eletrônicos, calculadoras, isqueiros à gás, jóias fantasia, que oferecem em troca de pagamentos semanais, mensais ou mesmo de pequenas somas irregulares.

Tanto o empréstimo como a poupança visam principalmente solução para as situações inesperadas, como doenças, nascimentos, casamentos, mortes, datas festivas e moradia.

II-D) Lazer: distração e repouso.

Sob este aspecto, a resposta das mulheres chefes-de-família ou não, chega à ser unânime: "Distração? Eu? descanso? quem, eu?..." "Só se você chama descanso e distração o momento de dormir e ainda assim..." e seguem-se risos e observações subjacentes. Ou então: "Diversão prá que? prá fazer o que? e ir aonde?".

Para o descanso é necessário um tempo livre e em princípio o dia de descanso convencional é o domingo, ou os fins-de-semana, mas também aí a resposta é invariável: "Justamente nesses dias é que eu trabalho mais ainda. Todo mundo em casa aperreando, pegando no meu pé". -"É o pior dia. É quando vem a família de Salvador ou de outros lugares prá aproveitá a praia e ficam prá comer e só vão embora de noitinha".

Para aquelas que trabalham são os dias de trabalho mais intenso quando há grande presença de veranistas: as casas alugadas estão cheias de gente, a praia, os bares e pensões: é quando mais se vende e se presta serviços.

Atualmente com a instalação da energia elétrica e graças à falta de pagamento dos assalariados da Tibrás, muitas famílias compraram televisão pelo crediário e então à noite, muita gente vem agrupar-se junto ao muro, às janelas e mesmo na entrada das casas daqueles que possuem um aparelho.

Mas as mulheres mais idosas são radicais: "Descanso? Só depois da morte".

De qualquer forma, em Arembepe não existe nenhuma distração própria às mulheres.

O bar, o dominó, a siruca, o futebol, a pescaria de caniço, as reuniões da colônia 2-14, tudo faz parte dos momentos de lazer do grupo masculino. Inclusive a praia.

As mulheres só vão à praia com a intenção de vender doces, frutas, gelatinhas, bebidas e tira-cóito para os turistas.

Atualmente e com a proximidade da época das férias, algumas festas de padroeiros se sucedem e outras mais, nos vários povoados da região. É frequente o homem mesmo casado ir sózinho ou em grupo às referidas festas.

A mulher casada não irá nunca. As separadas, viúvas tampouco por que estas não tem sequer o "homem delas". As jovens solteiras podem ir se acompanhadas por um primo, irmão ou amigo de confiança mas a maioria terá má-vontade em levá-las comparecendo diante dos colegas como "preceptor" do grupo. Mas escondido ou com algum rapaz interessado em alguma delas, elas conseguem participar das festas.

Para os homens o dia de descanso, se são pescadores, é o dia que não saem para pescar. Se por um lado o trabalho é muito duro, é preciso dizer-se também que eles descansam muito, porque entre a pane do motor, uma pequena avaria à bordo, as marés, as correntes, ventos, chuvas, lua cheia, sobram poucos dias para a pesca. Além disso, como domingo é o dia tradicional de descanso, eles nunca saem nesse dia.

Quanto aos assalariados estes tem suas folgas rigidamente estabelecidas mas esses dias também são rigidamente respeitados como tal. Não será pois aproveitando a "folga" que o homem irá buscar lenha ou água para a casa. Ele irá vêr os colegas e passará seu tempo entre as distrações que já enumeramos acima.

QUADRO N. 9

Lazer dos homens e mulheres chefes-de-família

FREQUÊNCIA								
TIPOS LAZOS		DIÁRIA/	SEMANAL/	QUINZENAL/	MESESAL/	OCCASIONAL/	RARA/	NUNCA
BAR	♂	5	4	2	—	3	1	—
	♀	—	1	—	1	—	—	28
PRAIA	♂	—	5	2	—	3	2	3
	♀	—	—	1	1	1	1	26
PASSEIOS NA CAPITAL E OUTROS POUADOS	♂	—	4	5	2	4	—	—
	♀	—	—	3	4	1	2	20
BATE-PAPO FAMILIA	♂	10	4	—	—	1	—	—
VIUHANÇAS	♀	8	13	3	2	3	—	1
ESPORTE	♂	—	7	2	3	1	—	2
	♀	—	—	—	—	—	—	30
BAILES FESTAS	♂	—	—	2	3	4	1	5
	♀	—	—	—	2	4	2	22
JOGOS DE AZAR	♂	3	3	—	—	2	—	7
	♀	—	1	—	—	—	—	29
T.V.	♂	3	2	—	—	3	—	7
	♀	6	3	—	—	8	2	11

Este quadro nos confirma a variedade de distrações para os homens e os limites das mesmas para as mulheres. Esse limite é duplo: 1) a atribuição sexual da diversão, ou seja:

muitas delas são exclusivamente masculinas dentro do contexto local; 2) consiste na disponibilidade de tempo para poder distrair-se e a tabela nos mostra que os homens distraem-se com mais frequência e por muito mais tempo do que as mulheres. A quantidade de mulher que para distrair-se: BATE-PAPO é tão grande quanto a dos homens que frequentam bares, fazem passeios à Capital e outros povoados e praticam esporte, sendo a conversa ou bate-papo o complemento ou pretexto de todos os encontros.

Nos jogos de azar temos uma porcentagem de 53,33% de adeptos entre os homens e somente 3,33% de mulheres. Se no BAR e na PRAIA temos 100% de homens que frequentam, temos respectivamente 94,44% e 100% de mulheres que nunca frequentam tais lugares como locais de distração, aí elas trabalham.

No esporte também a diferença é muito grande: somente 13,33% dos homens chefes-de-família nunca praticam esportes contra 100% das mulheres que nunca o fazem.

A única proximidade na forma ou meio de distração entre homens e mulheres chefes-de-família é portanto, a televisão: 53,33% dos homens assistem os programas e 36,66% das mulheres também o fazem.

Quanto à frequência, 20% das mulheres assistem televisão todos os dias e também 20% dos homens. Mas enquanto 26,66% das mulheres assistem ocasionalmente apenas, 20% dos homens o fazem também com a mesma frequência.

O bate-papo também é mais frequente no quotidiano para o homem do que para as mulheres: 66,66% dos primeiros e 26,66% de las. As mulheres realmente tem muito menos disponibilidade diária para repouso ou distrações do que os homens e isto será confirmado nos próximos capítulos através da análise do budget-temps delas.

Citação de trechos das entrevistas

"Eu gosto de ir passeá. Aproveito quando vou à Salvador prá buscá o dinheiro dos menino no Banco" (Entrev. n.1/?)

"Distração prá mulhé aqui no Arebbepe? Num tem nenhuma não. E qual é a mulhé que vai ter tempo prá se distraí?" (Entrev. n.9/?)

"Distração num sei quando. A senhora tá vendo: sábado e domingo é quando eu mais trabalho, depois de tudo que já fiz a semana inteira" (Entrev. n.10/?)

"Nos domingos vou tomá cachaça com os amigos. Não gosto mais de jôgo nenhum. Antigamente eu gostava de jogá bisca, mas a rapaziada num oué mais sabê disso. Às vêzes vou pescá nos arrecifes Dona X minha mulhé? Sei lá... a vida dela aí de casa. De domingo ela num faz nada. Fica sentada aí, trançando palha, fazendo a obrigação dela que é prepará o almoço prá mim e pro filho. Outro dia eu fui numa festa na Praia do Forte e gastei 150,00. Num quiz ficá por baixo. Paguei prá todo mundo e dansei a noite tôda" (Entrev. n.e/d)*

"Eu to fazendo um time do X aqui no meu bairro. Sou eu quem tá fazendo. Be apelidaram o Y. É prá nós brincar e achá os amigos do Camaçari e Coqueiros. Já varhei camisa e bola de um amigo. Quando num to jogando nos domingos, vou prá Itapôa e por aí tudo. Ela fica dentro de casa, tomando conta dos menino que ela nuta prá ond ir..." (Entrev. n.7/?)

*Este chefe-de-família só ganha a aposentadoria do Funrural pois tem 74 anos e é um ex-pescador: Recebe 70,00 por mês.

"Eu tomo minha cerveja e vou jogar dominó ou sinuca. Também bate bola e aí vai o dia todo e também o dinheiro todo. Mas eu guardo o da casa. Ela não faz nada não. Fica em casa e faz igual o de todo dia. Às vezes ela vai prá casa da mãe e fica lá" (entrev. n.10/8)

Para os homens chefes de família de Arambepe, uma vez cumpridas (ou não) suas obrigações profissionais, seu horário de trabalho, o resto é considerado tempo livre, para o repouso e a distração. Eles consideram natural que as mulheres, como todos os dias, fiquem em casa também aos domingos e nos feriados ou dias de festa. Eles dizem que é porque elas tem os filhos e tem que ficar cuidando deles. Por outro lado eles sabem que as obrigações delas como donas-de-casa nunca terminam, porque as refeições, a limpeza, a ordem e o cuidado da casa e das crianças são atividades que tem que ser renovadas constantemente, daí elas não tem mesmo nenhum tempo livre para dispôr dele individualmente.

A mulher chefe-de-família poderia dispôr mais individualmente de seu tempo, sobretudo aquelas que não tem marido ou companheiro. Entretanto elas são as que de menos tempo dispõem pois além de todas atividades "caseiras" ainda realizam múltiplas atividades remuneradas.

Capítulo III - A produção doméstica (não-remunerada)

1) Natureza

Estaria a natureza destas atividades na prestação gratuita de uma série de serviços?

Gratuidade essa "explicada" pelo fato de serem atividades realizadas pelas mulheres? ou porque visando o bem estar do grupo familiar?

A razão apresentada pelos economistas seria de que o produto de tais atividades não tem valor de troca mas somente um valor de uso. Entretanto, desde que as mesmas atividades são produzidas, fora do âmbito familiar, elas transformam-se numa prestação de serviços a terceiros e passam a ter um valor de troca, ou seja, deixam de ser produzidas gratuitamente e passam a ser remuneradas.

Segundo outros autores, a gratuidade das atividades domésticas viria do fato de serem efêmeras e repetitivas. Uma vez terminada - uma tarefa doméstica, ela seria recomeçada novamente e assim indefinidamente, o que tornaria impossível atribuir-lhe um valor. Para DELPHY (35): a produção doméstica é definida "como uma certa relação de trabalho, uma certa relação de produção no interior de uma "unidade": o casal(...)" esta relação de produção é na realidade a relação de uma pessoa ou de "um chefe", cuja produção se integra no circuito de troca, à uma outra pessoa que lhe é subordinada porque, sua própria produção não integrada no circuito de troca, é desvalorizada e torna-se "invisível". É a autora conclui que "a razão pela qual o trabalho doméstico não é considerado como produtivo nem contabilizado, é porque ele se realiza dentro de um esquema familiar e gratuitamente: ele não é remunerado nem feito em troca de algo. E isto, não em razão da natureza dos serviços que o compõem (pois estas mesmas atividades nós vamos reencontrá-las todas dentro do sistema de economia de troca);

(35) DELPHY C. "Travail ménager ou travail domestique?" in, MACHREL A. "Les femmes dans la société marchande", J.U.F., 78/Paris.

49

nem em razão da natureza das pessoas que o fornecem (pois uma mulher que pode cozinhar gratuitamente uma costeleta de porco em casa para um membro de sua família, será remunerada desde que ela vá cozinhar a mesma costeleta na casa de outra família); mas este trabalho não é considerado produtivo em razão do contrato que liga a trabalhadora à "seu chefe", ao chefe do casal".

Temos assim, de um lado, o clássico chefe-de-família, que, segundo a autora tem sua produção monetarizada e portanto visível, seja sob a forma de um salário ou outra, e com todas as vantagens sociais consequentes.

Do outro lado, temos a esposa ou companheira, cuja produção doméstica tornou-se "invisível" para a sociedade e em consequência ela não beneficia de nenhum status legal, nem de nenhuma garantia social própria. Somente a mediação do marido é que lhe garante uma relativa proteção.

Mas, retomando a mesma autora, ela acrescenta: "o conforto e a segurança são sempre precários: uma separação deixa a mulher desprevenida. A pensão alimentar dos filhos é quase sempre insuficiente e nem sequer paga, na maioria das vezes. Tantos anos dedicados à família, fizeram-na perder algum conhecimento profissional ou a possibilidade de adquirir algum. Ela terá muita dificuldade em conseguir um trabalho.

Transformada em chefe-de-família e com vários filhos dependentes dela, ela irá fazer parte, com muita frequência, do que se convencionou chamar o "Quarto Mundo". Ainda que ela não se separe nem seja abandonada, se seu marido tornar-se um enfermo ou inválido permanente, ela encontrará-se-á tão desprevenida quanto no caso acima".

MICHEL(36) por sua vez, afirma que "a situação não é melhor para as mulheres casadas que, além da produção doméstica, exercem uma atividade profissional que lhes garante um salário ou renda, pois elas continuam ao mesmo tempo, como todas as enquetes revelam, a assegurar a maior parte da produção doméstica"

As mulheres contribuem assim à produção de riquezas, sob três formas:

- 1) Produção dos filhos (gratuita);
- 2) Produção doméstica (gratuita);
- 3) Produção de múltiplas atividades realizadas como "ajuda à família visando o aumento do orçamento doméstico familiar" (gratuita);

(36) MICHEL A., in "Les femmes dans la société marchande", - P.U.F., 1978/Paris.

* Pela diminuição do emprego de uma mão-de-obra remunerada: as mulheres (esposas) que são secretárias do marido que tem um escritório de advocacia, etc...

Segundo ENGELS(37), nossas sociedades atuais teriam se organizado social e econômica a partir da divisão sexual do trabalho.

Esta divisão tem se mostrado até o presente, ora funcional, dentro de certas estruturas sociais, ora como um meio de controle econômico exercido pelo grupo masculino sobre a produção do grupo feminino.

MEILLASSOUX(38) diz à esse respeito: "A divisão sexual das tarefas, é preciso ser dito, é uma resultante da "cultura" e não da natureza. Si nós podemos observar que uma divisão de tarefas se estabelece de maneira variada aliás, entre homens e mulheres (ou pelo menos entre aqueles que respondem à definição social - de "homem" e "mulher") e que faz da mulher (ou da escrava), a - serva (empregada) do homem; está divisão é consecutiva à uma - submissão anterior da mulher é não consequência de imaginárias capacidades distintas dos sexos. Não existe outra coisa senão o parto e o aleitamento de que somente as mulheres são capazes. Ora, essa especialização natural, explicaria a copulação somente em vista da reprodução, pois as mulheres, uma vez fecundadas, seriam auto-suficientes econômica e socialmente entre elas. Na realidade, nada na natureza explica a divisão sexual das tarefas, como nada explica também as instituições como a conjugalidade, o casamento ou mesmo a filiação paterna. Tudo isso foi inflingido as mulheres pela coação; tudo isso são portanto, fatos de civilização, que devem ser explicados e não servir como explicação".

Vamos tentar demonstrar como as mulheres produzem diretamente - riquezas:

1) a produção dos filhos: ou a renovação sistemática da mão-de-obra recuperada pela família patriarcal e pela sociedade capitalista (capital privado ou de Estado)

Produzir uma criança não significa fecundá-la apenas. Uma vez a criança engendrada é através do corpo da mulher que ela se desenvolverá durante 9 meses; é ainda o corpo desta mulher, sua saúde, que alimentará o embrião o que implica em novos cuidados e - novas responsabilidades não só diante de si mesma como do futuro nascituro. É ainda a mulher que vai arriscar a própria vida durante toda a gravidez e sobretudo no momento do parto.

Uma vez que a criança nasceu, caberá ainda à ela, amamentá-la e cuidar do seu bem-estar, de suas menores necessidades, zelando - por sua fragilidade e saúde.

É ainda a mulher que irá educá-la, compreendendo nesse sentido, todas as tarefas de socialização de um novo ser, todas as tarefas quotidianas, repetitivas, efêmeras e desgastantes, durante anos à fio e, na maioria das vezes, multiplicadas pela existência de - vários filhos.

(37) - ENGELS F. "L'origine de la famille, de la propriété e de l'État", Ed. Sociales, 1954/Paris.

(38) MEILLASSOUX C. "Femmes, premiers « capitaux », Ed. Maspéro, 1975/Paris.

* - o sublinado é nosso.

Tôdas essas tarefas são atribuídas e realizadas pelas mulheres exclusivamente e tudo isso nunca foi contabilizado com base no valor dos mesmos serviços, uma vez executados por profissionais tais como: enfermeiras, médicos, professoras, e a lista pode ser interminável...

A criança representa novos braços e uma vez adulta (ou mesmo antes) uma nova força-de-trabalho, que substituirá braços já envelhecidos, garantindo assim aos pais mas sobretudo à sociedade, a renovação e muitas vezes o desenvolvimento de riquezas e potencialidades.

Se nós tentarmos traduzir tudo isso em termos monetários, ou se já, atribuir o valor econômico que representa o nascimento e a socialização de uma criança até a idade em que ela já pode entrar para o mercado de trabalho, isto tudo que descrevemos, seria melhor e mais rapidamente compreendido por todos.

2) A produção doméstica (ou a prestação de serviços): essa produção doméstica e gratuita, atribuída exclusivamente às mulheres, já foi longamente analisada por BENSTON(39), DALLA COSTA E JAMES(40), LARGUIA(41) e DELPHY(42).

É portanto a produção doméstica que garante a infra-estrutura da unidade doméstica; o funcionamento da casa, os cuidados e atenções oferecidos ao marido e aos filhos.

Essas atividades variam formalmente, segundo as classes sociais ou mais precisamente, segundo o status sócio-econômico do marido.

Portanto, se em tôdas as classes essas tarefas variam em quantidade e qualidade, elas não variam quanto à sua natureza de trabalho gratuito pela subordinação da mulher ao "chefe". Esse trabalho, dito "especificamente feminino", sem limite de tempo, e obrigatório no seu conjunto, de acordo com as leis, os usos e costumes e mesmo as religiões, sem mencionar a pressão social, é realizado por tôdas as mulheres de tôdas as classes sociais.

Se uma mulher pobre é obrigada a fazer a faxina de toda sua casa; a mulher da classe-média poderá transferir essa labuta à outra mulher que seu marido pagará, para que ela possa cuidar melhor da educação dos filhos, dar maior assistência à ele próprio e gerar o orçamento doméstico; a mulher da alta burguesia deverá servir de "public-relations" promovendo festas, fins-de-semana e jantares, visando a promoção sócio-profissional do marido.

Na realidade, todos esses exemplos podem ser definidos dentro da produção doméstica, própria ao papel polivalente da esposa, segundo PRADO(43).

(39) BENSTON M. "Pour une économie politique de la libération des femmes", in Partisans: Libération des femmes: année zero. Ed. Maspero, n. 54/55 julho, 1970/Paris.

(40) DALLA COSTA MR. E JAMES S. "Pouvoir des femmes et subversion sociale", Ed. Adversaire, 1972/Genève.

(41) LARGUIA I. "Hacia una ciencia de la liberación de la mujer" in "Dossier de la liberación de la mujer", Ed. FIGUEIREDO E, Edit. Assoc. S/A., 1974/México.

(42) DELPHY C. "L'ennemi principal" in Partisans: Libération des femmes: année zero, n. 54/55, julho/70, Ed. Maspero/Paris

(43) PRADO Y. "Le lien conjugal/mythes et réalité" (mimeo) Thèse de 3ème. Cycle, Dept. de Sciences Humaines Cliniques, Paris VII Univ. Jussieu, 1977/Paris.

Economistas como GALBRAITH (44) ou sociólogos como SZALAI (45), conseguiram contabilizar o tempo e o valor da produção doméstica: uma produção sem a qual as sociedades que conhecemos não teriam podido enfrentar todas as necessidades materiais, nem se desenvolverem.

3) Produção de "ajuda à família" (ou ao marido): As mulheres que assim "distarçam" os múltiplos trabalhos que realizam como complemento ao trabalho profissional masculino, ou que realizam várias atividades paralelas para completar ou suprir o déficit de um orçamento familiar, são sem dúvida, uma força-de-trabalho não negligenciável como produtoras de bens.

Para nos limitarmos à Arembepe, queremos citar uma forma de "ajuda familiar" que se dava antigamente nêsse povoado: às mulheres cabia a difusão dos peixes de "segunda", aqueles que os intermediários não compravam: peixe pequeno, ou "peixe que branco não come". Elas salgavam, punham para secar e depois iam à pé, pelos povoados do interior vendendo ou trocando com os sítiantes por outros produtos agrícolas.

Hoje em dia a maioria das mulheres conjuga os trabalhos internos, da casa, com os externos, que são remunerados. Essa dualidade "interior-exterior" cria à primeira vista uma confusão na observação do pesquisador, bem como durante as respostas dadas ao questionário. A pergunta: o que a sra. faz? a resposta será verídica porém ambígua: eu lavo, passo, boto água, cuido dos meninos" mas nessa longa lista estarão incluídas tanto a produção doméstica (gratuita e para a família), como a prestação de serviços a terceiros (e portanto atividades remuneradas).

É que atualmente em Arembepe as atividades remuneradas exercidas pelas mulheres chefes-de-família e também pelas outras mulheres em geral, nada mais são do que a extensão das atividades domésticas realizadas no âmbito familiar e agora prestadas à terceiros.

2) Qualidade - A produção doméstica é portanto uma produção gratuita, efêmera e invisível, resultante de um contrato específico entre dois seres do sexo posto que passam a viver conjugalmente, sob o mesmo teto.

Para que não reste nenhuma dúvida sobre tal afirmativa, em termos da realidade (e não quanto ao questionamento teórico), podemos citar o Censo Demográfico da Bahia (46) que inclui na População Economicamente Não-Ativa: "e as que exercem atividades domésticas não-remuneradas", ou dito de outra forma mais corrente: as donas-de-casa.

Aliás, estas, arguidas sobre a ocupação que exercem, respondem: "prendas domésticas". As prendas, são nossa versão luso-brasileira das "virtudes" requeridas pelo casamento e descritas por GALBRAITH (47), como veremos mais adiante.

(44) GALBRAITH J. "The Economic Hourglass"

(45) SZALAI A. "La situation de la femme considerée à la lumière des recherches actuelles sur le budget-temps", in Document de base pour la Conférence Mondiale de l'A. I. des F. / ONU E/CONF. 12/6 - julho de 1975/México

(46) Censo Demográfico da BA/VIII Recenseamento Geral/1970, vol. I Tomo III DO Depto. de Censos do IBGE.

(47) GALBRAITH J. Op. cit.

17

A produção doméstica é portanto aquela realizada dentro do âmbito do lar, pela mulher, por dedicação aos filhos e ao marido.

Em Arambepe essas tarefas domésticas e quotidianas são as mesmas de todas as casas: como preparar refeições, limpar, cozer, dozer, etc... acrescidas de algumas que resultam da falta de infra-estrutura dos Serviços Públicos locais, bem como da pobreza generalizada e da insuficiência dos ganhos mensais: buscar água de beber (na Cacimba grande) ou de gasto (no Chafariz ou mesmo na Lagôa ou na casa de alguém que tenha bomba elétrica); buscar lenha no mato, mariscar na Lagôa, extrair frutos do mato, artesanaria para uso doméstico.

3) Quantidade: Baseando-nos na aplicação do budget-tmps às 30 mulheres chefes-de-família entrevistadas e aos 15 homens chefes de família também entrevistados, concluímos que as primeiras gastam por semana: 1.213 horas realizando a produção doméstica, ou seja: 40.45 hs/semanais para cada mulher ou 5,50 hs. por dia e por mulher. chefe-de-família *

Entre os extremos, encontramos um mínimo de 14 hs/S, explicado porque a pessoa em questão exerce duas atividades remuneradas e igualmente importantes. Sendo já idosa, descarrega a grande maioria dos trabalhos domésticos sobre uma filha separada que vive consigo e sobre uma enteada, ambas jovens de 21 e 22 anos respectivamente. Todas elas, bem como 8 netos, são sustentados pelas atividades remuneradas exercidas pela senhora em questão.

Citação de trecho da entrevista com esta senhora:

Se minha filha for trabalhá eu tenho que pagá por tudo isso: a lavagem da roupa, a limpeza da casa, botar água, cuidá dos meninos, e tudo o mais. Então ela fica em casa, quero dizer, que aquele dinheiro que ela ganharia fora, a gente teria que pagar alguém prá fazê tudo isso. É mais hoje ou amanhã, lutando, eu tenho que dar à ela e aos meus netos, o que vestir, o que calçar... Não vestem bem, não comem bem, mas vestem e não fazem vergonha quando saem".

Quanto ao máximo de horas gastas por semana na produção doméstica, encontramos 81.30 hs/S, uma senhora de 40 anos que conta com mais 8 pessoas na casa, das quais dois rapazes enteados, filhos da primeira união do marido que estudam mas não trabalham nem cooperam em nada. Essa senhora teve com o marido mais dois filhos e 3 filhas com 6,4 e 2 anos respectivamente o que significa que não só não podem ainda ajudá-la como significam mais trabalho:

"Tenho 5 filhos e ainda um prá nascer... Na minha casa ainda foram mais dos filhos do meu marido. Com êle vivo há 18 anos. Êle é pescador-marinheiro.

Lavo minha roupa à pulso. Não aguento nem lavar nem botar água de ganho. Já nem aguento fazer prá casa... Todo dia vou buscar água. Acabei de chegar do mato onde fui buscar lenha e vou 3 vèzes por semana. Sou eu que faço tudo nessa casa".

Essa mulher gasta diariamente 11.50 hs. nas atividades domésticas. Portanto ela conta com 4 filhos homens, cujas idades são: 19, 18, 16 e 9 anos, dos quais 3 estudam meio-período e o último ainda não está na escola.

* Pode-se facilmente supor que se as mulheres chefes-de-família que realizam além das atividades domésticas, outras, como fonte de remuneração, gastam 40.45 hs./S só nos trabalhos domésticos, aquelas que não exercem atividades remuneradas, deverão dispor um número ainda maior de horas.

A quantidade de horas gasta por uma mulher na produção doméstica depende dos seguintes aspectos:

- a) número de pessoas que moram na casa;
- b) número de meninas, adolescentes e jovens do sexo feminino capazes de participar na realização dessas tarefas;
- c) número de filhos e/ou dependentes. Da idade e do sexo dos mesmos;

Esta é a média de horas, por atividade doméstica e por semana, gasta pelas 30 mulheres chefes-de-família:

toilette pessoal = 132 hs/S ou seja: 4.40 hs./S por mulher.
 múltiplos cuidados com as crs. = 159 hs/S ou 5.30 hs/S por mulher
 preparação de alimentos* 284 hs/S ou 9.45 hs/S por mulher
 lavar trastes = 63 hs/S ou 2,10 hs/S por mulher
 limpar casa = 33 hs/S ou 1.10 hs/S por mulher
 cozer, remendar = 46 hs/S ou 1.50 hs/S por mulher
 fazer compras = 60 hs/S ou 2 hs/S por mulher
 buscar água = 125 hs/S ou 4,15 hs/S por mulher
 buscar lenha = 32 hs/S ou 1.05 hs/S por mulher
 mariscar = 32 hs/S ou 1.05 hs/S por mulher
 Diversos* = 60 hs/S ou 2 hs/S por mulher
 Lavar e passar = 157 hs/S ou 5,25 hs/S por mulher
 Distrações = 30 hs/S ou 1 h/S por mulher.

Budget-temps de uma mulher chefe-de-família**

Tentamos reproduzir o budget-temps de uma família não muito numerosa para que todos os componentes da mesma pudessem figurar na fôlha apresentada, incluindo horários e atividades respectivas para efeitos de comparação entre os diversos membros da família. Por outro lado também, escolhemos o budget-temps de uma mulher - que corresponde ao "perfil-tipo" da mulher chefe-de-família, se tomarmos por referência as variáveis independentes que foram consideradas na elaboração desse perfil: faixa de idade, número de dependentes, situação conjugal e atividade remunerada. Além disso, levamos em conta que a família média de Arrebepé, conta com 4,90 pessoas***

Entretanto, dada a variabilidade com que se com que se reproduz o cotidiano das mulheres chefes-de-família, procuramos anotar na fôlha as atividades que se reproduzem com maior constância durante a semana, deixando os detalhes para explicá-los aqui. No caso da mulher chefe-de-família em questão, ela realiza as mesmas atividades de 2a. à 5a. feira. Na 6a. feira ela toma o mesmo ônibus que deixa a filha na Tibrás e que a deixará na Rodoviária, onde ela tomará outro ônibus que a deixará na Feira de São Joaquim. Na 6a. feira portanto, ela passa o dia todo em Salvador, fazendo as compras necessárias à preparação dos produtos que venderá no tabuleiro da baiana. Assim, além da venda diária do mingau na porta da fábrica, ela passa os sábados e domingos: de 9 às 18 hs., vendendo, próximo ao lago.

*Por DIVERSOS compreende-se extração de frutos, criação de aves, horta, idas ao Posto de Saúde local, IMS, farmácia, dentista, etc.
 ** ver página seguinte.
 *** Cf. resultados apresentados no primeiro relatório.

44

São Francisco, acarajés, abarás, queijadas, cocada, amendoim - torrado, peixe frito e caramujo ou siriri escaldado.

Na 6a. feira ela volta à Arambepe às 18 hs.. Durante sua ausência a filha mais velha substituiu-a na preparação do almoço e em toda a produção doméstica diária.

Ao voltar ela irá banhar-se na Lagoa para depois tomar café com o resto da família. Mas na 6a. feira à noite ela não vê as novelas. O marido irá encontrar os amigos e jogar dominó, enquanto ela e a filha mais velha preparam os doces do tabuleiro e o amendoim. Dormem por volta das 22 hs.

No sábado e domingo enquanto a filha prepara o mingau (sábado pela manhã), a mãe prepara a massa do acarajé que deve ser muito fresca para não azedar.

Enquanto a moça irá à Tibrás como todo dia, a mãe vai se instalar no seu "ponto". As filhas menores a acompanham para ajudá-la carregar os utensílios necessários e ficam depois brincando por ali mesmo até a volta da irmã quando irão para a casa almoçar.

O companheiro também irá para casa almoçar após o trabalho, pois sendo pedreiro também trabalha aos sábados.

Ela, a mulher chefe-de-família só voltará para casa às 18 hs. Depois de ter almoçado, a filha mais velha levará algo de comer para a mãe.

No sábado à noite, depois do café familiar, mãe e filha voltam novamente aos preparativos dos quitutes para o tabuleiro de domingo, (em função da quantidade vendida ou do que terá sobrado) e só irão dormir por volta de 22 ou 23 hs., pois domingo é o dia de maior movimento e portanto tem-se que preparar maior quantidade de produtos para vender.

No domingo cedo ela refaz a massa do acarajé e volta ao Largo, -- nos mesmos horários de sábado. A filha mais velha ficará cuidando da casa e das irmãs. Eventualmente irão visitar a avó num povoado que dista 12 a 15 kms.

O companheiro (que não é pai de nenhuma delas), irá jogar ou assistir futebol no próprio povoado ou em algum povoado vizinho, -- pois sua família de origem vivem em Sergipe.

Cumpre acrescentar que no caso do companheiro da mulher chefe-de-família em questão, ele está trabalhando atualmente (fins de outubro/78) no próprio povoado porque com a proximidade do verão aumenta o número de pedidos de construções na região. No inverno, ele costuma buscar trabalho nas firmas construtoras ou empreitadas em Salvador e seus subúrbios.

Citação de trechos da entrevista com esta mulher chefe-de-família

"Encontrei ele que veio fazê festa aqui. É sergipano. Tenho uma filha mas com ele nenhuma. Crio duas sobrinhas. O pai da minha filha morreu. Morava mais ele com mãe na roça. Ele era lavrador e nós faziamos calvão. Crio as meninas porque minha irmã num tem condições: num tem casa, num tem sorte com o marido...aí, prá num deixá ela com as menina nos oracos, peguei elas. Levanto às 4 hs. e já começo a prepará o mingau. Às 5.45 hs. a filha sai prá pegá o ônibus das 6 hs. Agora o marido tá saindo às 7 hs prá trabalhá na construção. Eu comecei a vender mingau desde que tavam fazendo a terraplanagem da fábrica. Nunca mais parei. Aos sábados e domingos -- vendo acarajé de frente do Upliano. Faz 8 meses que comecei esse trabalho que é prá ajudá meu marido que ganha micharia. Eu só vendo mingau cedo...eu já vivo doente e só trabalho porque tenho que trabalhá, o custo de vida é muito caro. A gente procura o tempo prá comprá e num acha! Fica passando necessidade. Trabalhando ou sem trabalho, eu trabalho prá ajudá ele (No entanto ela começou a vender mingau há 3 anos atrás e está com ele há 4 e nunca parou, como afirma). "Eu construí primeiro um barracinho com 2 "Vão" prá minha filha e eu morá. Depois que ele veio morá mais eu, é que nós veio morá nesta casa. Eu tá comprando o material e ele construindo

(de 2a. à 6a. feira)
(Entrev. n. 6)

ATIVIDADES DIÁRIAS DE UMA MULHER CHEFE-DE-FAMÍLIA

Horário e hs.	<u>Chefe-de-família</u>	<u>companheiro</u>	<u>filha + velha(20 anos)</u>	<u>filhas criação:10anos?</u>	<u>5 anos ?</u>
	Levanta	Dorme	Levanta	Dorme	Dorme
4.30	Asseio Pessoal	"	Asseio Pessoal	"	"
4.30-5.30	Prepara mingau	"	Prepara mingau	"	"
5.30-6	Prepara o café	Asseio pessoal	Vai tomar o ônibus	Asseio pessoal	As. /tes.
6-7.30	Tomar café	Tomar café	vai à fibrás	Tomar café	T. mingau
7.30-8.30	Lavar e passar 4 dias ao todo	Via trabalhar	Vende mingau/entrada 6 dias ao todo	Vai à escola 5 dias ao todo	Acompanha mãe
8.30-9.30	Toma ônibus p/ ir Feira S Joaquim (6a. feira)	" "	" " "	" " "	na 6a. fei ra fica c/ vizinha
9.30-9.30	buscar água de beber	" "	" " "	" " "	Ac/rãe
9.30-10.30	lava trastes	" "	" " "	" " "	aj/mãe
10.30-11	limpa a casa	" "	ônibus volta Aremb.	" " "	" "
11-12	prepara almoço	Descansa	lava os apetrechos	sai às 12hs. escola	brinca
12-12.30	Almoça	Almoça	Almoça	Almoça	Almoça
12.30-13	lava trastes	Descansa	arruma coisas	Dormir	Dormir
13-14.30	Coze, ou cuida da horta/Contas	Vai trabalhar	Descansa	"	"
14.30/ 15.30	Vai ao centro de Arembepe comprar pão e alg. coisa proseia c/amigas	" "	Cuida das irmãs	Faz deveres escolares	brinca
15-17	Banho la Lagôa	" "	Banho la Lagôa	Banho la Lagôa	banho na Lagôa
17-18	Vê televisão	Volta p/casa	Vê t.v ou coze	vê T.V.	vê T.V.
18-19.30	Prepara café e al go mais p/comer	Banho na Lagôa	arruma mesa	" "	" "
19.30-21	Come	Come	Come	Come	Come
20-21	Vê T.V.(novelas)	Sai p/rua vê amigos	VÊ T.V.(novelas)	Dormir	Dormir
21 hs.	Dormir	22 ns/Dormir	21 ns/Dormir		

Estas atividades são exercidas por ela de 2a. à 6a. feira/Na 6a. feira, volta c/

"Teve época que ele ficou mais de 5 meses sem trabalhar. Foi muitas vezes. Desta última vez só faz 3 meses. Agora faz uma semana que ele está trabalhando por aqui mesmo. Agora no verão tem trabalho pra pedreiro. No inverno é difícil bastante. Aí ele vai procurar em Salvador e quando consegue trabalho, fica por lá. Nesses caso é com firma e carteira assinada. Tá com 3 meses que não trabalhava. Avulso dá pra ganhar mais mas ao mesmo tempo num tem seguro. Se quebra uma perna, ele tem que gastar e na firma eles pagam o acidente".

QUADRO N. 10

Auxílio dispensado às mulheres chefes-de-família na produção doméstica

QUANDO QUEM	SEMPRE	FREQUENTE	OCASIONAL	RARA	NUNCA	TOTAL
COMPANHEIRO	—	1	1	—	12	14
ASCENDENTES (M)	—	—	—	—	3	3
(F)	5	4	—	—	—	9
FILHOS MAIORES (M)	—	1	1	1	6	9
(F)	3	4	—	1	—	8
FILHOS MENORES (M)	1	2	2	3	31	39
(F)	21	5	10	—	24	60
OUTROS PARENTES (M)	—	—	—	1	5	6
(F)	7	4	2	—	—	13
AGREGADOS (M)	—	—	1	—	4	5
(F)	—	—	—	—	—	—
TOTAL	37	21	17	6	85	166
%	22,28	12,65	10,24	3,61	51,20	99,98

Entre as 30 mulheres chefes-de-família, 14 dentre elas tem um marido ou companheiro (46,66%). Entre estes, 12 ou seja: 85,71% NUNCA ajudam s/mulheres na produção doméstica, isso confirma que a maioria dos homens considera tal produção como obrigação "inerente" ao sexo feminino. OCASIONAL/ há 7,14% que ajudam - mas como nos foi especificado pelas próprias mulheres, essa ajuda se dá em momentos de urgência: doença, acidente, parto. Também 7,14% ajudam FREQUENTE/ mas se considerarmos que numericamente tal porcentagem corresponde a um só homem, estas ajudas se colocam no nível da exceção: circunstâncias de exceção, ou ainda quando o homem quase nunca trabalha e se sente coagido a participar da produção doméstica de alguma forma. Não encontramos NENHUM marido que ajude SEMPRE a mulher. Entre os 3 ascendentes masculinos vivendo nas famílias destas mulheres, NENHUM tampouco ajuda na produção doméstica, enquanto que entre as 8 mães e 1 avó, 16,66% SEMPRE ajudam e 10% ajudam FREQUENTE/ Quanto aos filhos maiores de idade que ainda vivem na casa da mãe, temos 30% de homens e 26,66% de mulheres mas enquanto 66,66% deles NUNCA ajudam, 10% das filhas ajudam SEMPRE e 13,33% ajudam FREQUENTE/. Novamente esses dados confirmam que a produção doméstica é realizada quase que exclusivamente por mulheres, - justamente porque são gratuitas, efêmeras e repetitivas, visando o bem-estar do grupo familiar.

Quanto aos filhos menores é difícil estabelecer as porcentagens porque precisamos levar em conta exatamente a idade deles. Das "pessoas do" 7,14% dos homens NUNCA ajudam para 22,01% das mulheres que também nunca ajudam.

No caso de outros parentes, temos as seguintes porcentagens: 83,33% dos homens NUNCA ajudam e 84,61% das mulheres ajudam SEMPRE ou FREQUENTEMENTE/. Finalmente, entre os agregados, encontramos apenas homens num total de 5, dos quais, 60% também NUNCA ajudam.

Este quadro portanto confirma globalmente a afirmação de que a produção doméstica é integralmente atribuída às mulheres, pelo grupo masculino, o qual não participa nunca da mesma, salvo exceções sem interesse pelo próprio caráter da exceção.

Budget-temps de um homem chefe-de-família*

O budget-temps que vamos reproduzir compreende uma família onde o homem é o chefe econômico e a companheira não exerce nenhuma atividade remunerada.

Procuramos também apresentar um chefe-de-família que corresponde ao "perfil-tipo", baseado nas mesmas variáveis independentes citadas no caso anterior.

Entretanto, dada a dificuldade de estabelecer de maneira formal (e cronometrada) o emprego de tempo dos pescadores e em particular daqueles que saem por um mínimo de 24 hs. e um máximo de 72 hs., procuramos exemplificar o emprego de tempo de um mestre e dono de seu próprio barco, com uma jornada quotidiana de mais ou menos 12 hs. de trabalho, durante 5 dias por semana. Como no exemplo da mulher chefe-de-família, o emprego do tempo semanal da família de um pescador tampouco é rígido mas em função do horário e da presença do mesmo em casa.

Nós podemos afirmar, sobretudo no caso daqueles que saem para uma pescaria de vários dias, que há duas rotinas na casa: uma durante sua ausência e outra durante os dias em que ele está "no seco", como dizem, em virtude de seus horários e também, no caso daqueles cujas companheiras não exercem atividades remuneradas, em função do dinheiro que ele obterá semanalmente com a pesca.

O budget-temps do homem chefe-de-família nos mostra sua rotina diária de 2a. à sábado inclusive. Cumpre esclarecer que, quase nunca os pescadores saem para pescar na 2a. feira pois é o dia em que preparam o barco, formam a equipa, compram iscas, estudam os horários relativos às correntes, marés, lua, ventos, etc. No entanto, nós nos limitaremos à transmitir o que nos foi narrado pelo entrevistado. Porém, sua mulher e amigos nos disseram posteriormente, em conversas informais, que quando ele sai na 2a. feira para pescar é porque "o tempo ajuda" ou porque na semana anterior "a pescaria foi muito ruim". Dificilmente ele sairá também para pescar no sábado. De onde podemos resumir que na realidade o mais frequente é que nosso entrevistado pesque 4 dias por semana, em média, nos meses de verão.

Comparando o emprego de tempo dos diversos membros da sua família, vemos que o filho de 16 anos não participa de nenhuma tarefa doméstica e que mesmo buscar água, duas vezes por dia, é assumido só pela mãe.

Quem ajuda a mesma em outras tarefas domésticas são as duas filhas de 12 e 8 anos, além de frequentarem a escola primária em turnos diferentes (provavelmente para poderem ajudar a mãe, cada qual num período e também para repartirem entre si a venda de doces). É importante notar que este é o único caso em que meninas menores são remuneradas pela venda de doces que realizam a semana toda (sábados e domingos no "centro" e na praia) e nos outros dias diante da escola - porque o fazem para uma senhora da vizinhança e não para a própria família.

* Ver na página seguinte.

ATIVIDADES DIÁRIAS - Entrev. n. 45 anos/união livre/1 filho maior
 homem chefe-de-família 4 filhos menores/3 filhas menores
 Pça. Coqueiros/casa de tij. recoberto

(De 2a. à sab.)

Horário	chefe-de-família	companheira	Filho + velho(18) (Serv/Exército) Filha de 16 anos	Filha + velha(12)	Filho menor(4)	Filha menor(3)
4/4.30 hs.	Dorme	Levanta/asseio		Dorme	Dorme	Dorme
4.30/5 hs.	"	Prep/café	"	"	"	"
5/5.30 hs.	Levanta/asseio	Desperta todos	Levanta/asseio	Levanta/asseio	"	Lev/asseio
5.30/6 hs.	Sai p/prep/Barco	Toma café	Toma café	Toma café	"	Toma café
6/6.30 hs.	" " "	Buscar água	ônibus p/Abrantes	Lavar trastes	Levanta/asseio	Acorda irm.
6.30/7 hs.	Sai com o barco	" "	chega Abrantes	Prep/mingau	Toma mingau	Arruma camas
7/8 hs.	Pescando	Limpar casa	Início aulas	Aj/mãe	Brincar	Brincar
8/9 hs.	"	Lavar roupa*	Aulas	Esc. Prim.	Vai c/mãe	Aj/mãe
9/10 hs.	"	" "	"	" "	Brincar	" "
10/11 hs.	"	Compras Cobal**	"	" "	Vai c/irmã	Vender doces
11/12 hs.	"	Prep/almôço	Fim aulas	Fim aulas	Brincar	Aj/mãe
12/13 hs.	"	Almôço	Almôço	Almôço	Almôço	Almôço
13/14 hs.	"	Buscar água	Vai vêr amigos	Lavar trastes	Dormir	Esc. Prim.
14/15 hs.	"	Passar roupa*	Estudar	Vender doces	"	" "
15/16 hs.	"	Assiste TV	Estudar/ou TV	Estudar	Brincar	" "
16/17 hs.	"	Banho menores (culá)	Jogar bola	Aj/mãe	Banho	Fim/aulas
17/18 hs.	Descarregar/pesar	Banho pp/	Aj/pai	Banho pp.	Brincar	Banho pp.
18/19 hs.	Cachaça/Banho	Prep/dantur	Banho	Botar mesa	"	Estudar
19/19.30	Jantar	Jantar	Café/pão	Café/pão	Mingau	Café/pão
19.30/20	Vêr TV	Lavar trastes	Passar c/amigos	Pôr menores cama	Dormir	Vêr TV
20/21 hs.	"	Vêr TV	" "	Vêr TV	"	" "
21/22 hs.	Dormir	" "	" "	Dormir	"	Dormir
22/23 hs.	"	Dormir	Dormir	"	"	" "

* - Ela lava roupa 3 vezes por semana (2 hs. cada vez) bem como passa 3 vezes por S/tp. (2 hs. cd. vez).
 ** - A compra na Cobal é semanal, nos outros dias, ela remenda/coze, faz faxina, concertos, Posto de Saúde, etc.
 *** - As meninas vendem doces p/uma vizinha na hora da merenda escolar (cd. 1 vai 1 x por dia) Recebem 20,00/Scd
 **** - Duas vezes/S êle volta a Abrantes à tarde p/ginástica. Aos sábados as vezes trab. como aj/Pedreiro.

Citação de trechos da entrevista com este homem chefe-de-família

"Fugi dos meus pais quando tinha 13 anos. Eles era muito arreste prá mim. Luçá melhô que encontrei foi aqui: apóio e aposento. De pois botei prá pescá, melhorei de situação e botei prá namorá. - Depois fiz uma casa pequena e consegui a mulher que tenho. Fui - melhorando e comprei um barco mas depois êle se acabou. Comprei outro.

A vida de pescaria prá mim é boa né? É um pouco indecisa. Não dá prá fazer muita coisa mas dá prá viver razoavelmente. Aprendi a pescá com várias pessoas. Sai do barco de X para o meu. Faz mais de 18 anos. Nós era 4 ou 5 em saveiro de "bôca aberta", pescaria de dia inteiro. Na época 1/4 da pescaria era pro dono do barco. O meu comprei usado e com a ajuda de uma pessoa. Era um barco - igual o de X. Faz uns 10 anos que comprei barco com motor. É de convés mas também é usado. Dura se tiver boa manutenção.

É antes de sai que decido se vou e volto no mesmo dia ou se passo a noite também. Se pegá uma boa pescaria volto no mesmo dia. Tenho uma despêsa de 100,00 per dia quando volto no mesmo dia. Se eu tiver ao todo entre 250 e 300 kgs. de peixe, eu venno em - bora. Senão eu "estico".

A última vez que sai foi 2 dias atrás às 7 hs. A gente era em 3. Voltei umas 5 hs. da tarde. Pescamos pouco. Eu e o barco fizemos 600,00.

A obrigação da venda ao dono do barco sempre existiu. Mesmo no - tempo de X. O dono do barco já tem compromisso em terra. Que êle traga 1 kg. ou 100.000 kgs., o cara que vai comprá tem que ficá - com tudo, porque êle é o negociante e arca com todos os riscos. Mas eu num compro os peixes dos meus pescador. Nós todos vende - mos direto para Y.

Minha mulhé? já fez muito e já parou...(ri, refer-se à fazer fi - lhos) Agora tem 9 aí e mais o velho aqui prá cuidá. Ela trabalha demais que nume é brincadeira. Mas nunca trabalhou de ganho por - que não dava não. Eu sou consumido, eu gosto de ter minha comida zinha que ela bota no prato. Eu gosto de procurá ela e encontrá. Quando eu chego do trabalho e não encontro ela, a cabeça fica co - çando...(ri). Não tá certo. Não dá, nem ela nem os meninos. Eu - quero vêr tudo aquilo ali, perto de mim!"(Ri e bate na barriga). Eu não gosto que ela trabalhe. Se ela tivesse condições de tra - balhá era normal; mas ela num tem condição, não tem tempo sufi - ciente. Ela precisaria ter hora certa prá chegá do serviço.

Quem decide sôbre os filhos, sou eu. Se estou na pescaria, ela - espera eu chegá mas como ela é dona também, ela resolve qualquer coisa.

Prá meus filhos eu só não quero que êles fôsse pescá. Porque pes - caria não progride muito não. To velho antes do tempo por causa da pescaria. Dá muita "consumição". Não somos capazes de abrir 1 crédito no comércio. Não se tem a certeza nem a confiança. Se a gente abre, é "enfiado" nos outros.

Êles pode consegui a profissão que quizé. Z já falou em tanta coi - sa que já nem sei. Chamei prá trabalhá com contra-mestre num quiz. Mecânica também não, nem eletricista. Então eu disse: vá ser al - fiate mas êle me respondeu: pai, deixa eu voltá do Exército que aí eu sei o que vou fazer".

Prá minhas filhas num sei. Gostar mas num poder é outra coisa. - elas tem que se formá em qualquer coisa prá poder ajudá o marido se êle num tivé condição. Mas minha condição vai ser muito difí - cil de pôr elas prá estudá além do ginásio. Com meu dinheiro eu digo prá mulher: toma aí. Eu dou tudo. Irá tomá umas cachacinhas eu ainda beco. Esse aqui é prá cachaca e separo, mas ela num que que gaste tanto na cachaca. Mas essa é minha distração. Quando vou

sai prá pescá, na véspera num bebo. Me controlo no negócio. Também gosto de vê televisão de noite. Antes eu ia na Caráúna dá uns recados... (7) Às vezes eu garro no sono e ela continua vendo que eu botei a televisão de frente prá cama. Lá em casa, quando os meninos querem algum dinheiro, eles pe dem prá mãe, sabe como é, mãe é mais traca... pega dinheiro ao seu pai... Eu não tenho, pegam prá sua mãe. É assim. O máximo que já fiquei de uma só vez sem ir pro mar, foi um mês. E aí? É um tal de tomá emprestado, fiado, servi de ajudante de pedreiro, pescar no rio, nos arrecifes..."

4) Valôr: Vários sociólogos e economistas vem debatendo a questão sobre a diferença entre os conceitos de valor de uso e valor de troca, para avaliar monetariamente o valor da produção doméstica.

Muitos métodos tem sido elaborados e MICHELA (48) apresenta alguns d'êles em seu último livro.

KENDÉ P. (49), economista francês propõe que uma atividade se ja considerada como produtiva desde que ela possa ser realizada por qualquer outra pessoa no lugar daquela que a realiza e que esta pessoa substituta, possa pretender uma indenização, caso ela seja uma pessoa exterior a um grupo familiar considerado. (Assim, uma atividade seria "improdutiva" cada vez que uma tal substituição não pudesse se fazer (exemplo: estudos, jôgos, exercícios, etc..))

Entretanto êsse método de cálculo também apresenta seus limites, segundo Lefebvre Y. citada por MICHEL A. (50), pois permitiria a introdução da ideologia dominante na avaliação da produção doméstica ao considerá-la como simplesmente uma série de tarefas justapostas e assim estaria ocultando a característica essencial da produção doméstica, que implica na organização e coordenação das mesmas, de acôrdo com uma programação rigorosa, ou seja; estaria abstraindo a principal tarefa da qual decorre a efetividade das outras: a gestão.*

Como conclue MICHEL A. (51), "a produção doméstica quotidiana não é apenas uma série de tarefas diversificadas e produzidas cronologicamente mas sim, o resultado de uma planificação extremamente complexa, organizada ao mesmo tempo em função do tempo e do espaço" e nós acrescentaríamos, organizada sobretudo em função do orçamento familiar.

GALBRAITH (52), considera que as atividades domésticas exercidas dentro do grupo familiar não tem valôr de troca porque são consideradas pelo grupo, como as virtudes de uma mulher, face à sua família.

Ainda segundo MICHEL (53) "nós deveríamos conseguir identificar todos os aspectos quantitativos e qualitativos das tarefas domésticas que constituem a principal prestação de serviços, garantida pelas "donas-de-cas" e que a tradição confere em prio-

(48) MICHEL A. Op. cit.

(49) KENDÉ P. "Les biens et les services autoproduits dans la consommation des ménages français", in MICHEL A "Les femmes - dans la société marchande/Op. cit.

(50) MICHEL A. Op. cit.

(51) MICHEL A. Op. cit.

(52) GALBRAITH J. Op. cit.

(53) MICHEL A. Op. cit.

*Sublinado por nós.

ridade às mulheres casadas mesmo àquelas que realizam uma atividade profissional exterior. O objetivo dessa identificação se impõe, pois a produção doméstica "non-marchande", torna-se invisível pela sociedade "marchande" que a exclui de seus índices de produção". "Mas se o papel conjugal da mulher ainda é glorificado até hoje, não é tanto para homenagear suas qualidades intrínsecas e as funções que ela assume, mas, para disfarçar a produção dos serviços domésticos em que implica a função da esposa." O valor "inestimável" dessa produção, serve à ocultar seu valor econômico e sua relação de produção de troca. Ainda segundo MICHEL A (54) "A produção doméstica encontra de certa forma uma legitimação científica, num pseudo-fundamento biológico: a mulher "étant censée" realizar esse papel não em virtude de das contingências histórico-econômicas, mas em virtude de sua natureza biológica específica. A biologia substituiu assim a metafísica em falência sobre a feminilidade, mas se sempre se pode mudar os conceitos metafísicos, não se pode também mudar de sexo. Se a biologia determinou à mulher a capacidade de pôr os filhos no mundo, ela não a predestinou à realizar essa produção doméstica "invisível". No entanto é esta "leitura biológica" que tem sido feita até hoje pelos homens que beneficiam da produção doméstica de suas esposas e pelas próprias mulheres que participam do discurso do senso comum, ao declararem que não trabalham quando permanecem em casa e também, pelos agentes dos organismos de estatísticas que excluem de seus cálculos a produção doméstica das mulheres".

Como o trabalho doméstico nunca foi considerado como um trabalho nem assimilado tampouco à nenhuma profissão ou categoria profissional, as mulheres casadas preenchem as fichas de recenseamento e outros questionários, se auto-designando como "donas-de-casa" e como ocupação: "prendas domésticas". Na própria palavra prendas aparece mais a natureza de uma virtude, como diz Galbraith, do que de um esforço.

Considerado "invisível" (feito dentro de casa), efêmero (sempre recomeçado porque sempre consumido ou desfeito), jamais contabilizado (nem em horas nem em valor), isso tudo permitiu às próprias mulheres interiorizarem essas obrigações que lhes foram impostas pelo grupo masculino, como virtudes ou "atos de dedicação e amor", escondendo até quando trabalham ou realizam atividades remuneradas, através do uso indevido do verbo AJUDAR.

Eu "ajudo" meu marido, ou ainda "às vezes faço qualquer coisa para ajudar minha família"... A ocasionalidade e a minimização de sua participação efetiva, mostra quão difícil é perceber a realidade do trabalho feminino, pois tanto elas como nós, estamos todos impregnados da ideologia da "mulher, rainha do lar".

Porém, outros pesquisadores, preocupados em buscar a realidade do dia a dia atrás desse discurso convencional, descobrirão que só a mulher que vive com um homem ou é viúva recente é que usa tais subterfúgios verbais para disfarçar a realidade.

As mulheres separadas, solteiras ou aquelas cujo marido morreu há muito, não hesitarão em declarar, se for o caso, que elas sempre trabalharam ou que começaram a trabalhar justamente à partir da primeira união, conforme veremos no capítulo seguinte.

(54) MICHEL A. - Op. cit.

Capítulo IV - A produção remunerada das mulheres chefe-da-família

IV- A) População economicamente ativa

Encontra-se um grande número de famílias, especialmente nas áreas rurais que ainda produzem elas próprias parte dos bens que necessitam.

Esta produção, devido à divisão sexual é realizada pelas mulheres. Mas como nem tudo que a família precisa pode ser produzido na unidade doméstica, torna-se indispensável a obtenção de alguma renda monetária com a qual seja possível adquirir no mercado, parte dos bens que serão consumidos, ou utilizados.

Geralmente caberá ao homem, suposto ser o chefe-da-família, vender parte dos bens produzidos em família ou a sua própria força-de-trabalho, para conseguir essa renda monetária.

Como é o homem que terá mais facilidade de obter uma formação profissional através de qualquer emprego bem como maior possibilidade no mercado de trabalho, ele será o primeiro da família a entrar no sistema econômico monetário. Daí sua atividade ser refletida pelas estatísticas censitárias e as da mulher não.

No entanto isso não significa para nós que as pessoas que se dedicam à produção de bens de uso, não trocados no mercado, ou que participem da produção de mercadorias sem receber remuneração, não trabalhem. (55)

Essa ambiguidade na classificação das mulheres quanto à sua posição na força-de-trabalho, tem levado, como já afirmamos anteriormente às distorções quanto às taxas da População Economicamente Ativa.

De acordo com o último censo do IBGE, foram incluídos na População Economicamente Ativa, todos aqueles que trabalharam nos últimos 12 meses anteriores ao censo, mesmo que naquela data estivessem desempregados, em licença, férias ou presos aguardando julgamento, bem como aqueles que estavam em busca de trabalho pela primeira vez, considerada a população a partir de 10 anos de idade.

Por outro lado, o IBGE considerou na População Economicamente Não Ativa, aqueles cuja ocupação como estudantes ou donas-de-casa, implica no exercício de atividades não-remuneradas, ou aqueles que embora recebam uma soma em dinheiro, esta não é considerada como remuneração: os aposentados, os pensionistas e aqueles que vivem de renda.

Entretanto, para efeito deste estudo nós resolvemos incluir tanto os aposentados quanto aqueles que vivem de renda (aluguel de casa ou dono de barco no caso preciso de Arambepe), na P.E.A. pois os aposentados são aqueles que gozam de tal situação justamente por terem trabalhado a maior parte de sua vida e portanto a aposentadoria é um indicador de seu pas

(55) LUSTIG H. e RENDON T - "Condición de actividad y posición ocupacional de la mujer y características sócio-econômicas de la familia en Mexico," in "O trabalho feminino em áreas rurais do AL - Uma revisão da literatura, por CARVALHO E.L e RIBEIRO DA SILVA R.B. (mimeo) Seminário "A mulher na força de trabalho no AL", novembro/74, Inst. Univ. de Pesquisas do RJ (IUPERJ)/Brasil.

sado de trabalhador. Quanto aos que vivem de renda, embora o termo seja real, ele é limitado porque no caso de Arembepé, essa renda é fruto de um trabalho anterior daquele ou daquela que dela beneficiam.

Por isso, se na primeira tabulação dos dados demográficos referentes à P.E.A. em Arembepé* obtivemos totais inferiores aos da tabela abaixo, isso se deve ao fato de termos incluído em nossos novos cálculos sobre a população local, os aposentados e aqueles que vivem de renda, pelas razões que acabamos de expôr.

P.E.A. masculina: Total 336 = 58,03%

P.E.A. feminina : Total 243 = 41,96%

P.E.A. Total = 579 pessoas.

P.E.A. corresponde à 40,48% da população local de Arembepé, constituída por 1430 habitantes fixos**

QUADRO N. 11

Situação conjugal da P.E.A. de Arembepé.

SIT. CONJ.	P.E.A. a partir de 14 anos					
	♂	%	♀	%	TOTAL	%
SOLTEIROS	113	33,63	51	20,98	164	28,32
CASADOS/UN.	194	57,73	122	50,20	316	54,57
SEPARADOS	23	6,54	50	20,57	72	12,43
VÍDUOS	7	2,08	20	8,23	27	4,64
TOTAL	336	99,98	243	99,98	579	99,98
%	58,03 ^o	→ +	41,96 ^o	→ =	100%	

o% em relação a P.E.A. total.

Constatamos que entre os solteiros há uma porcentagem bem maior de homens que trabalham do que mulheres. A causa pode ser explicada por dois fatores: 1) as moças são requeridas pela família de origem para cuidar da produção doméstica enquanto a mãe vai trabalhar fora. 2) Muitas jovens migram temporariamente à Salvador buscando melhores colocações ou servindo de domésticas para poder continuar seus estudos.

Já entre os casados ou em união livre, a diferença percentual é pequena o que pode levantar a questão sobre a insuficiência da remuneração masculina, ou de uma só remuneração ou salário na família.

Entre as 122 mulheres casadas, que trabalham, 19 são chefes-de-família (15,57%) as outras, (84,43%) correspondem às que explicam que "ajudam o marido" e se não as consideramos chefes-de-família é porque a parte da contribuição delas ao orçamento familiar é bem inferior à do marido.

*Cf. resultados no primeiro relatório

** Na data da enquete geral da pesquisa de campo (Set/76)

Já entre os separados, a proporção dos homens é de 1/3 em relação às mulheres, sendo que entre as 50 mulheres separadas - do povoado, 50% são chefes-de-família. Entre os 22 homens separados, apenas 18,18% (4) são chefes-de-família. Isso pode significar que os outros 18 homens separados voltaram a viver com suas famílias de origem (o que comprovamos ser o caso muito frequentemente), ou que eles vivem sós atualmente enquanto os filhos foram assumidos pela mulher.

Quanto aos viúvos, também a proporção dos homens que trabalham é quase de 1/3 em relação às mulheres na mesma situação conjugal. Para um total de 20 viúvas, temos 9 chefes-de-família ou seja, 45% delas. Entre os 7 viúvos, 42,85% também são chefes-de-família. Essas duas últimas porcentagens nos mostram ou indicam a presença massiva de famílias matrifocais e patriarcais extensas.

QUADRO N.12

Faixa etária da P.E.A. de Arembene

FAIXA ETÁRIA	SEXO		%		TOTAL	%
	♂ HOMENS	♀ MULHERES	♂ %	♀ %		
0 - 9	—	2	—	0,82	2	0,34
10 - 13	2	4	0,59	1,64	6	1,03
14 - 17	16	13	4,76	5,34	29	5,0
18 - 25	103	49	30,65	20,16	152	26,25
26 - 35	27	46	22,91	18,93	123	21,24
36 - 45	66	53	49,64	21,81	119	20,55
46 - 55	40	38	11,90	15,63	78	13,47
56 - 65	15	22	4,46	9,05	37	6,39
66 - 75	11	8	3,27	3,29	19	3,28
76 - 96	6	8	1,78	3,29	14	2,41
TOTAL	336	243	58,03	41,96	579	

Constatamos por êste quadro que o maior índice de homens trabalhando atualmente concentra-se na faixa de 18/25 anos, enquanto que para as mulheres, o maior índice está na faixa de 36/45 anos, embora à partir dessa faixa de idade, a quantidade de mulheres vá aumentando tanto numérica quanto percentualmente, em relação ao número de homens para as faixas de idade correspondentes.

Tais resultados nos colocam diante de duas hipóteses; da mesma forma que o quadro anterior: ou as moças de 18/25 anos continuam na casa dos pais envoltas na produção doméstica ou, dada a ausência de possibilidades de trabalho local, parte delas emigrou temporariamente, mas de qualquer forma, entre as que ficaram poder-se-ia pensar também que elas estejam iniciando uma relação fixa e limitada ao lar, por gravidez ou parto recente.

Também nas primeiras faixas de idade encontramos um maior número de meninas que trabalham em comparação com os meninos na faixa de 0 a 17 anos. Isso se explica pelo fato de que muitas famílias "emprestam" suas filhas para madrinhas ou "tias" que lhes garantiram casa, comida, escola e uma pequena remuneração em troca de serviços domésticos ou para cuidar dos filhos menores. Como para os meninos não é pedida nenhuma participação na produção doméstica, fica mais difícil colocá-los em casas de terceiros ou parentes. Assim como período de idade haveria para as mulheres, maiores possibilidades de trabalho.

IV-E) Divisão sexual do trabalho em Arembepe

Tendo o povoado se constituído em função da pesca, esta atividade foi, durante muitos anos, a principal fonte de recursos econômicos da localidade.

A pesca, como na maioria dos países do mundo é um trabalho que o grupo masculino reservou para si próprio à exclusão radical das mulheres, baseando-se para isso em diversos mitos ligados aparentemente às qualidades "viris" como a força física, a coragem, a ousadia, etc... e aos defeitos ditos "femininos", que, como todos nós sabemos, consistem na fragilidade física e emocional, no medo, na passividade, etc...

Entre alguns mitos (que variam segundo os países e as crenças locais, resultantes de tradições, lendas e sincretismos culturais e religiosos), vamos citar apenas o mais próximo, dentro da realidade brasileira e em particular das regiões onde predominam as crenças de candomblé, umbanda e outras, segundo as quais, "as mulheres não podem sair para pescar nos barcos, nem mesmo junto com os homens, porque Iemanjá, deusa das águas e padroeira dos pescadores, ficaria com ciúmes e a pesca seria um fracasso ou ela poderia provocar um naufrágio".

Entretanto existe uma constante na divisão sexual do trabalho, seja na pesca, como na caça, na agricultura, etc...: sempre que uma atividade implica a propriedade dos meios de produção: barcos, rédes, arado, cavalo e até das áreas: o mar, a terra, o ar, tudo isso, bem como a mecanização das indústrias anteriormente caseiras ou a profissionalização de certas atividades até então "domésticas", essas atividades se encontram detidas e controladas pelo grupo masculino.

Para nos limitarmos aos exemplos locais, poderemos dizer que enquanto a mulher varre a casa, o quintal, a calçada, mesmo em Arembepe a Limpeza Pública Municipal, contrata homens como lixeiros e varredores; as mulheres criam galinhas e alguns patos, mas desde que essa criação se torne mecanizada, instale-se uma granja ou um matadouro de aves, eles serão de propriedade e dirigidos por um homem. Todas as mulheres cozinham em suas próprias casas e começam a praticar tal atividade desde muito cedo, no entanto a Tibrás só contratou cozinheiros homens.

Isso tudo nos leva à uma única conclusão: quando o trabalho é valorizado economicamente ou pelas vantagens sociais que um cargo ou posto implicam, ele é imediatamente detido pelo grupo masculino, assim como quando um trabalho passa a ser mecanizado. As mulheres cabem os trabalhos aos quais não é atribuído significado econômico, manuais, sem vantagens legais ou prestígio.

As atividades remuneradas que as mulheres de Arembepe exercem atualmente, são, na grande maioria, extensões das atividades domésticas, prestadas a terceiros, fora do círculo familiar e por isso remuneradas, de acordo com o sistema monetário.

Estas atividades entretanto, são bastante limitadas e mesmo quando prestadas a terceiros são mal remuneradas, seja entre os próprios habitantes locais, seja pelos veranistas que aproveitam assim para passar somas írisórias.

Uma grande parte das mulheres "lava e passa de ganho" (lavadeira, passadeira) porque muita gente prefere vir até Arembepe e trazer suas trouxas do que pagar uma empreitada de capital para fazer esse serviço.

Já os homens de Arambepe, principalmente os jovens, tem hoje com a Fibrás, que segundo eles próprios, "é uma verdadeira mãe prá nós", perspectiva de diferentes carreiras técnicas e profissionais, mesmo que anteriormente não tenham recebido nenhuma formação ou especialização.

Por outro lado, como a maioria dos homens é chamada para servir as Forças Armadas (Serviço Militar), eles sempre aprendem aí alguma técnica que poderá lhes servir como profissão na vida: mecânica, eletricitista, encanador, e outros.

Com os planos estaduais de desenvolvimento do turismo ** para toda a região do litoral norte, Estrada do Côco e a consequente especulação imobiliária - em franca expansão - abriu-se um grande mercado de mão-de-obra masculina no setor de construção e assim, aqueles que no início entraram como ajudantes gerais ou serventes, nas firmas de construção, pouco à pouco vão formando uma coletividade de pedreiros, marceneiros e carpinteiros, hoje em dia, já autônomos em grande parte e alguns trabalhando como empreiteiros.

Tendo em vista a instabilidade da produção pesqueira mesmo durante a época de maior produção (verão), em virtude dos elementos naturais e dos limites dos instrumentos e embarcações rudimentares, tanto os pescadores como suas mulheres adquiriram o hábito de contar com a ocasionalidade do dinheiro da pesca, embora crendo que "no dia seguinte se obterá mais" e só memorizam do "as grandes pescarias" que por serem raras são facilmente lembradas.

Essa instabilidade e incertitude, sobretudo entre os pescadores marinheiros***, levou as mulheres a trabalharem em troca de alguma forma de remuneração, através de várias gerações, o que nos foi narrado por inúmeros informantes.

Considerando-se que a alimentação tem que ser diária e que necessidades prementes como doenças, etc, também implicam em gastos permanentes, as mulheres sempre trabalharam seja de forma temporária (durante o inverno), seja regularmente, pois não somente a instabilidade da pesca era determinante mas também a instabilidade do próprio pescador para quem o hábito de beber, jogar e ter várias mulheres ou "famílias" é ainda assumido de forma quase reivindicativa.

Assim as mulheres aprenderam a contar consigo próprias para os gastos cotidianos e a subsistência familiar e, eventualmente, com a ajuda da família de origem, pois muito frequentemente, quando os pescadores ganham dinheiro, grande parte deste é gasto em outros objetivos individuais, alheios às necessidades familiares.

A extração do côco assegurou durante muito tempo, uma certa soma de dinheiro regular às famílias, pois nesse trabalho trimestral, eram empregados homens, mulheres e crianças, embora uma vez mais, os homens por subirem nos coqueiros eram melhor remunerados que as mulheres que passavam o dia curvadas, apanhando os côcos, aonde caíam para encher os cestos, ganhando por número de cestos completos.

* Assim consideram porque tem transporte gratuito, água potável, carro à disposição em caso de urgência, refeições quase gratuitas,...

** Cf. já foi desenvolvido no primeiro relatório

*** Cujos status também já foi analisado no primeiro relatório.

63

IV-C) As atividades remuneradas exercidas pelas mulheres chefes-de-família

a) Natureza

As atividades exercidas pelas mulheres de Aracaju em troca de remuneração: em dinheiro (na maioria dos casos), em "aprazos", (em alguns casos ou como complemento à remuneração pecuniária) nada mais são como já dissemos, que a extensão da produção doméstica, ou seja: das atividades que toda mulher exerce dentro da própria casa, em benefício da própria família.

Qual é portanto a diferença que estabelece que certas atividades sejam consideradas profissionais e outras não? Objetivamente falando, toda pessoa que sempre exerceu as atividades domésticas, deveria ser uma profissional em cada uma dessas atividades, da mesma forma que um homem que sempre pescou é pescador.

A diferença concreta está no fato de que, enquanto uma atividade de qualquer é ensinada a um homem, tendo por objetivo o exercício posterior da mesma EM TROCA DE UMA REMUNERAÇÃO (visando a própria autonomia econômica); as atividades ditas "domésticas", são ensinadas ou impostas às meninas, tendo por objetivo ensinar-lhes também para que a exerçam posteriormente, mas EM TROCA DO RECONHECIMENTO DOS MEMBROS DA FAMÍLIA que ela irá criar por sua vez e portanto visando a união e a reprodução e nunca a autonomia econômica das mesmas.

Nossa hipótese, à partir desta pesquisa de campo mas também da análise de dados secundários sobre vários países do Terceiro Mundo, realizada por TINKER(56), BOSERUP(57), EUVINIC e YOUSSEF(58), é a seguinte:

Desde a infância a criança do sexo feminino é condicionada através dos brinquedos que possui, do auxílio que presta à mãe ou da imitação desta, à preparação dos futuros papéis que a sociedade reservou para ela: esposa e mãe. Isso significa que o "rito de passagem" das meninas para o grupo feminino adulto se dá no momento em que a moça produz um filho ou em que assume uma família. Em ambos os casos, ela está apta para tal, visto que toda sua educação foi orientada nesse sentido: realizar trabalhos EM TROCA DO RECONHECIMENTO dos demais membros do grupo familiar, que seja a família de origem ou a família que ela fundar

Para a criança do sexo masculino, a orientação, desde pequena, será outra: seus brinquedos e jogos corresponderão seja à atividades lúdicas, puramente esportivas (jogar bola, nadar, correr, lutar), visando seu pleno desenvolvimento físico e suas reações de iniciativa e auto-defesa; seja à imitação de diferentes profissionais: bombeiro, motorista, piloto, mecânico, policial, etc. Isso significa que o "rito de passagem" dos meninos para o grupo masculino adulto se dá no momento em que o rapaz é capaz de exercer uma atividade EM TROCA DE REMUNERAÇÃO, obtendo assim sua independência econômica.

Essa hipótese nos leva à pensar que está na diferença dos "ritos de passagem" a diferença determinante que regerá as atitu-

(56) TINKER E. - op. cit.

(57) BOSERUP E. - op. cit.

(58) EUVINIC N. e YOUSSEF N. - op. cit.

des e a orientação de vida dos homens e mulheres. A mulher produz riquezas, mas visando exclusivamente a sobrevivência ou a ascensão social do grupo familiar imediato; enquanto o homem visa antes de tudo sua auto-afirmação no mundo exterior, auto-afirmação essa que se traduzirá pelo emprego, pelo salário, pela carreira e pelas perspectivas pessoais.

Um exemplo bastante elucidativo encontra-se nas inúmeras famílias nas quais a mulher faz doces, geladinhos, etc... Se ela tem uma filha mulher, poderá mandá-la vender nas ruas; se tiver um filho pequeno (até 7 anos de idade) também, mas terá que dar para este alguma remuneração sobre o lucro obtido. No entanto, para as meninas, tal trabalho é uma extensão das tarefas que elas realizam dentro de casa para ajudar a mãe, sabendo que é para o bem-estar de toda a família.*

QUADRO N. 13

Momento em que os homens e mulheres chefes-de-família começaram a trabalhar em relação aos estudos.

INÍCIO DO TRABALHO	SEXO			
	♀ MULHER	%	♂ HOMEM	%
TRABALHO DIRETA/ SEM ESTUDAR	11	36,66%	1	6,66%
COMEÇOU ENQUANTO ESTUDAVA	12	40%	5	33,33%
NO ÚLT. ANO DE ESTUDOS	1	3,33%	1	6,66%
AO INTERROMPER OBTERMINAR ESTUDOS	4	13,33%	7	46,66%
UM ANO APÓS CONCLUSÃO ESTUDOS	2	6,66%	1	6,66%
TOTAL	30	99,99%	15	99,99%

Enquanto uma grande maioria de mulheres começou à trabalhar ou sem estudar ou enquanto estudava, o total atingindo 76,66%, a maioria dos homens se situa justamente nos três casos seguintes; após conclusão de estudos, no último ano deste ou ao terminar: 60% entre eles. Assim, já na tentativa de buscar um trabalho as mulheres partem com uma desvantagem inicial relativa aos estudos.

QUADRO N. 14

Situação conjugal dos homens e mulheres chefes-de-família ao conseguirem o primeiro trabalho.

FAIXA ETÁRIA	SOLTEIRO		CASADO/A.D.		SEPARADO		VIÚVO		TOTAL	
	♂	♀	♂	♀	♂	♀	♂	♀	♂	♀
7/14	5	8	-	-	-	-	-	-	33,33%	26,66%
15/30	10	19	-	3	-	-	-	-	66,66%	73,33%
31/45	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
46/60	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
61 et +	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL	15	27	-	3	-	-	-	-	99,99%	99,99%

*Consultar: LAGRADA NETO Z. "As meninas" Comunicação apresentada no seminário "A mulher na força de trabalho de Al./nov, 78 Inst. Uniz. de Lond. de Res. de Res. (UNILK).
RODRIGUES S.A. "O período, o trabalho", Ed. Símbolo, São Paulo

Embora 10% das mulheres chefe-de-família tenham começado à trabalhar à partir do casamento ou da união livre, enquanto que todos os homens começaram à trabalhar ainda solteiros, cumpre notar que nenhuma mulher chefe-de-família só começou à trabalhar depois de separada nem tampouco depois de ter ficado viúva e assim o cargo de chefe-de-família que elas tiveram que assumir em algum momento da vida, não está diretamente ligado à ausência ou partida do marido ou companheiro, como quer crêr a maioria das pessoas que se refere à mulher chefe-de-família.

Dentro da questão que encerra qual a natureza das atividades exercidas pelas mulheres em troca de remuneração, queríamos chamar a atenção para o fato de que o uso de conceitos tradicionais como emprêgo, sub-emprêgo, marginalidade e outros, não tem validade nem aplicação na análise da realidade que estamos estudando, pois todos êsses conceitos estão comprometidos com uma só referência: o trabalho das sociedades industriais e capitalistas.

Embora Arembepe seja uma zona semi-rural e esteja vivendo - uma fase de profunda transformação econômica e social, pensamos como MADEIRA (59) que "nas regiões sub-desenvolvidas, ocorre uma heterogeneidade quanto aos níveis de utilização da tecnologia e uma variedade de modos de produção queleva à formação de categorias ocupacionais sub-utilizadas, segundo formas e níveis específicos. Isso quer dizer que as características de sub-emprêgo, devem ser definidas em função do modo de inserção do trabalhador no sistema produtivo"* Por isso a aplicação de tais conceitos às atividades típicas dos modos pré-capitalistas de produção é sempre inadequada."

As mulheres em Arembepe trabalham em dois setores de atividades: setor de subsistência e setor de autonomia.

O setor de subsistência, segundo SINGER(60) "é o conjunto de unidades cujo produto se destina predominantemente ao consumo dos próprios produtores. A parcela do produto destinada - ao auto-consumo não tem que ser, em princípio, a maior parte, no sentido quantitativo, do produto total: ela tem que ser a parcela decisiva do consumo ou seja, da subsistência do produtor."

É o caso por ex., das mulheres que mariscam, que cortam lenha que vendem água, que criam galinhas e patos, etc, extraem côco mole, cajú, etc...

O setor autônomo é aquele que é composto por empreendimentos - individuais cujo produto se destina ao mercado. Ele se compõe sobretudo de:

- a) explorações camponesas;
- b) unidades de comércio varejista;
- c) unidades de prestação de serviços (bares, carregadores, etc..)
- d) artesãos e ind. domésticas (costureiras, etc.)
- e) profissionais liberais;
- f) "lumpen" (mendigos, prostitutas, delinquentes);

(59) MADEIRA P. "O trabalho da mulher em Fortaleza"-Primeiro Simpósio Mexicano e Centro Americano de Investigación sobre la mujer 77, México (mimeo)

(60) SINGER P. "Elementos para uma teoria do emprêgo aplicável a países não desenvolvidos, in Cadernos CERCAI n. 18, 1970/São Paulo
* Consultar à êsse respeito: AMILAR B. "Casa e modo de produção" Comunicação apresentada no seminário "A mulher na força de trabalho da AL", ALER, nov/78/Rio de Janeiro
WOOLFEAN L. "Marginal man and dominant women: kinship and sex roles in the Bahian poor" (mimeo) Univ. Fed. de Brasília/1977

Pela própria enumeração vê-se logo que são atividades de precário nível de produtividade que poderiam ser, em princípio, substituídas com vantagem por empresas capitalistas: supermercados, cadeias de hotéis, etc...

A sobrevivência da Economia Autônoma só se explica pelo fato dos indivíduos empregados nela sub-remunerarem seu trabalho, seu capital ou sua terra.

Os custos mais elevados da produção "autônoma", são compensados pela sub-remuneração dos fatores de produção: pessoas da família que trabalham e não recebem salários, o valor locativo do espaço doméstico utilizado para a produção não é considerado na formação do preço do produto o mesmo acontecendo com a depreciação dos instrumentos de produção, com as horas extras trabalhadas, etc...

Este setor tende, por definição a absorver a força de trabalho excedente, ou seja, aquela que se encontra na economia de mercado mas não consegue empregar-se na economia capitalista ou nas Agências Governamentais."

É o caso em Areembepe de tôdas as baianas do tabuleiro, as vendedoras de doces e outros preparados, bem como as "bibócas", quitandas e vendas. A margem de lucro daquelas que comerciam é sempre mínima e assim nunca podem ampliar seus "negócios", nem tão pouco obter crédito junto às Instituições oficiais ou bancárias para poderem se expandir.

QUADRO N. 15

Fonte através da qual os homens e mulheres chefes-de-família obtiveram o primeiro trabalho

SEXO	HOMENS		MULHERES	
	♂	%	♀	%
INSTIT. PROFISIONAL	—	—	1	3,33
FAMILIARES	3	20,2	19	63,33
AMIGOS/VIZINHANÇA	5	33,33	4	13,33
APADRINHAMENTO	2	13,33	1	3,33
ANÚNCIOS	1	6,66	3	10%
BUSCA JUNTO EMPREGADORES	3	20,2	1	3,33
NÃO-DECLARADO	1	6,66	1	3,33
TOTAL	15	99,99	30	99,95

O quadro acima ilustra o condicionamento e o funcionamento dos grupos masculinos e femininos em relação aos jovens de seus respectivos grupos. Enquanto 33,33% dos homens conseguiram seu primeiro trabalho através de amigos ou da vizinhança as mulheres, na sua maioria: 63,33% obtiveram o primeiro trabalho através de familiares. Enquanto 20% dos homens tomaram a iniciativa de procurar diretamente junto aos possíveis empregadores, apenas 3,33% das mulheres o fizeram.

b) Qualidade

u.1) Anteriormente durante a fase das entrevistas semi-dirigidas e mesmo anteriormente, durante a fase de enquete, sempre que nos coube perguntar a um informante com quem tinha aprendido a(s) atividade(s) que exercia(m) ou exercera(m), muitas

vêzes as mulheres se referiram à própria mãe ou mãe de adoção, avó, madrinha ou outra mulher que as educaram. Também os homens chefes-de-família entrevistados se referiam às diversas atividades exercidas por suas mães quando eles jovens ou crianças, com o objetivo, de "ajudar o pai" ou ainda: "prá família podê se aguentá".

Citação de trechos de entrevistas:

"Mãe sempre trabalhou na roça. Ela ainda trabalha até hoje. É num sítio arrendado de uma tia. Daqui nós vai lá de à pé, - em meia-hora." (Entrev. n.1/2)

"Eu era criada com minha mãe. Nós fazia "calvão" na roça. Eu mais ela. Ela ainda veve disso mesmo" (Entrev. n.6/2)

"Minha mãe sempre trabalhou na roça com meu pai. Ele ia negociá os produto e ela preparava uns doces e outras coisa que - era prá ajudá também" (Entrev. n. 9/3)

"Meu pai era negociante de peixe. Vendia por Itapõa, Camacari, êsses lugares todos. Minha mãe fazia feijão com farinha que - ela vendia pros pescador. Eles iam pro mar e já levavam de comer pronto. Tinha uns que vinha de otros lugá e vinha qui prá comê. Ela fazia isso prá dá ropa prá gente e tudo que faltava em casa né?" (Entrev. n.15/3)

Vamos descrevêr as atividades repertoriadas, tal como nos foram transmitidas por nossos informantes.

Diferentes preparos culinários e sua venda respectiva:

1) Mingau e/ou feijão com pirão de farinha: depois de terem preparado o saveiro, os pescadores ficavam na praia esperando o melhor momento para saírem para o mar. Era ali mesmo na praia que eles compravam o mingau para tomar antes de partir ou mesmo quando voltavam da pescaria. Também o feijão com farinha que eles levavam no barco, era comprado de suas "freguesas" já conhecidas. Elas vendiam em casa mesmo, aonde eles iam buscar.

2) Moqueca de fôlha: era preparada com peixes muito pequenos, - parte de outros peixes ou ainda com mariscos e crustáceos. Enroladas em fôlhas de bananeira. As mulheres colocavam a mercadoria em grandes balaios que carregavam na cabeça e iam vender - nos povoados do "interior", distantes até 30 kms. de Arembepe. Iam a pé e por isso quase nunca voltavam no mesmo dia, recebendo pelo caminho, pousada de parentes e amigos.

3) Doces diversos: cavaco, tamarindo, cocada, bala de goma, pa & monha de mandioca, etc... tudo isso era vendido quotidianamente no próprio povoado ou nas circunvizinhanças, sobretudo nos fins de-semana e dias de comemorações nas localidades próximas.

4) Venda de peixes salgados e secos: Quando os pescadores voltavam da pescaria, as mulheres compravam parte da produção, sobre tudo o excedente que não tinha sido comprado pelos negociantes, geralmente peixes de segunda qualidade (menores). Depois de salgá-los e secá-los, elas mesmas iam vendê-los nos povoados do "interior". Como as vendedoras de moquecas, iam a pé. Raras - eram aquelas que possuíam um jôque. Quando havia um animal de montaria na casa, este era sempre usado pelos elementos masculinos.

cumpre notar que mesmo antigamente o comércio principal do peixe fresco era feito por homens. Alguns vinham de outras localidades; outros eram negociantes de Arembepe mesmo. Saíam com os tonéis carregados sobre um jéque ou cavalo e dirigiam-se para - Monte Gordo, Portão, Lauro de Freitas, Itapõa ou diretamente para Salvador. A venda tinha que ser muito rápida pois não tinham gôlo e frequentemente o peixe se deteriorava e era o pescador o prejudicado, pois os negociantes só pagavam ao pescador pelos peixes vendidos. Assim, a clientela das mulheres era a mais pobre, aquela que só podia comprar peixes secos.

Diversos trabalhos artesanais e sua venda respectiva:

1) Uma das principais fontes de renda das mulheres, consistia em trançar palha, com diversas finalidades. Elas mesmas iam ao mato recolher as fôlhas, lavá-las, abrí-las, secá-las para depois trançar. Era sempre uma produção caseira já que para a mesma concorriam os elementos femininos jovens e adultos da casa.

Elas vendiam a trança aos metros ou faziam chapéus que depois eram transportados nas embarcações para o mercado de Salvador, aonde eram vendidos, seja pelo dono da embarcação que os comprava por atacado nos povoados da costa, seja pelas próprias mulheres que iam à duas, para vendê-los no varejo. Com a palha trançada faziam também o teto e as parêdes bem como as cêrcas das casas, ou palhoças que até bem pouco era ainda a moradia-tradicional do lugar. Mesmo posteriormente as casas de taipa continuaram sendo recobertas de palha.

2) Embora tecer rêdes fôsse considerada uma arte masculina, os homens da localidade preferiam pagar uma mulher para fazê-lo, sobretudo as tarrafas para pescar nos arrecifes como também o jereré e a rêde propriamente dita.

3) Fazer carvão de lenha - Embora seja um trabalho muito árduo também sempre foi incluído nas atividades femininas e era uma fonte de remuneração. Elas revendiam o carvão às outras famílias ou trocavam por outros produtos. Ainda hoje no povoado, muitas famílias utilizam um fogão misto de carvão e lenha.

A extração do côco: é uma atividade trimestral conforme já mencionamos anteriormente e embora hoje em dia tenha diminuído muito a quantidade desse trabalho na região, êle ainda existe em pequena escala. Algumas mulheres, entre as mais pobres, realizam atualmente tal atividade, embora elas recebam uma remuneração bastante inferior à dos homens, cuja tarefa é subir nos coqueiros para apanhar os côcos.

Situação atual das mães de tôdas as mulheres chefes-de-família de Arembepe

- Trabalham atualmente = 26
- Nunca trabalharam = 2
- Falecidas (sp. trabalharam) = 17
- Sempre trabalhou (está quase cega atualmente) = 1
- Não declararam = 13

Média da idade das mães das mulheres chefes-de-família: 57,2

1.2) Atualmente

Baseando-nos na classificação das atividades femininas tal como ela foi apresentada no relatório anterior, vamos desenvolver aqui uma descrição dessas atividades.

A primeira atividade mais exercida em Arembépe pelas mulheres chefes-de-família: 23,72% consiste na venda de doces e salgados que inclui a atividade das "bairanas do tabuleiro ou do acarajé". Essa atividade talvez seja a mais bem remunerada mas seu exercício não é autônomo e depende de todo um circuito de conhecimentos e envolvimento místico-comerciais.

O próprio aprendizado envolve uma série de rituais e segredos para os leigos. Para nós o que importa saber é quanto elas ganham, quanto tempo gastam entre a compra, os preparativos e a venda dos mesmos, e em que aplicam o dinheiro que recebem.

Todas as bairanas do acarajé fazem suas compras das matérias-primas, na sexta-feira no mercado de São Joaquim em Salvador. O preparo dos "quitutes" do tabuleiro é feito de véspera ou no próprio dia da venda, num esquema de produção doméstica para a qual concorrem todos os elementos femininos da casa nas diferentes etapas do processamento.

Hoje em dia, procurando aumentar seu campo de venda e a margem de benefícios, as "bairanas do tabuleiro", sobretudo as da orla marítima, vendem também peixe frito, siris escaldados e tira-gostos diversos.

Cada qual tem seu "ponto", local fixo num ponto estratégico como a vizinhança de um ponto de ônibus, ou de um bar.

Este trabalho também é estacional e o volume das vendas só vai aumentando com a chegada da primavera e nos fins-de-semana e durante os meses de férias e verão.

Além das vendedoras do acarajé, também estão incluídas aqui as vendedoras de doces e salgados de outra qualidade e em outras circunstâncias.

São mulheres que preparam balas de goma, cavaco, bôlo de estudante e geladinho para as horas da merenda e da saída escolar. Assim, quatro vezes por dia, as crianças compram essas guloscos mas pelo preço de 1,00 a unidade.

Em Arembépe não existe o hábito da criança levar um lanche para a escola e esta fornece a merenda escolar de maneira muito irregular. A compra da merenda é tradicional e compra-se uma ou várias especialidades segundo as posses da família e o número de filhos.

A venda é feita diretamente na porta da escola e geralmente por meninas. Mas as crianças também vão diretamente à casa de suas "freguesas" porque aí tem a possibilidade de comprar fiado.

Outras mulheres ainda, preferem vender pamonha, cocadas e queijadas ou outras iguarias, diretamente pelas ruas nos fins-de-semana ou então pedem à alguma conhecida que tem bibóca ou quitanda para colocar sua assadeira ou bocal de vidro em exposição na janela, dando em troca algumas unidades do produto à venda ou às vezes nada, se são amigas ou trocam outros favores. Algumas mulheres ainda vendem o mingau, como se fazia antigamente. Hoje em dia elas são bem menos numerosas e vendem menor quantidade ou fazem dessa atividade, uma atividade secundária ou ocasional em função da estação da pesca, quando os pescadores tem mais dinheiro.

Mas hoje em dia os pescadores substituíram o mingau pela cerveja...

As mulheres apontadas exercem, apesar da idade, outras atividades que cito somente à título exemplar: criar salindas e patos, tecer chapéus, jereré, tarrafas, fazer mingau e doces, etc

Cumprir notar que esta lista descritiva não inclui tôdas as atividades exercidas pelas mulheres ou seja, não inclui todos os tipos de atividades ou fontes de remuneração como tampouco inclui a quantidade global das atividades exercidas por cada mulher chefe-de-família, senão a atividade que constitui sua principal remuneração.

Sob a classificação artesanato, foram agrupadas tôdas as atividades como trançar palha (para chapéus, bolsas, esteiras e cercas para casas), tecer rês (hoje em dia mais como elemento decorativo ou ainda, como vestidos ou saídas de praia) bem como artigos realizados em madeira e couro (sandálias), macramé e juta; bolsas, tapeçarias, toalhas, etc...sendo que parte dêsse trabalho artesanal é realizado por remanescentes hippies do povoado, ou sob a orientação e encomenda dêstes que revendem depois para as "boutiques" da moda em Salvador.

Entre tôdas as atividades que aparecem sob o título genérico de DIVERSOS, cabe destacar que existe apenas uma mulher chefe-de-família que é assalariada de firma, trabalhando numa oficina da Loteria esportiva em Salvador; uma "alisadeira" de cabelo, e aquelas que "botam água e lenha de ganho".

A diferença primordial entre as atividades exercidas antigamente pelas mulheres do povoado e as atuais é que anteriormente, as atividades comerciáveis eram realizadas dentro do contexto da produção familiar ou caseira com todos ou quase todos os elementos femininos participando e a venda era feita pelos homens (por ex., os chapéus) ou por elas próprias em outros povoados mas jamais na própria localidade, com exceção daquelas que vendiam pratos preparados e outros quitutes nas próprias casas. Hoje em dia ao contrário a grande maioria das atividades remuneradas da população feminina se restringe ao próprio povoado.

Se retomarmos a leitura do relatório anterior*, veremos que as atividades remuneradas exercidas seja pelas mulheres chefes-de-família, seja pelas mulheres dos homens chefes-de-família, são, quanto à qualidade, exatamente as mesmas,** o que assim tentamos explicar:

- 1) Tôdas sofrem os mesmos condicionamentos e e para tôdas o "rito de passagem" à vida adulta é igual;
- 2) Vivem portanto a mesma estrutura dual: "interior-externo", - ou seja realizando para terceiros as mesmas atividades que realizam dentro e para a própria família;
- 3) A ausência generalizada de formação profissional e mercado de trabalho para mulheres no povoado de Arembépe;

* Cf. pp. 17-18- Atividades exercidas pelas mulheres e/ou companheiras dos homens chefes-de-família.

** - Ver quadro B, nos Anexos.

Assim para os conhecidos cobra-se menos, para os que vem de fora mais. Se fornecerem o sabão também custará menos. No entanto, que a roupa seja só lavada ou lavada e passada o preço é o mesmo. Um cliente fixo pagará menos e poderá pagar por mês.

A maioria das lavadeiras tem um ou 2 clientes, ou seja, uma ou 2 trouxas por semana variáveis no peso. Todas consideram que é uma das atividades mais exaustivas e menos remunerada.

Algumas trabalham fixo para pensões, só lavando lençóis e toalhas e ganham melhor.

As mulheres que trabalham como empregadas domésticas para os veranistas, só aceitam lavar peças pequenas ou roupa de criança.

A "trouxa" é um trabalho à parte.

Em terceiro lugar temos as donas de "bibócas", quitandas, bares, pensão ou vendas. Podemos analisar e descrever todas ao mesmo tempo pois o "estabelecimento comercial" situa-se na própria casa e todas elas em geral, conjuram as atividades da própria casa com o atendimento dos fregueses o dia todo, fazendo-se substituir às vezes pelas filhas e mais raramente, pelo próprio marido.

Entre elas, as mais numerosas são as donas de "bibócas" e quitandas que ganham menos mas também dispõem de menor capital aplicado no negócio.

A "bibóca" ou quitanda, equivalem-se praticamente quanto ao tipo de produtos vendidos e a distinção é mais verbal, segundo a auto designação do seu dono.

A "bibóca típica" consiste no aproveitamento da janela da casa que dá sobre a rua, para aí expor os produtos à venda: verduras, frutas, guloseimas, doces, bebidas, e cada "bibóca" procura oferecer sempre o mesmo tipo de produto garantindo assim ao cliente a certeza de encontrar ali o que procura.

A quitanda também pode ser na janela ou ocupar como muitas vendas, toda a peça principal da casa que dá para a rua. A venda se faz pela janela que serve de balcão. Aí se encontrará sobretudo maior quantidade de produtos, quase sempre os mesmos, ou seja, aqueles que se sabe que são consumidos pela população local: quiabo, pimentão, cebola, mandioca, tempêros, limão, tomate, banana, côco mole, etc..

Nas vendas haverá enlatados: sardinha, leite em pó, mólho de tomate, além de alguns produtos de limpeza: sabão, anil, creolina. Já nos armazéns, com estantes e balcão no interior da peça principal haverá sacas de farinha e de arroz, feijão, macarrão, enlatados de aveia, leite condensado, produtos detergentes, fósforo, sal, açúcar, velas, carne de sertão, enfim todos os produtos alimentícios mais vendidos em Arambepe.

Em qualquer um desses locais de venda, poderá ou não haver bebidas: refrigerantes, cerveja e cachaça (em quase todas).

As mulheres funcionárias públicas não são muitas, numericamente falando (4), em Arambepe (6,77%) do total das mulheres chefes-de-família. É importante notar no entanto que todas essas funcionárias públicas são chefes-de-família. Duas são professoras primárias, uma das quais ocupa também o cargo de diretora da escola municipal e as outras duas são respectivamente: servente do Posto de Saúde local e professora secundária exercendo sua atividade fora do povoado.

Entre as mulheres chefes-de-família 4 são aposentadas pelo Funcional que concedeu uma aposentadoria por velhice extensiva a todos aqueles que sempre trabalharam na lavoura ou em outras atividades da região rural e costeira.

A segunda atividade mais realizada atualmente pelas mulheres em Arembepé é trabalhar como empregada doméstica. As antigas sadas também já exerciam tal atividade para os proprietários das fazendas de cêco da região, o mesmo em Salvador.

Hoje em dia elas há 16,94% mulheres chefes-de-família que praticam essa atividade e o costume é relativamente o mesmo: as famílias mais numerosas ou aquelas mais afortunadas por terem parentes e compadres na capital enviam a(s) filha(s) para exercer(em) uma ou várias atividades domésticas em troca de casa, comida, roupas, estudo e às vezes "alguma coisinha para ajudar os pais".

Porém, na maioria dos casos, elas voltam para casa na juventude, desencantadas por nada terem aprendido e por terem sido exploradas sem sequer poder reagir.

Atualmente há 3 tipos de domésticas em Arembepé: as jovens que continuam indo à Salvador na esperança de aí obter melhor salário, registro na carteira e talvez um "bom casamento"; - aquelas que trabalham no próprio povoado, seja para as famílias de veranistas, como zeladoras durante a ausência dos meses e "para todo o serviço", quando êles estão presentes e finalmente, aquelas que trabalham nas pensões e bares locais, como cozinheiras ou simplesmente "ajudantes", fazendo de tudo também e recebendo em troca uma porcentagem variável em função da receita do dia ou do fim-de-semana.

São raras as domésticas à tempo integral no próprio povoado e por duas razões: embora haja pessoas capazes de pagar uma empregada, elas aproveitam-se por ser "região rural, oferecendo salários muito baixos, não querem assinar a carteira e tampouco dão férias ou um dia de descanso por semana.

Considerando ainda as faltas de infra-estrutura local, onde são raros os encanamentos de água, lavar roupa só na Lagõa, ser doméstica em Arembepé implica ainda em ter que carregar água e ganhar entre 200 à 600,00 por mês.

Aquelas que exercem essa atividade em Salvador, ganham conforme o bairro entre 800 e 1.500,00 e voltam aos domingos à Arembepé para vêr os filhos e trazer dinheiro ou compras.

Temos em seguida as lavadeiras e passadeiras, que exercem uma das atividades mais árduas embora seu trabalho seja muito variável, conforme tentaremos descrevê-lo:

elas podem possuir bomba elétrica em casa e assim improvisam um tanque, lavando aí mesmo as roupas. Se tiver ferro elétrico e ganhar o suficiente para pagar a conta de luz, poderá utilizá-lo. Se tem filhas, noras ou mães, estas poderão ajudá-las em alguma das etapas.

Mas a maioria delas tem que carregar trouxas de 5 a 10 kgs. - bacia e sabão até a lagõa e aí, de joelhos ou agachadas sobre a terra úmida elas elas passam horas sob o sol, lavando, batendo, torcendo, etc Geralmente elas procuram desempenhar esta tarefa muito cedo quando o sol ainda não está forte e enquanto deixam a roupa guardando, vão dedicar-se a outras atividades. Muitas usam ferro à carvão, mesmottendo energia elétrica, para economizar, pois o preço pago por uma trouxa é por volta de 50,00, com mais de 5 kgs.

Tentamos verificar se o preço era fixado por kg, por peça ou tipo de roupa mas só conseguimos estabelecer uma lógica no sistema de preços da lavadeira/passadeira de Arembepé, será em função do cliente que o preço será estabelecido e não em função do volume de trabalho.

* Por "bom casamento" elas entendem algum homem que seja assalariado e cumprir dos seus deveres (econômicos junto à família.)

QUADRO N. 16

Status profissional das mulheres e homens chefes-de-família na época do primeiro trabalho e atualmente.

SEXO STATUS PROFISSIONAL	MULHERES				HOMENS			
	Nº TRAB.	%	ATUAL	%	Nº TRAB.	%	ATUAL	%
APRENDIZ AUTÔNOMO	6	20%	—	—	7	46,66	—	—
APRENDIZ ASSALARIADO	1	3,33	—	—	6	40%	—	—
AJ/FAMILIAR CAS/REMUNERADA	11	36,66	—	—	—	—	—	—
PROFISSIONAL AUTÔNOMO	—	—	10	33,33	—	—	9	60%
PROFISSIONAL ASSALARIADO	—	—	1	3,33	—	—	4	26,66
BISCATEIRO	2	6,66	4	13,33	2	13,33	—	—
PROFISSIONAL DOMICILIARES TRAB. DOMESTICO	9	30%	11	36,66	—	—	—	—
OUTRAS	—	—	4	13,33	—	—	2	13,33
DECLARADO	1	3,33	—	—	—	—	—	—
TOTAL	30	100%	30	100%	15	100%	15	100%

Este quadro confirma nossa hipótese de que a menina trabalhadora desde cedo como ajudante familiar, ou já exercendo atividades domésticas remuneradas, em troca de casa, comida e, eventualmente estudos, só poderá uma vez atingida a idade adulta, continuar realizando as mesmas atividades, visto que desde o início de sua vida ela não é orientada para outras perspectivas, nem recebe tampouco nenhum tipo de orientação e/ou formação profissional.

Ela terminará por obter uma autonomia financeira, de uma maneira ou de outra, mas não em função de si mesma, senão procurando dar aos filhos, tudo que necessitam.

Embora a maioria das mulheres já exercesse atividades remuneradas antes da primeira união, não será esta união que a tirará do mercado de trabalho, ao contrário, isto a fará procurar senão melhores, pelo menos maiores quantidades de atividades remuneradas.

Quanto aos homens, os resultados deste quadro também demonstram uma evidência: aprendizes autônomos (pescaria, aj/pedreiros, etc) uma vez jovens, serão profissionais no mesmo setor de atividade. Se entre os aprendizes assalariados temos, comparativamente, um menor número de profissionais assalariados, isso se deve ao fato de que qualquer aprendizado que ele tenha exercido, ele terá sido remunerado e muitas vezes eles próprios se auto-definiram como aprendizes assalariados por frequentarem o Exército e terem aí aprendido alguma atividade profissional.

Entre os biscateiros, atividade também bastante instável e ocasional, vemos dobrar o número de mulheres entre o primeiro trabalho e o atual. Já entre os homens tal atividade desaparece e entre os chefes-de-família nenhum declara exercer tal atividade, embora exista um.

Quanto às "outras" profissões, estão incluídas, donos de barco, aposentados, etc...

c) Quantidade

Número de atividades remuneradas e outras fontes de renda*, do total das mulheres chefes-de-família e das 14 mulheres que vivem com homens chefes-de-família e exercem atividades remuneradas**

*Outras fontes de renda: aposentado in, aluguel de casa, pensão filio.

** Ver quadro 1, nos Anexos.

Resultados globais:

Ativ. Principais		Ativ. Secundárias		Outras fontes de renda	
♀c	♀	♀c	♀	♀c	♀
60	58	47	20	20	1

A média de atividades remuneradas, exercidas pelas 59 mulheres chefes-de-família corresponde a 1,81 atividades (entre principais e secundárias), por cada mulher.

Uma vez realizadas essas 1,81 atividades remuneradas, cabe ainda à mesma mulher, tôdas as atividades voltadas para a família. As 20 outras fontes de renda que elas possuem são, na maioria - dos casos acumuladas às atividades constantes e ocasionais, com exceção de dois casos, em que a aposentadoria das mulheres chefes aparece como a única fonte de renda mensal.

Embora haja 141 famílias chefiadas por um homem, 130 somente - são constituídas por homens casados. Entre êstes, 64 tem mulheres que também exercem uma ou várias atividades remuneradas como constatamos nos resultados acima.

Essas 64 mulheres correspondem à 49,23% das mulheres casadas com um homem chefe-de-família, ou seja que a metade delas tôdas, também trabalha.

Infelizmente, por diversos limites que se impuseram a êste estudo não chegamos a computar os dados relativos às atividades por elas exercidas nem sobre sua contribuição econômica ao orçamento familiar, embora ela seja inferior à do marido.

Resultados da aplicação do budget-tempo às mulheres chefes-de-família entrevistadas(30), sobre as atividades remuneradas.

Concluimos que elas gastam por semana um total de 1.634 horas, realizando atividades remuneradas que lhes permitem assumir economicamente a família. A média é de 54.46 hs./semanais para cada mulher.

Entre os extremos, encontramos um mínimo de 24 hs/S, explicável porque a pessoa em questão veio morar na casa dos pais, depois de ter passado algum tempo na roça com o marido que adoeceu. Vivem juntos há apenas 3 anos, e tem duas filhas com 2 anos e 9 meses, respectivamente. O marido não trabalha há quase dois anos mas na casa dos pais da môça, além dela trabalhar, trabalha a mãe, um irmão separado e o pai recebe aposentadoria como ex-pescaador. Portanto, só tendo que participar nas despesas da comida, não tendo filhos em idade escolar e um teto de graça, esta entrevistada é a que dispense um mínimo de horas nas atividades remuneradas. Cumpre acrescentar todavia que ela deixou temporariamente de lavar para uma das freguêsas após o parto e que por outro lado, ela procura, mariscando, obter a comida diária sem gastar dinheiro.

Citação de trecho da entrevista:

"Ele adoeceu e como a situação tava muito ruim, nós veio prá casa de mãe. Tô com essas duas menina aí ainda pequenas mas marisco todo dia prá gente comê: com uns peixinhos a gente faz moqueca e com o uruá(marisco) tamoê. Eu faço tudo da casa e mãe ajuda. As compra eu faço aqui mesmo no Arembere e o pai trás de Camacari quando vai receber a aposentadoria, todo mês".

Quanto ao máximo de horas gastas por semana nas atividades remuneradas, encontramos 111 hs. para a mesma senhora que, no capítulo anterior aparece com um mínimo de horas por semana de atividades domésticas; ela tem 39 anos e exerce duas atividades remuneradas que tomam quase todo seu tempo diário, já que ela é responsável do sustento de onze pessoas.

Citação de trecho da entrevista:

"Trabalho em ponto de acarajé há 26 anos. Aqui nesta casa é uma pessoa só para tudo: a comida, os gastos de todo dia, tudo é eu. Venho lutando desde o início até a data presente. Só comecei a vender acarajé quando comecei a construir família. Nunca tive marido não. Meus menino tiveram vários... Le ajuda - pra quê? Eu nunca puxei pra eles me ajudarem, também eles nunca moraram na minha casa. Eu gosto de viver minha vida livre. Não gosto de ninguém me dizendo: você tem isso porque eu te dei! Tu do foi por meus esforços. Tenho também essa bibóca aí. Daí só sai o dinheiro do café e do pão, a gente é 11 aqui em casa. Fixo. Eu vendo azeite, pimentão, quiabo, tomate, cebola, limão, pimenta, banana, côco, pipóca, guloseimas, mas tudo de pouquinho que aqui ninguém compra bastante de vez. É tudo 1, 2, 3... Nada de kg. nem meio-kilo..."

Ela gasta em média 16 hs/DIA, entre as duas atividades remuneradas pois sua bibóca funciona "direto", como dizem no povoado, ou seja: abre às 7 hs. da manhã e funciona até 22 hs., sem fechar dia nenhum.

No único dia por semana que ela sai de Arembepe às 6 hs. da manhã (6as. feiras) para ir abastecer-se na Feira de São Joaquim, a filha ou a enteada substituem-na também na bibóca. Ela voltará carregada com mais de 30 kgs. de compras, entre o necessário para reabastecer a bibóca por uma semana; para garantir o fim-de-semana do tabuleiro e para alimentar onze pessoas durante 7 dias, pois em São Joaquim tudo custa três vezes menos do que em qualquer armazém de Arembepe. Às 20 hs., ela estará de volta com seus balaios e cestos de mercadorias.

A quantidade de horas que gasta uma mulher na execução de uma ou várias atividades remuneradas, dependerá de 4 fatores:

- 1) Do número de pessoas que dependem dela economicamente;
- 2) Do número de pessoas que de alguma maneira contribua ao orçamento familiar;
- 3) Do tipo de atividade que ela sabe exercer ou com a qual conseguirá melhor rentabilidade;
- 4) De poder ou não contar com ajuda externa: como rendas ou ajuda de parentes;

Entre as atividades remuneradas e não-remuneradas, as mulheres chefes-de-família gastam um total de 2.847 horas por semana /isto representa uma média de 84,2 hs. de trabalho, por semana, para cada mulher., ou ainda: 13,55 hs. por dia e por mulher. As 10 hs. restantes diárias, elas dormem: geralmente entre 19hs e 5 da manhã, ou entre 20/21 hs. e 6 hs. da manhã.

QUADRO N. 17

Auxílio dispensado às mulheres chefes-de-família na realização de suas atividades remuneradas.

QUANDO QUEM	QUANDO					TOTAL	
	SEMPRE	FREQUENTE	OCASIONAL	RARA	NUNCA		
COMPANHEIRO	—	3	1	—	10	14	
ASCENDENTES	(M)	—	—	—	3	3	
	(F)	1	3	2	—	3	9
FILHOS MAIORES	(M)	—	—	1	1	2	9
	(F)	4	3	1	—	—	8
FILHOS MENORES	(M)	2	3	7	4	23	39
	(F)	14	9	10	3	24	60
OUTROS PARENTES	(M)	—	—	—	—	6	6
	(F)	4	6	3	—	—	13
AGREGADOS	(M)	—	—	—	—	5	5
	(F)	—	—	—	—	—	—
TOTAL	25	27	25	8	81	166	
%	15,06	16,26	15,06	4,81	48,80	99,97	

Podemos constatar neste quadro que a maioria dos maridos ou companheiros não dispensa nenhum auxílio à mulher no setor das atividades remuneradas, como tampouco o fazia no setor das atividades das "ditas domésticas". Essa maioria corresponde à 71,42% dos 14 homens. Entre os ascendentes masculinos presentes na casa, NENHUM auxilia tampouco. E se 33,33% das ascendentes femininas também não auxiliam, os 66,66% restantes, portanto 2/3 auxiliam seja frequente, ocasionalmente ou sempre.

Entre os filhos maiores temos 77,77% que NUNCA auxiliam em contraste com as filhas maiores das quais 50% SEMPRE auxiliam e as outras 50% auxiliam frequente e ocasionalmente.

Entre os filhos menores também se destaca a diferença na participação por sexos e para um total de 39 meninos: 58,97% NUNCA auxiliam enquanto que sobre 60 meninas, 40% tampouco auxiliam. Como já mencionamos anteriormente, estes dados são muito relativos no caso dos filhos menores, porque nêles estão incluídas todas as crianças, desde os recém-nascidos até 17 anos.

Também entre os parentes a diferença se destaca por sexo e se entre 6 homens NENHUM ajuda, entre as 13 mulheres TODAS ajudam sendo que a maioria: 46,15% o faz frequentemente.

Entre os agregados nenhuma comparação pode ser estabelecida já que não há mulheres, mas quanto aos 5 homens, estes também nunca auxiliam.

d) Valor

Uma de nossas hipóteses seria de que o grupo familiar que depende economicamente da mulher chefe-de-família vive em maior grau de penúria, em termos comparativos com os grupos familiares chefiados economicamente por um homem.

Esta hipótese também aparece em outros estudos relativos aos grupos familiares matrifocais das Caraíbas, como em REICHEL-DOLMATOFF (61), ZUNIGA (62), MATTHEWS e LEE (63) PIZA-LOJES (64) e outros e é também o que constatamos em Aracajó.

QUADRO N. 18

Comparação entre a renda mensal dos homens e mulheres chefes-de-família

SEXO FAIXA RENDA MENSAL	HOMENS					♀ T	MULHERES					♀ T
	15/30	31/45	46/60	61 et +	T		15/30	31/45	46/60	61 et +	T	
1.001 a 1.000,00	—	—	—	1	1	5	1	1	—	7		
1.001 a 2.000	—	—	—	—	0	1	7	3	—	11		
2.001 a 3.000	—	2	—	—	2	1	2	2	—	5		
3.001 a 4.000	3	—	—	—	3	1	1	2	—	4		
4.001 a 5.000	1	—	—	—	1	—	—	—	—	—		
5.001 a 6.000	—	—	—	—	0	—	1	—	—	1		
6.001 a 7.000	—	—	1	—	1	—	1	1	—	2		
7.001 a 8.000	—	1	—	—	1	—	—	—	—	—		
8.001 e mais	1	4	1	—	6	—	—	—	—	—		

Constatamos com este quadro que as atividades remuneradas exercidas pelos homens chefes-de-família, permitem as respectivas famílias um nível de vida mais elevado se comparado com a renda mensal das mulheres chefes-de-família, onde a maioria se concentra na faixa de 1001 a 2.000 mensais sendo que de 1 a 4.000 cruzeiros é o que ganha a quase totalidade dessa amostra representativa do total das mulheres chefes-de-família. Portanto, 27 mulheres entre 30 ou seja, 90% delas, tem por limite 4.000 cruzeiros mensais enquanto que entre os homens, embora não haja uma concentração importante em várias faixas, haverá uma só, justamente na faixa mais elevada, daquêles que ganham 8001 e mais por mês, representando 40% do total dos homens entrevistados.

Categoria sócio-econômica do total de homens e mulheres chefes-de-família

- A = acima de 6.000,00/Mensais
 B = entre 3.001 e 6.000/M
 C = 1001 e 3000/M
 D = abaixo de 1.000/M

(61) REICHEL-DOLMATOFF I - op. cit.

(62) ZUNIGA N. "La familia campesina en Honduras", in Entregas n.40, 1969, Cidal/Tegucigalpa

(63) MATTHEWS L e LEE B. "Matrifocality reconsidered: the case of the rural afro-cubanese family", Seminar of the Committee on Family Research 1975/Bahama.

(64) PIZA LOJES L. "La familia matrifocal como mecanismo de adaptación de la mujer a su marginalidad" (mimeo) Bolet. de Antropología da Univ. de Costa Rica, 1977

<u>Categoria sócio-econômica</u>	<u>Homens</u>	<u>Mulheres</u>
A	23,40%(33)	5,08%(5)
B	31,91%(45)	16,24%(10)
C	34,75%(49)	57,62%(34)
D	9,92%(14)	20,33%(12)
Total	99,98%(141)	99,97%(59)

Mais uma vez constatamos a concentração de homens chefes-de-família nas categorias mais elevadas A e B, que corresponde à 55,13% do total enquanto que as mulheres chefes-de-família encontram-se concentradas na categoria C, com 57,62% e, se a minoria dos homens chefes de família ganha abaixo de 1000/Mensais, também é somente uma minoria de mulheres, ou seja: 5,08% delas que ganham acima de 6.000/M.

É interessante notar que enquanto as atividades masculinas, mesmo as artesanais como a pesca, vão sendo valorizadas com a introdução nas proximidades, de indústrias, e com elas, novos valores paralelamente; as atividades artesanais ditas "femininas" se desvalorizam com a introdução da economia monetária.

Segundo TINKER(65)"nas economias de subsistência há tarefas tradicionalmente determinadas para cada membro da família e todas elas são essenciais à sobrevivência da unidade familiar, seja esta a reduzida - unidade da família nuclear ou na família extensa. Assim, homens e mulheres têm duplas funções: papéis familiares e papéis econômicos. Mas em quase toda parte a " transformação" significou redução de papéis domésticos masculinos já que o desenvolvimento se preocupa prioritariamente com as atividades econômicas e nessas, o papel econômico tradicional das mulheres foi ignorado".

Hoje em dia, para ficarmos num só exemplo, os homens consomem muito - mais cerveja do que o antigo mingau, que aos poucos ganha moda entre os turistas em portanto ganhar valor. Assim, a cerveja porque enlatada ou engarrafada(industrializada) continuará custando várias vezes o preço de um copo de mingau.

É que subsiste na mentalidade masculina como na feminina a noção da - gratuidade dos serviços domésticos, interpretado sempre como uma realização visando exclusivamente o bem-estar dos membros da família. Entretanto quando estes serviços entram na economia monetária ou de mercado, prevalece a mesma mentalidade: não se pode cobrar (ou pagar) - muito por algo que sempre foi gratuito e que portanto "passou a não - ter valor em si".

Mas na medida em que as mulheres passam algum tempo trabalhando como domésticas em Salvador, elas conseguem adquirir uma certa consciência das garantias sociais ou trabalhistas hoje reconhecidas à essa atividade também. Assim, mais adaptadas aos valores de uma sociedade de - consumo elas exigem um salário mais coerente com a realidade, mas isso apenas em Salvador é possível, pois uma vez de volta à Arrebêde, - elas se encontram diante de uma menor procura e uma grande oferta de mão-de-obra feminina. Voltam então à trabalhar em piores condições materiais e ganhando uma remuneração inferior que não inclui mais casa e comida.

(65) TINKER I. Op. cit.

Partindo da consideração já bastante generalizada quanto à sua realidade, temos que mesmo para um trabalho igual a mulher recebe um salário menor do que o homem. Na realidade não é a qualidade nem a quantidade do trabalho o determinante em seu valor no mercado, mas o fato do trabalho ser executado por um homem, ou por uma mulher.

Entre as mulheres que tem um companheiro que não ganha o suficiente para sustentar a família ou que não dá nada em casa, elas tem que sustentá-los também.

Citação de trechos de entrevistas:

"Eu já trabalho o suficiente para mim e para meus filhos e não vou sustentar malandro" (Entrev. n.3/?)

"Eu é que me viro prá sustentar todo mundo. Quem dá tudo prá - êles sou eu: é comida, farda, livro, remédios..." (Entrev. n.2/?)

QUADRO N. 19

Mulheres em busca de trabalho atualmente*

NÍVEL INSTRUÇÃO	NUNCA TRABALHARAM							JÁ FIZERAM TRABALHO						
	PI	PC	SI	SC	SUP	INDEFINIDA	T	PI	PC	SI	SC	SUP	INDEFINIDA	T
14/19	5	5	-	3	-	-	13	2	4	3	-	-	-	7
20/24	2	3	1	-	2	-	8	8	7	-	-	-	3	10
25/30	-	-	-	-	-	-	-	5	5	1	-	-	-	4
31/40	1	-	-	-	-	-	1	2	9	6	1	-	-	4
41/50	-	-	-	-	-	-	-	9	3	1	-	-	-	4
51/60	-	-	-	-	-	-	-	8	-	-	-	-	-	2
61 2+	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	2
TOTAL	8	8	1	3	2	1	23	41	27	6	-	-	17	50

Estar em busca de trabalho não significa que estejam forçosamente sem trabalhar atualmente. Embora muitas tenham alguma ocupação, e mesmo remunerada, são ocupações, como vimos, incertas, árduas, temporárias, múltiplas e mal pagas, quase tôdas no setor de prestação de serviços, comércio de micro-detelhe ou biscate. No quadro acima o que nos chama mais a atenção é que são justamente aquelas que já trabalharam ou estão trabalhando, que seguem em busca de algo melhor. Entretanto a dificuldade básica delas, é que elas não tem nenhuma formação profissional que lhes permita obter melhores condições.

Com a criação da tibrás, criou-se nas mulheres também a expectativa de um trabalho fãbril, assalariado. Uma das reivindicações principais das mulheres locais é a da instalação de uma fãbrica que ocupe mão-de-obra feminina, ensinando-lhes ao mesmo tempo, uma profissão, como aconteceu com todos ex-serventes da Tibrás, hoje mecânicos, foguistas, torneiros, operadores, marceneiros, etc... A certeza das garantias sociais, das leis trabalhistas, repouso semanal e férias obrigatórias, B. salário e salário-fãmia, 1943, são "descobertas" relativamente recentes em Arambepã.

Entretanto mesmo se essas são as expectativas das mulheres, caberia sempre, começã-las antes da organização de cursos de formação para as mesmas. Condições para um tipo quase "pilotesco" tal como nos foi relatado pela representante de uma entidade que tra-

va um curso em Camacari para "Formação de Domésticas". Paralelamente, outro organismo governamental, propunha também um curso para soldados, com inscrições abertas à homens e mulheres. Enquanto as inscrições deste último foram preenchidas e mesmo ultrapassadas, o outro curso teve que ser suspenso por número insuficiente de inscritas.

Mas infelizmente a conclusão daquêles que elaboraram a proposta do primeiro curso mencionado, foi de que tendo o termo "doméstica", uma conotação pejorativa nos meios populares, o próximo curso que êles propusessem seria intitulado: "Auxiliares do Lar"...

Está claro que se na própria mentalidade dos planejadores, homens e mulheres, estão inscritos os mesmos condicionamentos sexuais, - êstes continuarão imaginando que o menino sonha em ser piloto e a menina em ter um filhinho...

Citação de trechos de entrevistas:

"No Pôsto de Saúde, como servente eu faço de tudo. Dona X, a enfermeira é quem me orienta: já faço curativos. Estou aprendendo - tudo. Quem não quer aprender prá melhorar? Quem quer ficar ruim tôda a vida?" (Entrev. n.19/♀)

"Aqui trabalho só em restaurante ou pensão mesmo. Num tem otro modo. Tô pensando em ir prá Camaçari otra vez. Trabalhá em firma. Já tenho irmã trabalhando lá. Eu mesma trabalhei numa fábrica de azulão quando tava casada. Minha mãe tá cum mêdo de fica com minha filha porque ela só tem 7 meses. Mêdo que fique doente. Na Tibrás que é perto, só tem mulhé no laboratório e como secretária. Eu só estudei até o 5. ano. Quem sabe dá prá eu trabalhá de servi cafézinho lá? Seria uma boa né? Eu vou preguntá um dia pro alemão que vem almoça aí na pensão. Êle até que gosta de mim" (Entrev. n.21/♀)

"Aqui a gente não acha nada mais prá fazê nem a gente querendo. Quando o dinheiro num dá, o único remédio é a gente comer menos" (Entrev. n. 24/♀)

"Trabalho em qualquer coisa. Nada fixo. É muito difícil de arranjá. Salvador é que é bom! O problema é o menino. Não dá prá leva junto. Até que aceitam. Passei mais de um ano numa casa, mas lá também tinha criança e quando êles brigavam eu ficava com raiva. Num deu mais. Também já pensei em trabalhá em Camçari mas lá a gente tem que alugá quarto e arranjá alguém prá cuidá do menino." (Entrev. n.30/♀)

F) - Conclusões

Gostaríamos de esboçar algumas conclusões que não podem entretanto serem revestidas de um caráter definitivo, diante da estapa de profundas transformações econômicas vivida atualmente pelo povoado de Areópape.

Se o papel sócio-econômico que desempenha a mulher chefe-de-família terá a ganhar ou a perder à longo prazo, em consequência dessas transformações é o que tentaremos analisar à seguir, com base nos dados obtidos durante a pesquisa de campo e aqui apresentados nos capítulos anteriores.

80

va um curso em Camaçari para "Formação de Domésticas". Paralelamente, outro organismo governamental, propunha também um curso para soldadores, com inscrições abertas a homens e mulheres. Enquanto as inscrições deste último foram preenchidas e mesmo ultrapassadas, o outro curso teve que ser suspenso por número insuficiente de inscritas.

Mas infelizmente a conclusão daquêlas que elaboraram a proposta do primeiro curso mencionado, foi de que tendo o termo "doméstica", uma conotação pejorativa nos meios populares, o próximo curso que êles propusessem seria intitulado: "Auxiliares do Lar"...

Está claro que se na própria mentalidade dos planejadores, homens e mulheres, estão inscritos os mesmos condicionamentos sexuais, êstes continuarão imaginando que o menino sonha em ser piloto e a menina em ter um filhinho...

Citação de trechos de entrevistas:

"No Pôsto de Saúde, como servente eu faço de tudo. Dona X, a enfermeira é quem me orienta: já faço curativos. Estou aprendendo tudo. Quem não quer aprender prá melhorar? Quem quer ficar ruim tôda a vida?" (Entrev. n.19/♀)

"Aqui trabalho só em restaurante ou pensão mesmo. Num tem outro modo. Tô pensando em ir prá Camaçari otra vez. Trabalhá em firma. Já tenho irmã trabalhando lá. Eu mesma trabalhei numa fábrica de azulajo quando tava casada. Minha mãe tá cum mêdo de fica com minha filha porque ela só tem 7 meses. Mêdo que fique doente. Na Tibrás que é perto, só tem mulhé no laboratório e como secretária. Eu só estudei até o 5. ano. Quem sabe dá prá eu trabalhá de servi cafézinho lá? Seria uma boa né? Eu vou preguntá um dia pro alemão que vem almoça aí na pensão. Êle até que gosta de mim" (Entrev.n.21/♀)

"Aqui a gente não acha nada mais prá fazê nem a gente querendo. Quando o dinheiro num dá, o único remédio é a gente comer menos" (Entrev. n. 24/♀)

"Trabalho em qualquer coisa. Nada fixo. É muito difícil de arranjar. Salvador é que é bom! O problema é o menino. Não dá prá leva junto. Até que aceitam. Passei mais de um ano numa casa, mas lá também tinha criança e quando êles brigavam eu ficava com raiva. Num deu mais. Também já pensei em trabalhá em Camçari mas lá a gente tem que alugá quarto e arranjar alguém prá cuidá do menino." (Entrev. n.30/♀)

F) - Conclusões

Gostaríamos de esboçar algumas conclusões que não podem entretanto serem revestidas de um caráter definitivo, diante da estapa de profundas transformações econômicas vivida atualmente pelo povoado de Arembepe.

Se o papel sócio-econômico que desempenha a mulher chefe-de-família terá a ganhar ou a perder a longo prazo, em consequência dessas transformações é o que tentaremos analisar a seguir, com base nos dados obtidos durante a pesquisa de campo e aqui apresentados nos capítulos anteriores.

81

Sobre o total de 200 famílias possuindo só uma pessoa responsável pelo orçamento familiar, vimos que 141 dessas famílias eram constituídas por homens chefes-de-família e 59 por mulheres chefes-de-família o que confirma as porcentagens obtidas durante nosso levantamento bibliográfico, expresso na introdução deste trabalho.

Se admitirmos como BOSERUP (66) ou TINKER (67) e outros autores mais, que a "modernização" tem causado um impacto adverso às mulheres pois estas só são consideradas enquanto complemento de um homem - então podemos afirmar que esse número de mulheres chefes-de-família tenderá a aumentar pois as mulheres também tentarão obter (através do exodo para os grandes centros urbanos), melhores oportunidades e condições de trabalho, na medida em que as atividades tradicionais que elas realizam vão desaparecendo gradativamente dentro de um novo contexto econômico.

De acordo com nossos informantes, a quase totalidade de seus ascendentes femininos sempre trabalhou visando prover a subsistência da família.

As atividades de suas mães e/ou avós eram realizadas na maior parte, dentro de um sistema econômico não-monetário. Essas atividades eram consideradas fundamentais, seja para o escoamento direto do excedente da produção familiar, seja como atividade paralela mas sempre com o mesmo objetivo: a sobrevivência do grupo.

Talvez por nunca terem centralizado suas observações sobre o papel real das mulheres, dentro da família e da sociedade, censoadores e pesquisadores - numa classificação precipitada ou padronizada - sempre atribuíram à priori, o papel de chefe-de-família, à figura adulta de cada família ou unidade doméstica.

A existência das mulheres chefes-de-família é um fenômeno estrutural, organizada principalmente em torno de núcleos matrifocais extensos ou reduzidos, existentes em toda comunidade que vive dos setores de atividades de subsistência e autônomas.

Nossos entrevistados referem-se ao trabalho de suas antepassadas, como uma tradição própria ao seu meio-ambiente. Isso torna difícil afirmar que a existência das mulheres chefes-de-família seja apenas recente e em resposta às atuais dificuldades econômicas que atravessam todo o país, dado o processo inflacionário da economia brasileira.

Embora tal aspecto não possa ser subestimado, tampouco podemos subestimar a realidade histórica da região que relata e comprova uma tradição do trabalho das mulheres como participação básica no orçamento familiar.

Tudo indica também, que a existência das mulheres chefes-de-família, ao invés de apresentar-se como uma "disfunção social", tem todas as características de uma funcionalidade requerida dentro do contexto estudado, ainda que, voltamos a repetir, ignorada pela maioria dos estudiosos limitados à sua própria visão de mundo, ao tentar extrair de cada realidade, o reflexo da própria realidade de vivida por eles.

A existência do trabalho feminino e familiar, como fonte de sub -

(66) BOSERUP E - Op. cit.

(67) TINKER I. - Op. cit.

sistência não é um fato inédito, nem tampouco consequência recente da miséria generalizada de certas camadas da população, nas quais a miséria é um estado endêmico. Ao contrário, é nesta fase de transição que as possibilidades de trabalho remunerado para as mulheres tornam-se cada vez mais exíguas, seja qualitativamente, (redução da diversidade de ocupações), seja quantitativamente, (concorrência maior e oferta cada vez menor) Esses são os primeiros resultados que se fazem sentir como consequência do processo de modernização e de industrialização da área.

Visando adaptar o homem das zonas rurais às novas modalidades do sistema econômico monetário, ignora-se por completo o volume e o valor da produção feminina nos planos e projetos de desenvolvimento.

Nesses planos fala-se em desenvolvimento e quem menciona desenvolvimento diz elevação do nível de vida e ao falar-se em elevação do nível de vida, fala-se em família e ao falar-se em família, subentende-se chefe-de-família e por chefe-de-família, entende-se o homem adulto da casa e está criado um círculo vicioso.

Os habitantes locais, ou seja (a grande maioria do grupo masculino) já interiorizou os novos valores, veiculados pelos veranistas, pela televisão e pelas empresas aonde muitos deles trabalham hoje em dia.

Esses valores implicam no aumento do nível de vida mas que no caso é traduzido por um aumento de consumo. Aliás isso corresponde exatamente ao objetivo último da modernização: ampliar o mercado de consumidores nos países em desenvolvimento.

Porém, maior consumo sem informação nem orientação, significa que ao invés de uma casa ou um bom barco equipado, ou mesmo enviar os filhos à Universidade, os homens locais limitam-se à comprar as prestações: relógios eletrônicos, televisão, conjunto Hi-Fi, cu trocam a cachaça pela cerveja e fumam cigarro com filtro. Enfim, gastam tudo o que ganham nos símbolos mais evidentes de status, em detrimento até da quantidade e qualidade da alimentação familiar.

Na realidade, agindo assim, os habitantes de Arembepe estão transformando uma expectativa de ascensão social, que, não sendo verdadeira nem concretizável, é mascarada por um consumismo que garante uma imagem ou uma aparência, detrás da qual não há uma mobilidade vertical real.

A Sudepe, através do convênio Pescart/Ematerba, tem procurado ensinar aos pescadores as vantagens da colônia e dos princípios de solidariedade de classe, coletivização dos meios de produção e formas de organização comercial.

Paralelamente, tem sido efetuados cursos sobre técnicas e equipamentos de pesca mais aperfeiçoados que permitirão maior produção. Assim, aos poucos (dois anos de trabalho efetivo) vai-se esboçando um clima de confiança mútua e de equipe, visando a iniciativa dos próprios interessados na busca de fórmulas diversas que ultrapassem o trabalho individualista, através da concepção de entrepostos e cooperativas que lhes permitirão eliminar os intermediários assegurando por si próprios a difusão e a comercialização da produção pesqueira, aumentando assim, a margem de lucro.

Esse trabalho de informação, conscientização e formação é cotidiano, vazaroso e longo. Para isso a Ematerba implantou na localidade um escritório que conta com um engenheiro técnico de pesca e uma assistente-social que se instalaram no próprio povoado para criar uma melhor integração junto à comunidade.

Entretanto, embora a assistente-social se ocupe das mulheres dos pescadores, a finalidade do seu trabalho é a solução de casos individuais e problemas familiares de relacionamento.

Ela tem procurado também, reunir grupos de mães e de jovens, solicitando destas a escolha de temas para palestras e debates, visando assim, conhecer o nível de informação e desenvolver um espírito de iniciativa entre as mesmas.

Ela tem procurado principalmente motivar os jovens à participação de cursos de formação paralela ao ginásio, trazendo à localidade alguns desses cursos, em convênio com outras entidades. Mas isso não significa que haja uma política com objetivos específicos nesse sentido, desenvolvida pela Ematerba ou pela Sudepe, visando a integração das mulheres à coletividade profissional dos pescadores.

Segundo BOSERUP(68) "o treino em trabalhos e artes domésticas que é com frequência oferecido às mulheres como certa compensação pela recusa em dar-lhes formação e emprego nos setores modernos, é como um método deliberado de reduzir o número das mulheres que possam vir a competir com os homens pelos melhores empregos".

Para as mulheres de Arembepe, a Ematerba nada significa, ou a Sudepe. Mesmo que os pescadores adquiram melhores técnicas e obtenham talvez, algum crédito para equipar seus barcos; os usos e costumes fazem com que o homem ao obter melhores ganhos, gaste-os consigo próprio e, eventualmente na casa, comprando, como já mencionamos, objetos que traduzirão sua melhor situação financeira, sem que isto altere objetivamente (na maioria dos casos), o nível de vida de uma família, que não pode ser medido através da aquisição de objetos de prestígio mas sim através de uma melhor nutrição, de estudos e outros benefícios visando todos os componentes da família.

A posição pré-estabelecida dentro de um contexto patriarcal e capitalista, aonde a mulher deve assumir o rígido papel de dona-de-casa(espôsa e mãe), independente do contexto de classes, não está prestes a mudar mas ao contrário, tende a acentuar-se, quando os próprios organismos nacionais ou estaduais, voltam-se exclusivamente para a formação e especialização do elemento masculino. Reforça-se assim, o modelo próprio à classe-média, aonde, em princípio, o homem mantém a mulher dependente economicamente e portanto à sua inteira disposição.

A política da Sudepe é contraditória com seus próprios objetivos/ aumentar a produção pesqueira, eliminar os intermediários, aumentando assim o padrão de vida dos pescadores e evitando o exódo rural.

Mas tais objetivos jamais poderão ser alcançados enquanto as mulheres locais forem excluídas de qualquer projeto de formação de mão-de-obra local e de integração da mesma na nova economia de mercado e nos novos setores de produção.

As mulheres chefes-de-família constataam aos poucos que a variada gama de atividades que elas exerciam reduz-se cada vez mais e hoje em dia, elas limitam-se exclusivamente às atividades artesanais, ao comércio de micro-detelhe, aos biscates e às atividades que são simples extensão das tarefas ditas "domésticas". A proporção de mulheres no setôr industrial é nula.

No caso dos homens chefes-de-família, produz-se o inverso como vimos ao traçar o perfil de ambos, o que vem a confirmar que o mercado de trabalho capitalista limita o acesso à mão-de-obra feminina.

Qualquer que seja o nível de educação formal das mulheres, há uma grande sub-utilização do potencial feminino em virtude da ausência de formação profissional e ausência de expansão do mercado-de-trabalho para essa mão-de-obra feminina.

A mulher chefe-de-família, responsável por vários dependentes, tem que fazer face à miséria, lutando com seus poucos recursos: saúde, força-de-vontade, tenacidade e obstinação, usando seu limitado campo de conhecimentos restrito à área doméstica, única para a qual tôdas as mulheres foram preparadas.

Ela encontra-se assim diante de uma dupla contradição: obrigada à assumir as responsabilidades familiares previstas pela sociedade e também as responsabilidades econômicas, não previstas pela sociedade; e a incapacidade das estruturas sócio-econômicas vigentes de criarem soluções adequadas para esse tipo de realidade, ao invés de negá-la, simplesmente.

Existe uma defasagem profunda entre os projetos estaduais para a localidade de Arembepe e as perspectivas de seus habitantes; enquanto o governo, através da Sudepe, projeta há dois anos, a promoção da pesca artesanal, o pescador, conta há 6 anos, com um novo elemento de comparação que é a indústria.

Embora ele perceba que pode haver uma melhora objetiva nas condições da pesca artesanal (em comparação com o que foi no passado) esta continuará submetida aos limites impostos pelos fatores naturais, pelas estações do ano, ao mesmo tempo que ele pescador, mantendo-se autônomo, dificilmente terá trabalho o ano todo ou poderá obter algum crédito que lhe permita tornar-se dono de um barco.

Portanto, enquanto os homens passam da autonomia à proletarianização, ao mesmo tempo em que a economia evolui da formapré-capitalista à era do capitalismo industrializado, eles pensam obter algumas compensações em comparação às incertezas da pesca; aspectos que comparados ao modo de vida anterior de miséria e imprevisibilidade, se lhes afigura como uma conquista e uma evolução no plano pessoal e social.

A degradação da passagem da profissão autônoma para a produção em série e do cartão de ponto, não é assim considerada.

As mulheres que antigamente estavam envolvidas em atividades de troca e portanto também autônomas, com a passagem para o sistema monetário, elas vão constatando, dia à dia, que as antigas atividades que exerciam perdem aos poucos sua razão de existir, diante de uma indústria que produz tudo em larga escala, reduzindo o tempo e o custo do processamento dos produtos e tornando-os mais atrativos através das embalagens e da propaganda.

Elas estão conscientes da degradação financeira e penúria crescentes que estão sofrendo cada dia, limitadas ao exercício das atividades domésticas para terceiros ou ainda, à produção caseira também aleatória (em função de veranistas e turistas que variam de reação conforme a moda), ao compararem a própria realidade com a da das famílias que tem um homem chefe-de-família responsável.

No entanto, como muitas delas também tem um companheiro dentro de casa, elas consideram a própria situação de degradação e miséria, dentro dos limites de uma situação individual e não com a dimensão de um problema social.

Conscientes ainda da própria capacidade de trabalho, mas diante de um mercado de mão-de-obra feminina cada vez mais saturado, - elas terminarão por migrar.

As mulheres também tem perspectivas, em maior grau para seus filhos que para si próprias, porque elas conhecem os limites impostos pela falta de dinheiro que poderia permitir-lhes a busca de melhores condições de trabalho, porém más longe; das responsabilidades familiares que as impedem de ausentar-se por semanas ou meses por causa dos filhos menores; pela falta de capacitação - que lhes será exigida em qualquer lugar.

Portanto a consciência que elas tem da relação direta entre a educação, a formação e a possibilidade de emprego, é total. A insuficiência ou falta de orientação profissional e técnica, - dentro da educação formal oferecida à população feminina, incide obrigatoriamente nos resultados desfavoráveis de sua presença no mercado de trabalho.

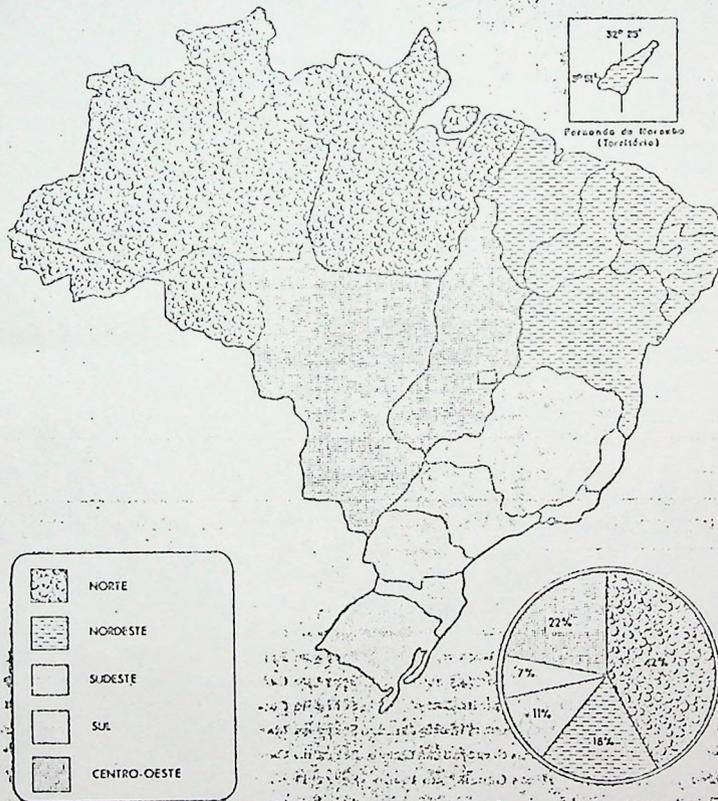
O fato de que a capacitação da mulher não se realize de acordo com o desenvolvimento econômico, transforma-a numa mão-de-obra, desqualificada, apta somente a permanecer nos setores de subsistência e autonomia que segundo FRANK(69) corresponde "ao desenvolvimento e funcionamento deste sistema capitalista, um sistema que produz necessariamente tanto o desenvolvimento quanto o subdesenvolvimento, que afirma a existência de setores considerados mais dinâmicos em nossa economia que dependem justamente em grande parte dos setores estagnados ou mais atardados... "Para LACLAU(70), "o setor moderno e o setor tradicional formam uma unidade indissolúvel, pois a expansão do setor moderno se faz graças à manutenção do atraso do setor tradicional. Este se mostra bastante útil à acumulação capitalista, na medida em que permite manter relativamente baixos os preços dos produtos agrícolas. Tal fato que produz uma mão de obra não especializada, disponível e em reserva, serve indiretamente ao capital industrial".

Portanto, mesmo que cada mulher, diante da realidade que vive, - possa adquirir consciência dos limites que a sociedade capitalista e patriarcal impõe ao grupo feminino, isto pouco lhe servirá visto que o próprio grupo masculino da localidade ou das esferas mais elevadas constituem um muro intransponível à sua realização econômica e auto-suficiência consequente.

(69) FRANK A.G. - "Agricultura brasileira: capitalismo e o mito do feudalismo", in Revista Brasiliense, n. 51, 1964/São Paulo.

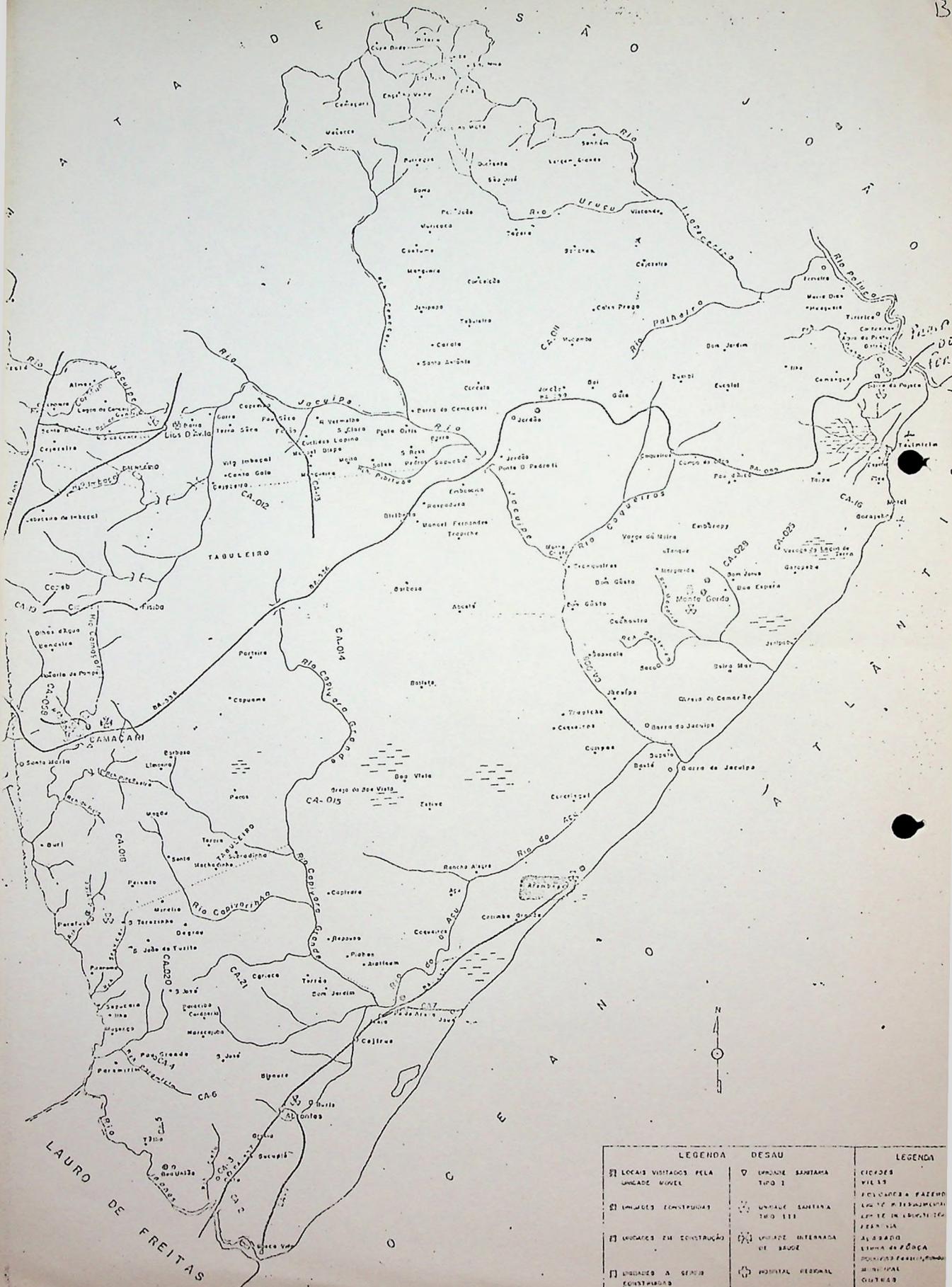
(70) LACLAU E. "Feudalismo e capitalismo na AL", in T. A. Santiago: América Colonial, Ed. Pallas, 75/RJaneiro.

ÁREA DAS GRANDES REGIÕES



MAPA DA REDE RODOVIÁRIA MUNICIPAL DE CAMAÇARI

B

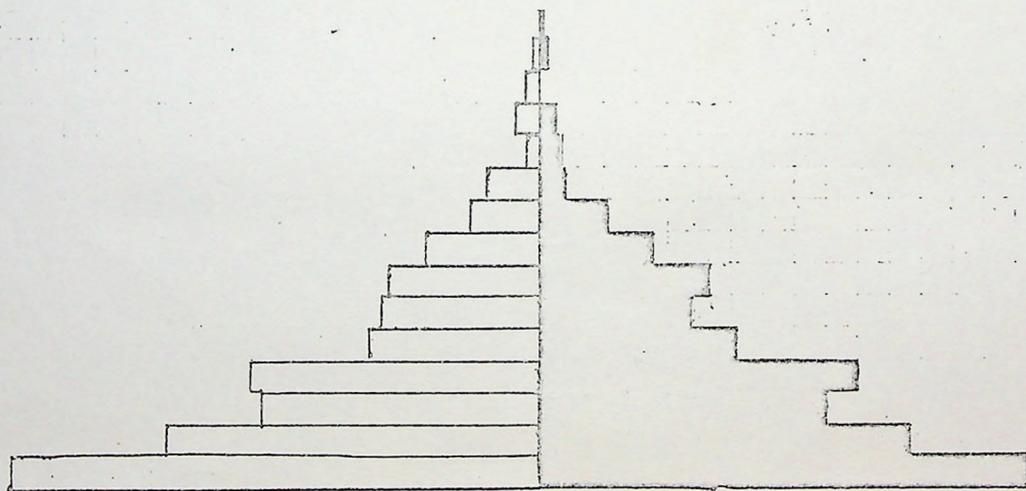


LEGENDA DESAU		LEGENDA	
	LOCOS VISITADOS PELA UNIDADE MÓVEL		CICLOS DE SAÚDE
	UNIDADES CONSTRUÍDAS		POLICLÍNICA FAZENDA
	UNIDADES EM CONSTRUÇÃO		UNIDADE DE ATENDIMENTO
	UNIDADES A SEREM CONSTRUÍDAS		UNIDADE DE ATENDIMENTO
			UNIDADE DE ATENDIMENTO

QUADRO N.

POPULAÇÃO

Composição por idade



0
1
3
8
4
16
21
35
48
50
53
91
89
119
168
♀

1
2
—
5
7
9
21
36
53
48
61
100
90
117
154
♂

TOTALS
POR
SEXO



95+
88-94
81-87
74-80
67-73
60-66
53-59
46-52
39-45
32-38
25-31
18-24
11-17
6-10
0 a 5

ESCALA
DE
IDADES

Mulheres chefe-de-família (59) e mulheres dos homens chefes-de-família (64)

ATIVIDADES REMUNERADAS E OUTRAS FONTES DE REND. (QUANTIDADE)	CULTEIRO			CANTINHEIRO						CANTINHEIRO						T	
	P	S	PR	P	S	PR	P	S	PR	P	S	PR	P	S	PR		
DOMÉSTICA (partic., de pensão, resto ou bar)	1	1					2	1		1	2				1		2/10
VENDEDORAS: TAVALEIRO, doces/salgados/mingau/salada e tira-côsto.	3			1	4		4/6	1/3/1	1	1	2	1			1		12/16
VENDEDORAS: frutas, verduras, peixes e camarões doces e salgados.								1						1			3
Donas de bifeão, bar, vanle, pensão, quitanda, resto.				1	1	1	2/2	2/2		1			1				5/8
ARTESANATO: palha, rãde, costura.					5		2/1	1	1	1	2			1			8/7
MARISQUEIRA													1		1		2
SUPREENDORA: árua, lenha	2				4	1	2/1	2/1	2		1	2			1		11/7
RENDAS: Aluguel de casa											1	1		2		1	1/5
RENDAS: Aluguel de casa											1	1		2		1	5/5
RENDAS: Aluguel de casa	1									1	4	2			1	1	7/10
ENXABEIRA/TABULEIRA	1	2			1	5	1	9/2/1		1	1	2			1	1	13/13
ENXABEIRA/TABULEIRA							1			1		3					4/4
DIVERSAS: MÃE-de-Canto, dentista, porteira, costeira, arroladora de café e cereais, alisadora de cabelo, assalariada de firma, criação de aves, suprimento de café, etc.	1	3			3	3	5/4/1	1/1/1		2	1		1	1	1		15
TOTAL	6	9	0	0	1	1	1	28/10	5	5	13/2	9/6	2/2	1	1	1	43/7

MOBRAL

22

22

EVIZIENDO, Marija de Athayde

AUTOR

O papel p^o - econ^omic das

TITULO

mulheres chefes-de-fam^olia.

NOME DO LEITOR

Empr^otimo

Devolu^oBo

Leonor Queiroz 18/07/85 18/02/85

Lu^o Leira Chaves (Ser^o)

D... 12/11/85 10/11/85

Prove que sabe honrar
seus compromissos,
devolvendo com
pontualidade
este livro à Biblioteca.



mobral